"— Minhas Senhoras e meus Senhores!

o noivo de minha irman."

UM personagem de muita circumstancia, disse Stellinha. Chama-se Medeiros e é politico, jornalista, orador e poeta. E' de vel-o, meus senhores e minhas senhoras, quando ergue a voz no meio da sala, a recitar um soneto que começa assim: "Eu te amo com amor que nada eguala," e emquanto recita, olha a mana de soslaio . . .

MEDEIROS, como todos os homens que se dedicam a trabalhos intellectuaes, submettidos, constantemente, a forte tensão espiritual, soffre de violentas dôres de cabeça, fadiga cerebral e abatimento nervoso. Mas é questão de minutos, pois que elle tem sempre á mão a

CAFIASPIRINA

e, com dois comprimidos apenas, consegue rapido allivio e recupera toda a energia para o trabalho. "Por isso, disse elle outro dia, sorrindo, á sua noiva: sómente duas coisas levo sempre commigo a toda parte: o teu retrato e um tubo de **Cafiaspirina.**"

Excellente tambem para as dôres de dentes e ouvidos; nevralgias, enxaquecas, rheumatismo; consequencias de "noitadas," excessos alcoolicos, etc. Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

A proxima apresentação que lhes fará Stellinha, é do Exmo. Snr. Doutor, personagem a quem todos respeitam e estimam. Não deixem de fazer o seu conhecimento.

A celebridade que tem em todas as épocas, todos os gatos é de emprestimo. Uma tal celebridade provém da que tiveram seus donos. A celebridade dos cães é devida, apenas a seus proprios merecimentos. O cão de Ulysses dizem que morrera de alegria pelo regresso de seu dono.

Dagoberto recompensou a amisade que lhe consagrava um desses animaes com a mais negra ingratidão ordenando a um de seus lacaios que o lançasse a um fundo rio por estar elle com sarna. O cão de São Roque acompanhava sempre, por toda a parte, o santo prelado trazendo pendurada á bocca a sua bolsa de esmolas. "Nilda" — cadellinha de Cesar, muito satisfeita costumava buscar agasalho no manto de purpura do imperador. O cão que fôra o enlevo de Montargis estrangulou o assassino de seu dono. "Acteon" — o lindo galgo do filho de Catharina de Medicis, encontrára a morte por haver despedaçado com os dentes um missal envenenado que haviam offerecido ao soberano; "Graziella" — a formosa galga de Lamartine seguia por todos os cantos o notavel poeta das Meditações, tomando assento a seu lado quando este recebendo alguma deputação começava a fazer o discurso de praxe. "Fradet" — o cão favorito de Georg Sand, tinha, agitando a cabeça, movimentos quasi humanos. Muitos artistas celebres têm feito palpitar nas grandes telas, nos marmores brancos e nos bronzes afogueados os sublimes lances da amisade consagrada ao homem pelo canino.

Os cães mereceram paginas de ouro nas velhas chronicas da humanidade tendo, muitas vezes, figurado como ornamento das sepulturas e dos templos.

Nas sagradas ruinas de Thebas, nas pinturas que decoram os tumulos dos pharáos com relevos de granito e coloridos esmaltes são bem numerosas as esculpturas de caninos.

O cão nos velhos tempos é representado como um animal formidavel, com o talhe de um joven potro, com esse cunho de ferocidade peculiar ao leão, á zebra e ao touro selvagem.

Entre os gregos onde tudo é mais fino e mais castigado o canino é representado com fórmas alongadas, gracis e suaves. A cadellinha de Gabies do museu do Louvre é como que uma lebrezinha digna de cabriolar aos pés da caçadora Diana.

Entre os romanos o cão desempenha as funcções de porteiro — sendo força confessar que de modo assás satisfactorio. Em muitas casas é destacado este expressivo distico "Cave canen." O canino e o leão eram symbolos da coragem e da fidelidade.

* * *

Quando as letras resurgiram das trevas da idade média o canino era apreciado apenas pela belleza de suas fórmas e por seus meritos plasticos. A historia não cogita de suas qualidades moraes. Nos tempos que correm o tradicional e fiel amigo do homem tem servido como modelo para telas do mais elevado valor artistico.

Haja vista no primeiro lance das "Noces de Cana" do inspirado Paulo Veronense — quadro em que se destaca aos pés dos musicos que fazem viver alaúdes, e violas um casal de cães de pello acinzentado. Henrique III chegára a dispender annualmente a bagatella de cem mil escudos para a compra desses animaes.

O soberano conferira a condecoração do Espirito Santo a um fidalgo que o presenteára com um casal de "Turquets" — interessantes cãesinhos aquaticos do Oriente. O imperador era fanatico por estas graciosas bestinhas.

Mesmo em plena côrte nas suas audiencias costumava transportar em uma cesta a trindade canina que em maior grão soubera conquistar a sua amisade. Este berço de palha estava pendente mesmo do pescoço do soberano preso ao mesmo por uma faixa tricolor. Eram suas favoritas as tres bellas galgas que, eram os tres mais graciosos diabrêtes do mundo aos olhos do monarcha.

Com o maximo capricho educados e com os maiores desvelos, desde a mais tenra idade tratados attingiram a tal grão de perfeição que encostados ao throno faziam sentinella durante a noite. Cada qual, nos momentos de ronda, pousava as patinhas á borda macia de sua cesta desferindo, a cada passo dos olhos de lynce um fulgor estranho. Um pendulo de marmore roxo, com encrustações de ouro, cujo som lhes era familiar, regulava o numero de horas que devia abranger a guarda feita por cada um.

Desde que a sentinella percebia bater a hora em que deveria gozar do repouso mordia a orelha do companheiro dorminhoco que a deveria render.

* * *

Entre os cães como entre os homens existem especies e categorias. Alguns têm mesmo carta branca para entrar nos aposentos imperiaes. E os soberanos representam do melhor gosto o papel de seus "garçons." Varios tinham por costume levar em custosos pratos as melhores iguarias para esses animaes. Em toda as épocas foram os cães o assumpto favorito de grandes pintores. Desportes o pintava com o mesmo acuro de observação com que Mignard pintava os personagens da Côrte.

Para que possa ser avaliado o grão de amisade que certos vultos tinham pelos caninos bastará declinar que, madame de Sévigné em carta á sua filha — a condessa de Grignan, transmitte lembranças de Helène — que não passa de uma formosa galga. Mais tarde, quando madame de Tarente lhe trouxe de presente um cãozinho felpudo, perfumado e louro como o trigo maduro, ella escrevia á filha:

"Peço não revelar essa offerta á "Marphise," por que temo que possa receber censura."

"Marphise" era tambem uma linda galga.

Os caninos, quer os da realeza, quer os da autocracia, costumam fazer a sésta ao collo de sua illutres senhoras com as mesmas indo em visitas e passeios em suas luxuosas carruagens.

Na colleira do "king-charles" da marquza de Rambouillet, Benserade escrevera este madrigal:

"Je ne puis offrir de largesse
A celiu qui me trovera;
Mais qu'il me porte à ma maitresse,
Pour recompense, il la verra."

O canino da arstocracia é alvo de presentes: como perfumes "bonbons" e sabonetes.

Assim é que são os bellos "especimens" apresentados por Lavreince.

Sem esse cortejo de carinhos apparecem em telas os cães da burguezia; os cães da plébe — os commensaes das tascas e os transeuntes das viellas por onde a moralidade não transita.

E' muito conhecida essa especie nos pequenos flamengos que "costumam percorrer os bairros da miseria em busca do jantar."

Não existe procissão ou mascarada em que esses mal vistos bohemios não penetrem levando manjares, a menos que não se tenham occultado em qualquer canto para devorar materias em estado completo de putrefacção.

Os cães muitas vezes são baptisados com nomes muito ternos.

Pompadour fez esculpir em marmore-rosa, por notavel artista da côrte o seu canino "Fidelité."

Uma dama celebre do paço consagrava tanto amor a cadellinha "Follette," que uma de suas amigas puzera este original "adresse" em uma carta:

"A Madame X...

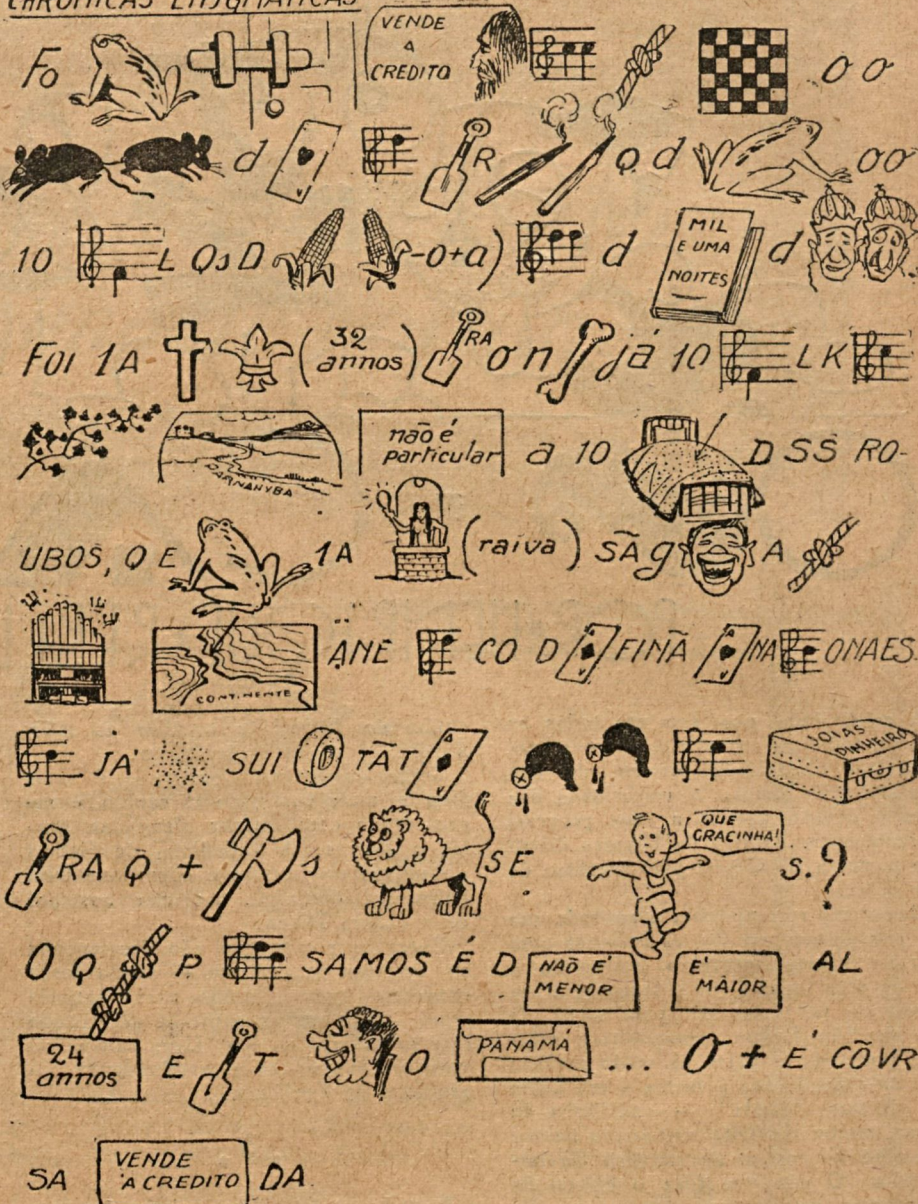
Chez "Follette"

O cão de umas tantas celebridades é mesmo considerado como um personagem.

"Voyez donc la main de mon chien dans la patte de mon mari!"

Esta exclamação é de uma princeza.

Em varios jardins os brancos mausoléos dos caninos contrastavam com o verde dos cyprestes que lhes davam sombra. Esses monumentos foram muito apreciados.

Quereis saber porque a natureza revestiu o canino de uma manta tão veludosa e colorida? Ouçamos Saint Pierre:

"As mantas dos caninos foram creadas com o fim de que suas fidalgas senhoras passem pelo logro de tomando sobre as mesmas assento confundil-as com as pelluginosas almofadas de seus divans."

Verdades Duras

Os Máos Remedios, os Remedios Ruins são Mais Perigosos do que o Veneno das Cobras.

Assim disse e assim escreveu o Dr. Peter Gray, distincto Parteiro e o Medico Especialista de maior clinica na Australia.

Esta é uma Grande Verdade, que o povo não deve nunca esquecer.

De uma carta deste illustre homem de sciencia, que recebi em Nova York, transcrevo o seguinte:

"Eu sempre odiei e continúo a odiar os Máos Remedios, fabricados e annunciados por pessoas ignorantes, que nada entendem de Medicina.

"Saiba, meu caro Sr. Dacio Arthenes de Avila, que os Máos Remedios são muito mais perigosos do que o Veneno das Cobras!

"Por isto, eu só receito e aconselho qualquer remedio depois de verificar durante muito tempo e examinar, com todo rigor, se realmente elle merece a minha absoluta confiança; porque não tenho o direito de brincar com a Saude e a Vida dos meus doentes.

"Foi o que fiz com o *Regulador Gesteira* e *Ventre-Livre*; quando elles começaram a ser annunciados nos jornaes da Australia e Nova Zelandia; examinei-os com o maior rigor, durante alguns annos, em minha clinica particular e tambem nos hospitaes, obtendo sempre as mais brilhantes provas de que estes dois remedios são os melhores, sem duvida nenhuma, os melhores que encontrei até hoje.

"São os unicos que inspiram confiança completa e despertam o meu sincero enthusiasmo.

"Aqui, em minha clinica, e nos hospitaes, receito e aconselho muito o *Regulador Gesteira* e *Ventre-Livre*, porque, pelos admiraveis resultados que consegui no tratamento das mais graves Molestias, pude certificar-me que são remedios de um Verdadeiro Medico Especialista."

∴

Muita razão tem o glorioso Dr. Peter Gray de fallar assim.

Eu tambem não posso perdoar que certos individuos que não são Medicos Especialistas, individuos que nunca estudaram Obstetricia, nem têm intelligencia bastante para comprehender Gynecologia e outras Especialidades difficillimas da Medicina, tenham a incrivel audacia, a criminosa inconsciencia de fabricar e annunciar Máos Remedios para a cura das mais arriscadas Molestias das Senhoras!

O povo não deve nunca esquecer o que disse o famoso medico australiano:

Os Máos Remedios, os Remedios Ruins são muito mais Perigosos do que o Veneno das Cobras.

• • •

Dacio Arthenes de Avila
(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Estrangeiros.)

Depois de se ter lavado os dentes com o dentifricio Odol, a bocca refresca-se como o corpo depois d'um banho. O Odol não só limpa os dentes como tambem os preserva da carie.

PRODUCTO DA

Companhia Castellões

Dr. Rubens Farrulla

Assistente de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Prof. Figueiredo Baena), cirurgia em geral. Tratamentos adequados, inclusive os mais modernos, pela electricidade medica, diathermia, raios ultra-violeta, etc.

Diariamente das 11 a 1 e das 4 ás 6 horas. Consultorio: 48, Rua 7 de Setembro, Telephone N. 3616. Residencia: Beira-mar, 2409.

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor-Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000 — Estrangeiro: 1 anno, 78$000; 6 mezes, 40$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones; Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247.
Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27, 8° andar, Salas 86 e 87

O "espirito" dos nossos homens publicos

Em 1882, quando cahiu o gabinete de 28 de Março de 1880 presidido pelo Conselheiro Saraiva, foi a Martinho Campos que D. Pedro II recorreu, incumbindo-o de organizar o novo ministerio. Martinho Campos ficou estarrecido. Elle não tinha geito absolutamente algum para a tarefa de governo. Vivera sempre a combatel-os quasi todos, com a sua ironia, com a sua mordacidade. Quiz recusar. Mostrou ao monarcha quanto lhe faltava para ir occupar uma posição que nunca aspirara e, de resto, tão contraria á sua indole. Mas D. Pedro insistiu. Não prescindia de seus serviços. Lembrou-lhe que tinha deveres publicos a cumprir. Fez-lhe ver que não poderia faltar a elles... E Martinho teve, mesmo, de acceitar...

Discursando, então, na Camara, na apresentação do gabinete de 21 de Janeiro, o presidente do Conselho não se conteve, explicando o seu entendimento com o Imperador:

— V. Exas. comprehendem as difficuldades em que me achei... Mais acostumado a embaraçar os governos do que a pensar em ser governo, tendo passado a minha vida inteira na opposição, devo declarar, apesar da justiça que faço a mim mesmo, que deste officio de opposicionista já eu sabia um pouco, mas quanto ao de governo nenhuma experiencia e pratica tinha...

* * *

Martinho Campos, em todo o seu espirito galhofeiro e brincalhão, era, não raro, de um grande atrevimento. Sobretudo para responder a desafôros, não havia como elle. A Silveira Martins, em certa occasião que este o atacava com o seu desabrimento habitual, Martinho replicou no mesmo tom autoritario e desdenhoso:

— Diga-me tudo quanto lhe vier á cabeça, que a ninguem pedirei licença para lhe dar o troco devido...

E o Senado, "aquella pacata assembléa," — commenta mais tarde o Visconde de Taunay — transformava-se, dentro em pouco, numa "arena de heróes de Homero, a se descomporem em todos os tons, antes da lucta corporal e decisiva..."

* * *

Foi na cidade de Caxias, por occasião das guerras que agitavam o Maranhão.

(De HEITOR MONIZ)

O brigadeiro Luiz Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, entrando, subitamente, no gabinete de seu ajudante de ordens, notou que este, muito vermelho e muito confuso, tratava de despachar apressadamente um cabo de esquadra que estava bem firme deante delle.

Reparando com mais attenção, Lima e Silva comprehendeu, então, o segredo daquelle vexame: o cabo era nada mais, nada menos, que uma authentica cabocla, bonita, atrahente, deliciosa fructa do matto...

O Duque de Caxias, notava o Visconde de Taunay, se era "terrivel e até implacavel em reprimir culpas graves," "estava sempre prompto a desculpar faltas ligeiras." Fingiu que não percebeu, mas disse, severo, rindo, talvez, por dentro, da "suprema confusão dos dois delinquentes":

— Este cabo parece bem geitoso e intelligente... Mande-o promover, com transferencia para batalhão bem longe daqui.

E sempre fixando-os:

— E não o quero encontrar nunca mais, ouviu sr. tenente?

* * *

Em 1848, ainda deputado, Francisco de Salles Torres Homem, publicou sob o pseudonymo de Timandro o seu famoso "Libello do povo," que é um livro terrivel contra a monarchia, contra D. Pedro II, contra toda a familia Bragança. Reconciliando-se, mais tarde, com as instituições e com o proprio monarcha, vindo a ser Senador, Ministro, Conselheiro de Estado, Visconde de Inhomirim, via-se Torres Homem sempre ás voltas com as allusões e as indirectas que os adversarios faziam ás suas idéas passadas.

Em 1871, da tribuna do Senado, exaltando Torres Homem, que era um orador maravilhoso, os "beneficios das situações conservadoras contraposta á esterilidade dos governos liberaes." Silveira da Motta, "franco, livre, audaz, algumas vezes intoleravel pelo seu tom imperioso," (como delle dizia Cunapio Deiró), foi-lhe em cima, directo, incisivo:

— Santo Deus! Dizer que é Timandro que está falando!

E com a voz sempre subindo de tom:

— Responde a si mesmo tantos annos depois!...

* * *

Angelo Moniz da Silva Ferraz, senador, e Barão de Uruguayana, ao assumir a presidencia do Conselho no gabinete de 10 de Agosto de 1859, teve de encampar as doutrinas financeiras de Salles Torres Homem, dando andamento no Congresso ao projecto bancario que o mesmo elaborara, mas o ministerio anterior não conseguira fazer approvar. Ferraz de defensor exaltado "da inteira liberdade de credito," estava, agora, como Torres Homem favoravel á limitação das emissões e já tivera de ouvir, silencioso, o que aquelle dissera da tribuna:

— Na apreciação das causas da quéda do cambio e da perturbação dos valores, nós nos empenhamos em provar que o papel se depreciava pela demasia da emissão e pelo abuso do credito. O gabinete actual convenceu-se de que tinhamos razão e adoptou o novo systema sem a menor hesitação...

Ferraz vingava-se, então, do autor do "Libello do Povo," dizendo em toda a parte:

— O Torres Homem é insigne em tudo; mas como marombista, ninguem imagina o que seja. Só vendo!...

* * *

O Visconde do Rio Branco era um dos maiores oradores que contou o parlamento do segundo reinado. Tinha na tribuna um grande dominio sobre si mesmo. Falava com elegancia, com eloquencia, com majestade. Elle, que já passava como um dos homens mais bellos de seu tempo, dominava na sua oratoria vehemente e inflammada, atingindo a alturas extraordinarias.

Pois esse tribuno aureolado, sempre que ia falar, tremia, antes, como um collegial que o professor pune em falso. E elle confessava:

— Nunca peço a palavra, sem que fique com as mãos frias e o coração apertado.

Fontes principaes: Taunay, "Homens e cousas do Imperio," Timon, "Estadistas e parlamentares" — os Annaes do Congresso — etc.

O ROMANCE ESCRIPTO

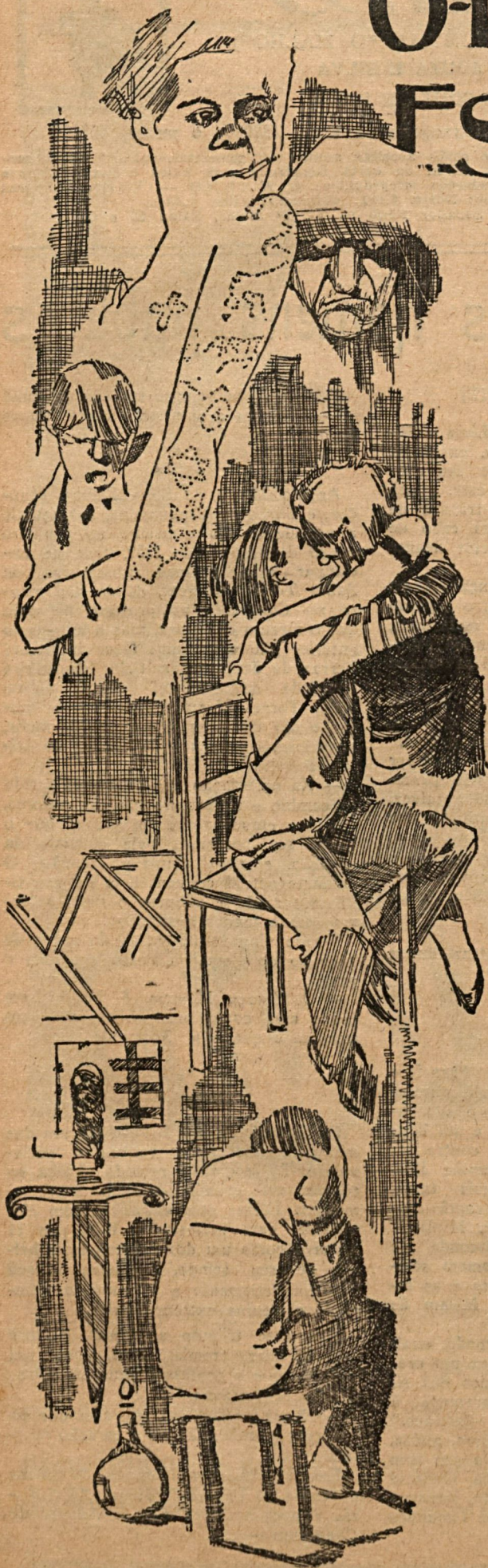
(Especial para O MALHO, de *Barros Vidal*)

Para observar, bem de perto, as curiosidades que a tatuagem, nos seus caprichos offerece, basta perder-se uma noite no "bass-fond" carioca. E é sem nenhum esforço que nos assaltam os olhos os desenhos mais excentricos, as figuras mais bizarras, os numeros e as phrases mais communs. Um decóte mais accentuado, uma saia um pouco mais curta ou uma mão espalmada trahem, o que se passa no intimo de tanta gente que tem na alma, escondido, um proposito de vingança, ou — na maioria das vezes — um grande amôr desgraçado. Porque a tatuagem no Brasil é uzada menos por superstição do que por amôr ou odio. Legado dos povos barbaros a tatuagem vem atravessando os seculos, incolume, sem evoluir.

Conservando os seus caracteristicos primitivos, reflectindo sempre aspirações irrealizaveis, sonhos desfeitos e desejos sem sórte. Nas baixas camadas sociaes onde ella predomina com o poderio de uma crença, a tatuagem é o recurso primeiro lembrado quando um grande desgosto assalta um coração ou quando um grande odio o afoga. Por isso, em todos esses meios deleterios proliferam os marcadores, homens que vivem do mistér de tatuar os outros. Se um delles sabe, por acaso, da dôr que tortura uma infeliz decahida, procura-a e ensina-a a acreditar na tatuagem como uma força sobrenatural capaz de realizar todos os milagres, e de prender nos grilhões da paixão mais violenta o temperamento mais indifferente.

A psychologia desses tatuadores é bem curiosa e já foi objecto de um profundo estudo de João do Rio, o mestre da chronica, o burilador de emoções da nossa linda cidade. Elles attendem mais aos proprios caprichos do que aos desejos dos seus freguezes, convencendo-os de que, conhecedores como são dos segredos do mysterio da tatuagem, mais facilmente visam o fim almejado. E estipulado o preço, com uma agulha fina o operador começa o trabalho, contornando o papel em que está pintado o desenho modelo. E, assim, fixam no braço ou no peito do freguez a colera surda ou o desespero mudo que bem representam as tremendas tempestades que se desencadeiam em almas infelizs...

*
* *

A Marocas Barradas, que acabava de entrar, as mãos afundadas nas ancas, o cigarro, fumegante, nos labios, e uma expressão canalha na physionomia, envelheceu nos prostibulos. Dotada de uma rara sensibilidade de espirito e de uma cultura rara, ella sem conhecer da vida outros aspectos que não aquelles, da depravação, da ruina e da dor, aos treze annos brotara, flôr ingenua, no lamaçal em que vivia a mãe. E com a morte desta ficou-lhe no logar, crescendo na mesma casa, no mesmo ambiente e até dormindo e vivendo o seu infortunio no mesmo leito. Aos quarenta e oito annos, agora, quando a neve da velhice lhe cahia sobre os cabellos e as rugas

NUM-CORPO de MULHER

lhe trahiam o inverno da vida — continuava ali, no lupanar em que passara sua desgraçada existencia.

— Que tem de interessante esta mulher feia?

— O seu passado, cujos trechos revivem em cada amulêto que se lhe espalha pelo corpo todo!

E a nossa informante despiu aos nossos olhos curiosos a alma da creatura estranha, materialisada nos seus proprios braços e no seu proprio corpo.

A palma esquerda da sua mão é, bem expressiva.

Representa um carcere. Porque? indagamos.

— Onde aquella mão cae, meu caro, domina. Se ella a deixa cahir nas mãos de um homem, prende-o para sempre...

E nos braços?

— Ha o enredo de uma tragedia. E' a reproducção de um drama de que ella propria foi protagonista ha quinze annos atraz. O seu "amant-du coeur", surprehendeu-a beijando outro homem, depois da meia-noite... Sacando de um punhal, matou-o e feriu-a.

O criminoso desappareceu e ella que o amava muito, não mais o quiz esquecer, nem ao motivo que delle se separou. E mandou fazer, então, o complicado desenho...

Ante o silencio a que a nossa surpreza nos levára a informante continuou:

— Isso é no braço esquerdo. No direito ella tem, gravado, o nome do pae, que nunca conheceu. Diz ella que, assim, um dia, poderá vir a encontral-o...

— Se o senhor visse as tatuagens que ella tem nas costas!... ajuntava uma moçoila loira, dezoito annos tristemente corrompidos que, ao nosso lado ouvia tambem as revelações de D. Thomasia, a dona da "pensão". E antes mesmo que esta esplicasse, a creança com a vivacidade de sua lúcida intelligencia, reproduziu em palavras simples o desenho a que se referia: acompanhando a columna vertebral até certa altura via-se um grosso tronco de arvore. Mais em cima, entre suas ramagens, distinguiam-se cabeças de serpente, terriveis, ameaçadoras, brutaes. Era para defender-se das pragas que lhe rogassem pelas costas. Acreditava que aquelle symbolo do mal annulasse todos os maleficios que lhe desejassem... Sobre o coração a Marocas trazia, lindo, um crucifixo. Sempre que lhe perguntavam porque escolhêra para aquelle logar uma imagem sagrada, ella esclarecia que o seu coração vivia soffrendo, e como symbolo de soffrimento não achava nada mais significativo do que o Christo crucificado. Por isso collocara-o ali, para ter nos seus transes amargos, sempre perto, o grande martyr. Nas coxas, ella reunira, em requintes de carinho, mais de trinta signaes — signaes de interpretações desconhecidas, porque ella sempre se negara a definir-lhes a razão de ser...

E d. Thomasia ia falando, depois da ligeira pausa a que se obrigou, quando Marocas levantando-se, lá do canto em que até então ficára, indifferente a nós, lendo um romance perguntou-nos:

— Que diabo estão vocês ahi a cochichar?

E antes de ouvir qualquer resposta:

— Não sei que valho para tanto se preoccuparem commigo!

— As tuas tatuagens, Marocas! respostou d. Thomasia.

Ella, o olhar enraivecido, batendo ao peito, cheia de colera:

— As minhas tatuagens? São minhas, minhas, são a minha intimidade, os meus segredos que não confio a qualquer um!...

— Ora! Se estão de fóra...

— Fóra das roupas, sim, mas dentro da alma! adiantou convictamente, sentando-se, agora, ao nosso lado. Mas ao cruzar as pernas descobrimos-lhe sob o calcanhar umas letrinhas miudas, muito azues... Ella, num relance comprehendeu, abaixando a perna, logo, afundando o pé na sandalia verde, e, erguendo-se. E andando, num gesto de odio, esclamou:

— Péstes do inferno, vocês vêm tudo!

D. Thomasia, que não lhe perdêra nenhum movimento, sorrindo e sacudindo a cabeça, interveiu:

— E' a ultima tatuagem que ella fez. Está fresquinha!...

— Umas letrinhas... avançamos.

— Um nome, completou ella, para entrar em detalhes, a seguir:

— A Marocas andava doidinha por um sargento da policia. Elle esteve aqui uma vez, á tres mezes, e não mais entrou nesta casa, se bem que nunca deixasse de passar por aqui... Marocas gostava delle... Apaixonou-se... Mas o sargento, encantado com a nossa visinha da direita, nem mais a olhou. Ferida no seu amôr proprio, trabalhada pelo despeito mais atróz, um dia provocou a querida do sargento, irritou-a, e sem mais, aquella aggrediu-a, esbofeteou-a... O sargento, sabendo de tudo veiu procural-a. Marocas, vibrando de indignação, proferiu-lhe uma porção de desafôros, ameaçando-o:

— Não dou um mez, patife, para vires aqui de joelhos, implorar-me um beijo. E, eu, então, cuspo-te na cara, pôrco! E com o argumento decisivo, esmagador, arrancando a meia do pé direito mostrou-lhe o nome, escripto no calcanhar:

— Vocês homens, são assim. Se a gente tem vocês no coração, vocês não gostam da gente. Pondo vocês no calcanhar, de rastos, esfregados no pó e na lama, vêm doidinhos feito cachorros.

E ante a estupefacção do sargento:

— O pezo de uma mulher vale mais que um litro de lagrimas, desgraçado! Estás aqui, debaixo de mim. Tens de ser meu...

E, tal prophetizára, elle acabou se escravisando a Marocas. Força da tatuagem?

Mysterio!...

— Mulhersinha diabolica, hein! ajuntamos.

— Não sei não, senhor, mas a verdade é que o homem, um grosseirão para todos, nas mãos da Marocas parece um boneco de papelão...

Um cravo vermelho espetado nos cabellos, um chale pendente dos hombros, cantarolando, ella passou de novo, perto do nosso grupo, sem nos olhar. Passou, bateu a porta e sahiu, deixando no ar um pouco do seu perfume barato, e levando o seu romance, o romance de tantos amores e tantos soffrimentos, escripto em letras inapagaveis, no seu proprio corpo!

BARROS VIDAL...

1928 CINEARTE ALBUM
ALMANACH DO O MALHO 1928
ALMANACH DO O TICO TICO 1928
TRES GRANDES ANNUARIOS
ALMANACH
d'«O Tico-Tico»
Uma publicação instructiva e recreativa que a todas as creanças causa a maior alegria.
Magnificos contos, ricas e coloridas paginas de jogos infantis e de armar, além de muitos outros assumptos suggestivos.
Edição de 1929, em preparo, 5$500 pelo correio.
CINEARTE
ALBUM
Luxuosissima collecção de retratos a côres de todos os grandes artistas cinematographicos e mais 20 lindissimas trichromias.
Trabalho de arte e belleza que honra a industria graphica nacional.
Edição de 1929, em preparo, 9$000 pelo correio.
Almanach d'«O Malho»
A bibliotheca de todos: dos pobres e dos que não têm tempo de lêr muitos livros.
Faz avulgarisação de todas as sciencias.
Literatura, Historia, Artes, Horoscopos etc.
Edição de 1929, em preparo, 4$500 pelo correio.
FAÇAM DESDE JA' OS SEUS PEDIDOS
Remettam-nos a importancia relativa ao annuario que desejam em dinheiro, em cheque, vale postal, ou sellos do correio.
Sociedade Anonyma "O MALHO", Ouvidor, 164.
RIO

"Machinas Quick"

Tem despertado a maior curiosidade a exposição de machinas agricolas e de outras utilidades que, desde o mez passado as "Machinas "Quick" Ltda.", installaram á rua São Bento, 37, 1º andar, em São Paulo.

As machinas expostas pela empreza "Quick", têm como caracteristico principal, produzir o maximo com o minimo volume, sendo que, algumas dellas, constituem verdadeiras novidades.

Além de simples, as machinas "Quick" são do mais perfeito acabamento, revelando que os seus fabricantes possuem não só officinas, como profissionaes capazes de servir da melhor fórma á sua clientella.

Entre os varios machinismos que despertaram a nossa attenção, citaremos:

Em primeiro logar a "Quick Sitiante", machina para beneficiar café, typo rebollo, muito propria para pequenos lavradores.

Apresenta um pequeno conjuncto que não occupa mais de um metro quadrado, incluindo o motor. Com apenas 1 cavallo de força, produz facilmente 100 arrobas diarias. E' de extrema simplicidade.

A "Quick Sauva" é um apparelho para o combate ás formigas. Usa como ingrediente qualquer formicida liquido, transformando-o em gaz e funccionando automaticamente.

Proporciona uma economia de 80 % de ingrediente, agindo com absoluta efficiencia.

Por fim a "Quick Caixa de Segurança". Trata-se de uma caixa automatica, adaptavel a qualquer pilar ou muro, sem fechadura ou chave de qualquer especie e absolutamente inviolavel. Chega, por exemplo, o padeiro: puxa pela caixa, deposita nella o pão e empurra-a novamente. Um dispositivo anterior recebe, automaticamente o pão depositado. Se chegar agora o açougueiro, encontrará a caixa vazia. E assim, indefinidamente. O que fôr collocado na Caixa, não mais póde ser tirado, senão do lado de dentro.

PRODUCTOS "FIFI"

A antiga e acreditada firma de S. Paulo, Viuva Madeira & Filhos proprietarios da Casa Husson, está lançando no mercado com o maior successo, os seus excellentes productos de toilette denominado "Fifi".

Estes productos são agua de colonia, pó de arroz e brilhantina.

Acondicionados com o mais fino gosto, os artigos "FIFI" mostram logo á primeira vista, o que realmente são em qualidade e, graças a isso, logo se impuzeram á confiança do consumidor.

Sem pretendermos estabelecer preferencia por qualquer d'elles cada qual optimo ao fim a que se destina, salientamos que a Agua de Colonia "FIFI" pelo seu preço modico, é das melhores que conhecemos.

PERFUMARIA FLOREAL

Os adiantados industriaes Srs. Bogaert & Cia. estabelecidos com perfumaria á rua Victoria n. 51, S. Paulo, tiveram a gentileza de nos offerecer alguns dos seus excellentes productos os quaes, não só attestam o maior cuidado de fabricação, como demonstram que os Srs. Bogaert & Cia. não se limitam a fazer, em tão delicado genero de industria, aquillo que todo mundo faz.

Entre os productos da Perfumaria Floreal merece referencia especial o delicioso "Extracto de Manacá" obtido da mais typica planta brasileira o qual, só por si, é bastante para provar que na sua direcção se acham technicos competentes.

SATAN

O MELHOR ESMALTE PARA UNHAS

O UNICO QUE SÓ UZA, A MULHER CHIC.

EM 3 TONS — Rosa Coral. Rosa Dragão, e Natural.

A' venda em todas as casas de 1.ª ordem.

Dep. para todo o Brasil — Casa Husson, R. S. Bento, 24 S. PAULO

Envia-se, para qualquer parte do Brasil mediante 5$000 em sellos.

A SUA DIGESTÃO FAR-SE-HA SEM DIFFICULDADE

se V. S. tomar Magnesia Bisurada depois das suas refeições. Os incommodos digestivos são quasi sempre devidos ou acompanhados de um excesso de acidez que provoca as azias, oppressões, eructações acidas, indigestões ou a fermentação dos alimentos. Meia colher de café de Magnesia Bisurada num pouco de agua neutralisará quasi instantaneamente a acidez, suavisará as mucosas do estomago e assegurará uma digestão regular e sem dôr.

A Magnesia Bisurada, reconhecida como o melhor alcalino, acha-se á venda em todas as pharmacias.

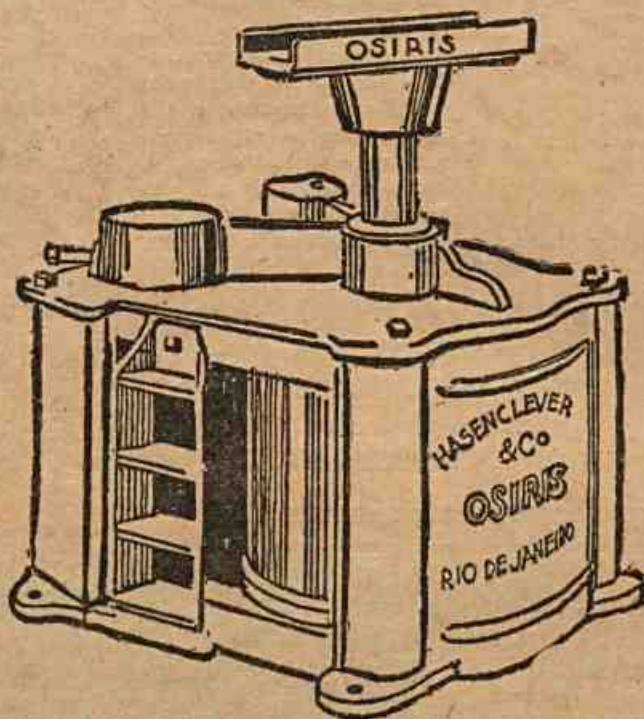
HOROSCOPOS

Faz famosa astrologa, orientando-se pela data e logar de nascimento de cada pessoa. Todos podem assim conhecer o seu futuro! Escreva á Sra. Musset de Tort, Caixa Postal 2417 — Rio de Janeiro.

COM UM CAPITAL MINIMO PODE-SE MONTAR UMA INDUSTRIA FARTAMENTE REMUNERADORA.

O ENGENHO DE CANNA

OSIRIS

É O IDEAL EM SIMPLICIDADE, EFFICIENCIA E SOLIDEZ INDISPENSAVEL EM TODAS AS FAZENDAS.

CENTO POR CENTO DE EFFICIENCIA

Depositarios: HASENCLEVER & C.

AVENIDA RIO BRANCO, 69|77

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro — Illmo. Sr. Dr. Menezes Doria — Cordiaes saudações.

Com a mais viva satisfação venho lhe communicar que o tratamento a que me submetti para a cura de uma hernia inguinal direita, pelo processo de Lympha Seccatina, tive o melhor resultado; onze applicações foram sufficientes para fechar o alojamento do canal inguinal.

Não me descuidarei em lhe enviar os doentes que tiver, de modo a evitar para elles uma operação facil, mas no emtanto, uma operação.

Com os mais vivos reconhecimentos, apresento-lhe os meus protestos de estima e consideração.

Dr. Eurico Sampaio

Rua Voluntarios, 459. (Firma reconhecida pelo tabellião Antonio de Alvarenga Freire).

Consultorio: — Rua Santo Antonio n. 4 — 3º andar (elevador), em frente ao Hotel Avenida — Rio de Janeiro.

PELOS CAMPOS...

A PRAGA NOS CAFEEIROS PAULISTAS

Mais uma vez sérias ameaças se levantam á fortuna agricola do Brasil representada na elevada percentagem de 80 % do seu global pelo café, a rubiacea famosa que se por um lado tem sido ainda o unico peso a manter em relativo equilibrio a balança economica do Brasil, por outro lado não ha negar ser tambem elle o maior onus publico e o maior pesadelo nacional.

Temos aqui insistido nos perigos decorrentes da monocultura. Não é opinião nossa, mas dos maiores economistas de todos os tempos e de todos os paizes.

Agora, que vinte e cinco municipios paulistas, productores de café, se alarmam com o novo surto que o stephanoderes está tendo, é opportuno voltar-se a bater aqui sobre o mesmo teclado.

Conhecemos já, de sobra, a média do administrador brasileiro, como capacidade negativa. Esta circumstancia faz crescer as inconveniencias da monocultura.

A borracha na Amazonia...

Não percamos tempo com a repetição de coisas já reditas milhares de vezes. Não conhecemos a sciencia da previdencia. Que ao menos se procure evitar consequencias maiores da praga que ora devasta os cafezaes paulistas.

Attribue-se o mal, antes do mais, á falta de braços para a lavoura e ao encarecimento crescente da mão de obra agraria. Municipios existem, no proprio Estado de S. Paulo, cujos cafezaes não foram ainda attingidos pela nova praga de stephanoderes. Os poderes officiaes precisam agir com presteza e energia para que os damnosos bichichos não consigam penetrar nos municipios paulistas ainda limpos, e que a se dar, é quasi certo que os demais Estados productores de café, Minas, Estado do Rio, Espirito Santo, participarão tambem dos grandes prejuizos em espectativa.

DEMOS INSTRUMENTOS A' NOSSA LAVOURA!

Na edição ante-passada, insistindo em assumpto não esquecido nas anteriores, ha necessidade de se dotar a industria agricola nacional com os instrumentos agrarios modernos, aconselhámos aos nossos leitores dois typos economicos de machinas: um debulhador de milho e uma pequena machina de descaroçar algodão.

Reproduzimos hoje os clichés de dois outros utilissimos auxiliares do agricultor: o semeador e a bateria de feijão.

Semear é, talvez, a mais importante operação do agricultor, porque, por melhor que seja a semente, perde-se tanto ella quanto o trabalho, quando mal semeada. Dahi a vantagem de um semeador perfeito, que tanto possa semear em montinhos quanto em fileiras e a distancias regulares. Isto dará como resultado plantações vigorosas, ao contrario do resultado obtido com o plantio feito na nossa conhecida rotina em que as sementes, lançadas á terra sem methodo e ás cégas, fazem nascer plantas rachiticas, umas sobre as outras plantadas.

(Figura A.) O semeador, typo "Planet Jr.," da Casa Arens."

O semeador representado pela gravura é do typo "Planet Jr." Este apparelho semêa admiravelmente sementes de arroz, milho, feijão ervilha, espinafres, rabanete, nabos, cebolas, beterraba e de outras semelhantes.

O seu funccionamento é facilimo, qualquer homem, por menos robusto que seja, acha-o muito suave.

A BATEDEIRA DE FEIJÃO

O feijão, em quasi todo o interior do Brasil é ainda batido ou desgranado á vara. O trabalho é moroso; estafante para o homem que o faz; anti-economico porque deforma e quebra os grãos; anti-hygienico porque, sendo feito no chão ou sobre um couro velho ainda mais sujo que a terra, o feijão torna-se terroso, cheio de pequenas pedras que muito prejudicam o consummidor e que são de difficil separação, e de incontaveis outras impurezas.

Nem uma só razão, portanto, para que tambem na industria agricola de feijão não se abandone, já, já, a rotina colonial!

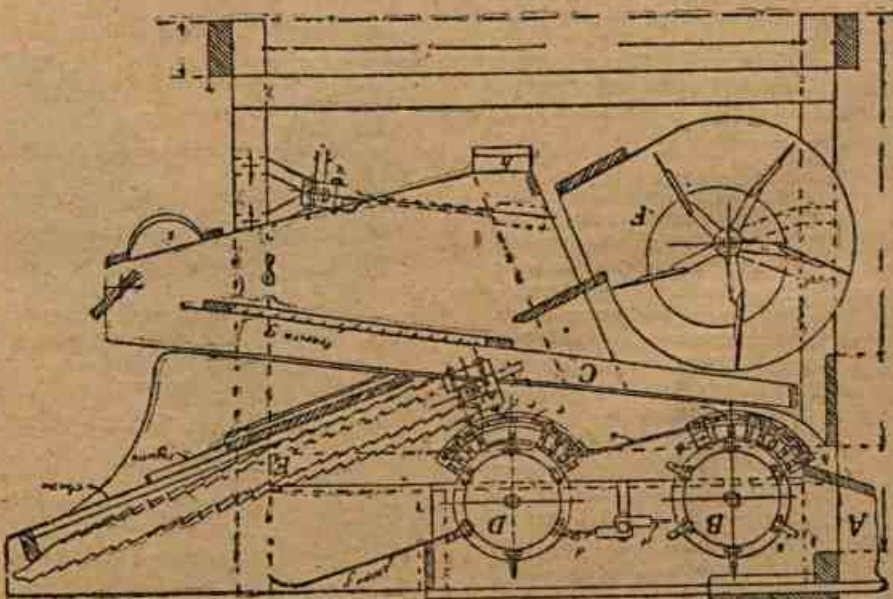
A batedeira mecanica evita todas aquellas impropriedades no trato do feijão, alimentação humana.

Publicamos aqui o diagramma de uma batedeira de feijão, typo da "Casa Arens," de preferencia ao cliché da machina no seu aspecto externo. E' que, com o diagramma, podemos explicar de um modo mais claro o mecanismo da batedeira.

O feijão em rama é introduzido na moega "A," onde é logo apanhado pelos dentes "a" do rolo "B" e levado de encontro aos dentes fixos "b," sendo, devido ao attricto, as vagens arrebentadas e os grãos de feijão separados, escoando-se pela grade "c" e cahindo directamente na cauda do jogador "C."

Do rolo "B" a parte da ramagem e vagens que não se desprende pela força centrifuga, é retirada pelos grampos rotativos "d" que a conduz ao rolo "D," onde passa por operação identica á do rolo "B."

Entre os dois rolos ha a grade "e," em fórma de pente, abrangendo toda a largura da machina, por onde vasam tambem o feijão e detrictos.

Do rolo "D" toda a palha, rama, etc., atiradas pela força centrifuga ou impedidas de continuar a rotação pela chapa "f" (cuja extremidade tem a fórma de um garfo) cáem sobre os conductores serrilhados "E" e são conduzidas para fóra da machina. Como entre as serrilhas, movidas por um eixo excentrico, ha um pequeno espaço, durante o trajecto os grãos de feijão debulhadas e os pedaços de vagem verde

(Fig. B.) O batedor de feijão, através de um diagramma explicativo.

(Pag. 73 — Fig. 250) Casal da raça Leg horn, tambem ascendente da Paraiso, branca.

vão cahindo pelos interstícios e voltam, pelas serrilhas na parte inferior dos conductores, para a peneira do jogador.

No jogador "C," devido á oscillação, o feijão é peneirado, effectuando-se a separação pela seguinte forma; — feijão debulhado (ou separado da vagem) escoa-se pelos furos da peneira e pode ser ensaccado na bica de sahida "h"; os pedaços de vagens verdes, (cujo peso especifico é maior que o dos grãos, não podendo ser impellidos pela corrente de ar do ventilador "F"), cáem na bica "i"; e, finalmente, a palha e detrictos menores são expellidos pela corrente de ar.

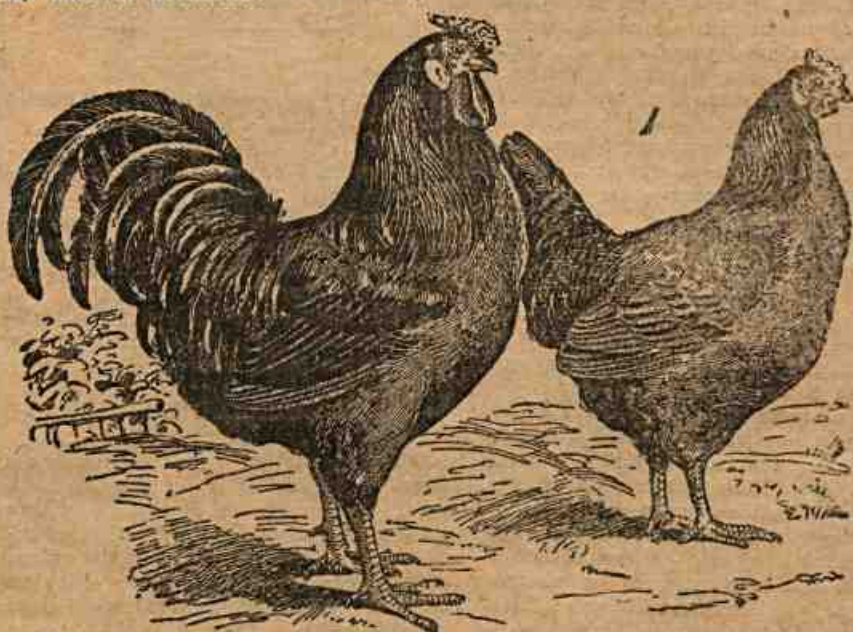
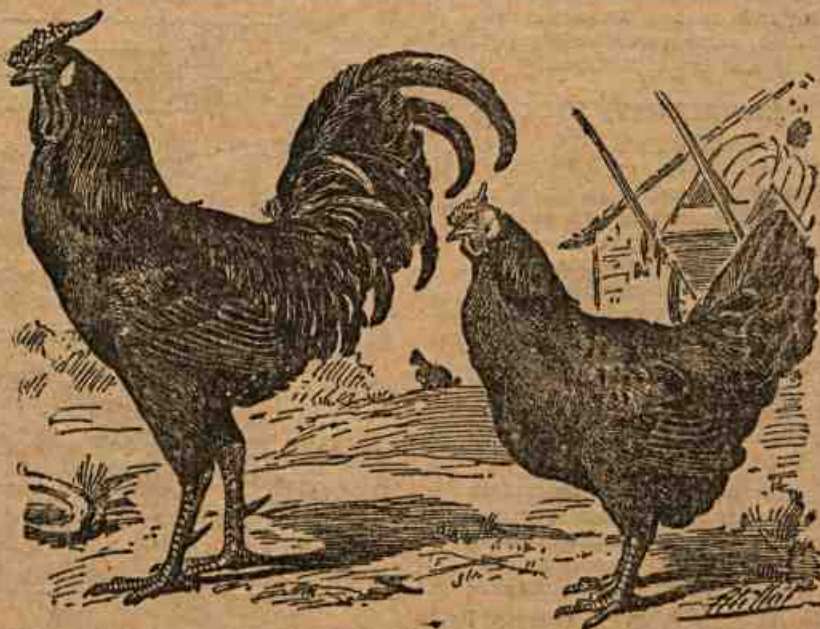
UMA NOVA RAÇA DE GALLINHAS

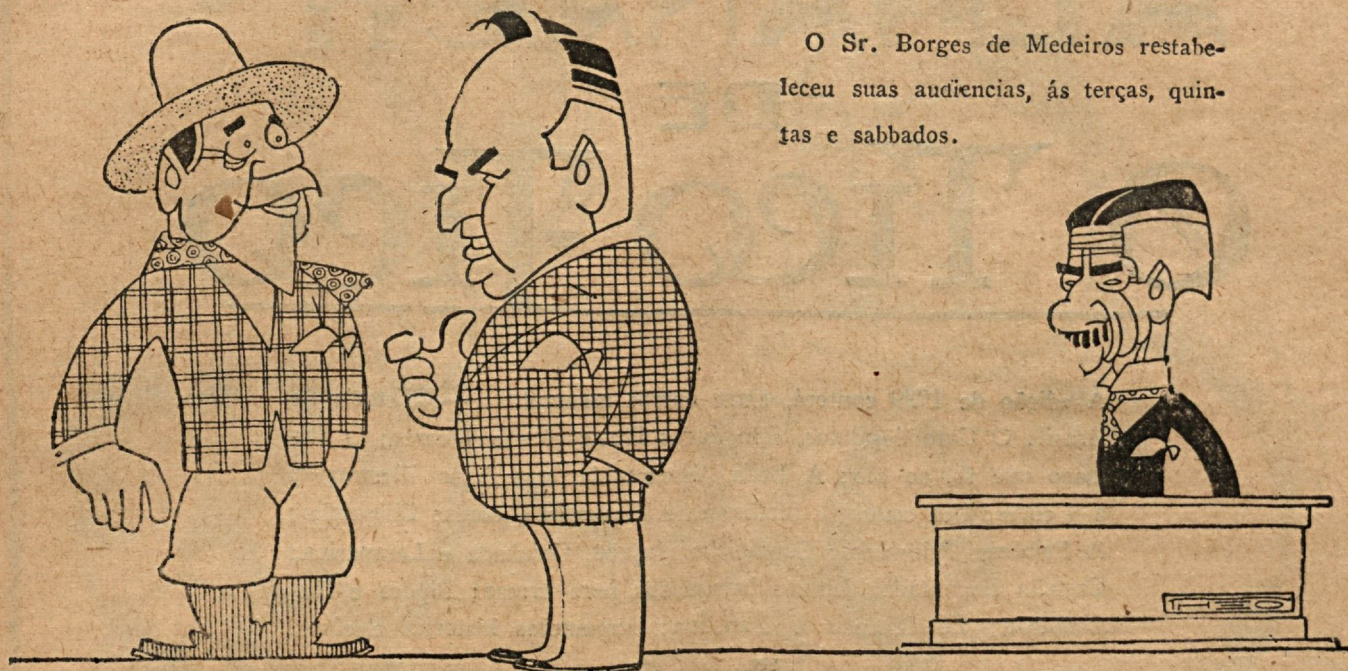
O avicultor hespanhol Salvador Castelló lançou recentemente uma nova raça de gallinhas — a "Paraiso" branca — creada e fixada na sua granja Paraiso, annexa á real escola de avicultura de Arenys de Mar, em Barcelona. O esforçado avicultor vinha trabalhando na selecção desta nova raça desde 1917. Em 1927, depois de dez gerações, conseguiu a fixação completa dos caracteres e, seguro já da fixidez da raça, poz á disposição dos demais creadores o fructo do seu trabalho e da sua perseverança.

A nova raça é producto de cruzamento da raça Prat branca com a Orpington branca, e da mestiçagem do producto do cruzamento mencionado com um gallo Rhode Island branco, que tinha o grande defeito, entre os da sua raça, de ter as patas e a pelle brancas e não amarellas. Caso identico ao da formação da raça Orpington negra, conseguida pelo avicultor inglez William Cook.

Os caracteristicos da raça Paraiso branca, são: peso do macho adulto, 3 a 3 ½ kilos; do frango, 2 ¾ a 3 kilos; da gallinha adulta, 2 ½ a 3 kilos; da franga, de 1800 grammas a 2 kilos. Crista simples, levantada e regularmente desenvolvida no macho, e pequena e um pouco cahida na gallinha; corpo amplo e forte, sem ser macisso nem pesado, com fórmas arredondadas e plumagem bem pegada ao corpo; cauda pouco desenvolvida e um tanto levantada; bico e pés de côr branca-rosada; pelle branca; plumagem inteiramente branca. Como aptidões, apresenta as seguintes: desenvolvimento precoce; as frangas começam a pôr antes dos 6 mezes de idade; põem, em média, 145 ovos, pois se fez um registro de uma franga que pôz 230 ovos; excellentes como chocadeiras e como mães; produzem uma carne branca e finissima á qual não se avantajam os famosos frangos de Mans e de Bresse. Os capões engordam com facilidade, sem excesso, e pesam 4 kilos aos 7 ou 8 mezes de idade.

CORRESPONDENCIA

SEBASTIÃO UCHÔA (Piauhy) — Não ha de quê. Obrigados estamos nós pela gentileza da communicação. Se aconselhamos o preparado "A Saude do Gado," para bernes e outros males de cavallos e bois, é que temos inteira confiança nos seus effeitos. Escreva

(Pag. 287 — Fig. 896) Casal de gallinhas Orpington, de cuja variedade branca, em cruzamento, descende a nova raça Paraiso, branca.

(Pag. 1?0 — Fig. 432) Um casal de gallinhas da raça de Mans, de difficil acclimatação, e que vem rivalizar, vantajosamente, a nova raça Paraiso, branca.

Os Dois poderes

O Sr. Borges de Medeiros restabeleceu suas audiencias, ás terças, quintas e sabbados.

GETULIO — Deseja alguma cousa da administração?
O CORONEL — Queria conhecer o pensamento do governo...
GETULIO — Pensamento? Isso é da alçada do "poder espiritual"... Queira procurar o Dr. Borges de Medeiros...

MAR!...

Ao ver-te assim revolto ó mar profundo!
Sinto desejos deixar o mundo
E num batel singrar,
Sobre essas ondas a cantar sorrindo
E o teu bramir a todo instante ouvindo
Em noites de luar...

Ao ver-te calmo, limpido e sereno
Tal como outr'ora o olhar do Nazareno
Ao ser crucificado,
Sinto a sorrir minh'alma extasiada
Deixar meu peito quasi arrebatado
Pousar junto a teu lado!

Por ti altivo mar! Eu creio em Deus!
Por teus encantos que tambem são meus,
Sinto meu peito arfar...
Em noites procellosas bem unido
A ti eu quero estar ó meu querido
A ouvir teu lamentar!

E nos dias de sol primaveril
A navegar c'oa viração subtil
Eu quero contemplar,
Com mil resabios tua immensidão
Embora ali bem perto um furacão
A vida me roubar.

O teu seio por ultima morada
Após minh'alma p'ras regiões do Nada
A terra ter deixado,
Terá meu corpo, é esse o meu desejo.
....
E a balouçar nas ondas já não vejo
O meu batel dourado.

C. T. "Paraná"

J. de Azevedo Guerra

para o fabricante, Sr. Alexandre Queiroz, Pharmacia N. S. Auxiladora, Rua da Alfandega, 319 — Rio.

O redactor desta secção dará qualquer informação de interesse dos senhores criadores e agricultores, taes como: onde adquirir instrumentos de lavoura, onde comprar ovos ou gado de raça, etc. Escrever para — "O Malho" (secção "Pelos Campos") — Rua do Ouvidor, 164 — Rio de Janeiro.

NOTAS DA SEMANA
POR J. BÁRBARO

Eramos dois, eu e o professor Ferdinand Labouriau. Ambos nos haviamos abancado á *terrace* do Copacabana-Palace e olhavamos o mar. Uma pequena embarcação á vela corria para a barra, tangida pelo vento, que a levava para longe. Fumavamos. De repente, eu murmurei:

"Oh! Eu quero viver, beber perfumes
Da flor sylvestre que embalsama os ares,
Ver minh'alma adejar pelo infinito
Qual branca vela na amplidão dos mares..."

— Castro Alves tinha razão, interrompeu o cathedratico da Escola Polytechnica, mas a poesia, sendo alguma coisa, não é tudo. Voltemos ao assumpto politico-monetario que interessa ao paiz.

Eu me resignei. O professor Labouriau proseguiu na these que vinha sustentando:

— Ainda está por se fazer, entre nós, a *organisação nacional*, como evidencia o exame de qualquer dos grandes problemas brasileiros, até hoje encaminhados, quasi todos, unicamente por meio de palliativos, para as soluções que exigem. Quasi nenhum foi resolvido em moldes completamente satisfactorios, resultantes de um consciencioso estudo, com a visão do conjuncto. Ninguem affirmará resolvidos os grandes problemas nacionaes da educação (principalmente a educação popular); dos transportes, em obra coordenada, de conjuncto; do carvão; da siderurgia; da hygiene (ankylostomiase). E', pois, perfeitamente natural que tambem não tenhamos organização monetaria.

Diz-se frequentemente: "O papel-moeda fez o Brasil de hoje, principalmente as suas industrias e fomentou as forças economicas do paiz: bemdigamos o papel-moeda!" — Que o papel-moeda prestou serviços, é innegavel; mas que elle tenha feito o progresso do Brasil, é muito discutivel. O progresso, entre nós, se realizou *apezar* da desorganisação das funcções geraes do Estado, e, particularmente, *apezar* dos inconvenientes da desorganisação monetaria.

Além disto, não ha tanto de que se orgulhar com os resultados obtidos. Ha tempos, o prof. Afranio Peixoto fazia, em interessante conferencia sobre o ensino primario, promovido pela Associação Brasileira de Educação, uma comparação bem elucidativa. De um lado, o Estado da vanguarda do Brasil: São Paulo; — de outro lado, os menos importantes dos territorios dos Estados Unidos: as longinquas ilhas Hawai, das quaes se apossaram os americanos em 1898. A população deste archipelago, em 1920, era de 255 mil homens; a 20.ª parte da população do Estado de São Paulo, mas, proporcionalmente, com 5 vezes mais alumnos nas escolas (52.000), com 5 vezes mais professores (1.500) e gastando com a instrucção primaria mais do que São Paulo. Aquellas crianças do Pacifico (17.600 japonezes, 3.800 chinezes, 5.300 portuguezes, 3.300 hawaianos, 4.100 mestiços e apenas 1.000 anglo-saxonios) não se dirão melhores do que a nossa gente. Pois bem: como resultado da educação popular e da organisação em geral, verifica-se que em 1920 o pequeno archipelago de Hawai teve de saldo, na sua balança commercial, 77 milhões de dollares (mais de 700 mil contos ao cambio de então. Apenas...

Eu soprei a fumaça do cigarro e bocejei:

— 700 mil contos! Haverá mesmo quem tenha tanto dinheiro? A mim, me bastariam setenta contos...

O professor Labouriau teve um gesto de ironia, entrando firme no raciocinio das hypotheses:

— Evidentemente, o Brasil tem progredido, é facto positivo e innegavel. A sua força economica já é hoje bem diversa da dos tempos coloniaes. Mas este desenvolvimento não parece — em consciencia — attribuivel nem á diligencia dos governantes nem particularmente ao papel-moeda.

E' sabido que a moeda é a medida dos valores. Esta medida, evidentemente, deve ser estavel: a primeira qualidade que deve possuir. Ora, o papel de curso forçado, não tendo valor intrinseco, fluctua ao sabor de mil circumstancias, decorrendo de suas mudanças de valor, alterações no preço de todas as coisas. E' um pessimo valorimetro. Tudo passa a variar, na estreita dependencia da cotação do papel-moeda. A inconstancia de seu valor traz a incerteza sobre todos os valores que, pelo papel-moeda, se tem que aferir. Nada fica estavel, senão a certeza da instabilidade de tudo, pois que tudo muda de preço em funcção de variação do cambio, expressão do valor do papel-moeda.

Nos paizes de curso forçado, o cambio, méra expressão do verdadeiro valor do papel-moeda, é naturalmente variavel, por não ter nenhuma fixidez o valor que o cambio traduz. O papel-moeda, simples promessa de pagamento, sem vencimento fixo e sem garantia, sendo, porém, substituido por moeda de verdade — moeda ouro e bilhetes conversiveis — estará dado o primeiro passo para estabilização do cambio. Conversão para estabilização. Estabilização para tranquillidade, para garantia, para segurança.

O eminente financista que foi o prof. Vieira Souto, disse muito bem: "A historia financeira nos mostra que quando uma nação tem tido a felicidade (e quasi todas a tem tido) de lançar mão do papel-moeda, para satisfazer aos apuros de situações prementes, mais tarde ou mais cedo, conforme o grão de energia e capacidade do povo, procura livrar-se do meio circulante inconversivel, sujeito a fluctuações inesperadas, caprichosas e sempre prejudiciaes a todos os interesses publicos e privados, estudando e pondo em pratica um plano que lhe permitta reentrar no regimen da verdadeira moeda, a moeda metallica de valor intrinseco ou real".

São ainda do mesmo mestre os seguintes expressivos conceitos: "conversão pela qual venho pugnando desde muitos annos é a que visa, com um determinado prazo, extinguir no Brasil o curso forçado, dando-nos um regimen de moeda sã, unidade monetaria de estabilidade perenne, verdadeiro denominador commum de todos os valores, instrumento perfeito de trocas, sempre igual a si mesmo, atravez dos tempos. Assim comprehendida, a conversão é o acto de mais relevante importancia que pode praticar o Brasil, aquelle que mais robustecerá o seu credito e mais concorrerá para a sua expansão economica".

Nesse momento, passou uma joven encantadora, embrulhada em pelles riquissimas. Dir-se-ia uma figurinha de Correggio, retocada e animada por Fragonnard. Era mais linda do que a princeza Margarida de Valois, padroeira da Renascença. Passou e sorriu para nós. Meu olhar seguiu-a. Ella ainda se voltou, ao dobrar a esquina. Labouriau estava indeciso. Eu balbuciei ao acaso, suffocado, de certo, por uma onda de volupia e desejo:

Oh! laisse-toi donc aimer, oh! l'amour c'est la vie!

— Sem duvida, insistiu o cathedratico, Victor Hugo é o grande épico das grandes paixões humanas. Mas os poetas vivem com as estrellas, pairando muito acima da terra flagellada de problemas positivos. A questão fundamental, da organisação nacional, com a visão do futuro, é o magno problema da *educação;* a questão fundamental, da organização nacional, com a visão do presente, é o problema da *reforma monetaria.* Com a solução do primeiro, se formará uma geração mais forte, de corpo e de espirito, e mais convenientemente apparelhada para a vida, em geral, e para a productividade economica em particular. Com a solução do segundo, será possivel começar a organisar uma estabilização que interessa directamente a toda a vida economica do paiz.

A estabilização não é uma utopia. Confundem-n'a alguns com uma absurda *fixação* do cambio, cousa impossivel de conseguir, com quantos decretos e medidas economicas e financeiras a que se abalance o governo. A estabilização é resultado attingivel: a historia, tantas vezes repetidas, de muitos paizes, permitte affirmal-o.

Beneficio inapreciavel, base da organisação financeira do paiz e verdadeiro fundamento do surto do seu progresso economico, perfeitamente factivel, por que não se ha de realizar a estabilização? E' notorio ser a estabilização o ponto principal do programma do governo actual. Não é o caso de se lhe bater palmas? — Sinto-me á vontade para fazel-o, por não pertencer (pelo contrario!) ao numeroso grupo dos apoiadores incondicionaes das orientações governamentaes sejam ellas quaes forem, pelo simples facto de partirem do Poder.

São pontos de um sorites: conversão — estabilização — Surto economico — progresso material — progresso intellectual e moral. Para realizal-o efficientemente, porém, será indispensavel uma transformação profunda em nossos inveterados habitos administrativos e politicos: será preciso implantar entre nós o regimen da *continuidade* de orientação. Estaremos em vespera de assistir ao inicio, já tão retardado, da *organização nacional?* — E' de suppor que sim. Façamos votos para que assim seja.

Nesta altura, não me contive:

— Labouriau, você não acha que a tarde está deliciosa, que as mulheres estão appetitosas na praia, que o problema monetario da Republica é assumpto adiavel?

Elle recuou espantado, encarou-me com raiva e... concordou. A noite descia lentamente, entupindo de breu a barra da bahia...

THEATROS

UM CASO DE EMERGENCIA

Os jornaes diarios, na ansia indecorosa de conseguir annuncios, a proposito da inauguração do Palacio Theatro bateram palmas, teceram os maiores elogios ao espirito de iniciativa dos irmãos Victor e José Maria Fernandes, á intelligente operosidade do emprezario José Loureiro, fingindo desconhecer a acção directa dos poderes publicos, no caso representada pelo Dr. Antonio Prado Junior, a quem se deve, não só a construcção do theatro, como a vinda da Companhia de Revistas do Moulin Rouge de Paris.

Administrador previdente, cheio de cuidados paternaes para com a grande familia que é a população do Rio de Janeiro, ha alguns mezes leu, em um jornal qualquer, que o Dr. Voronoff visitaria o Brasil, este anno. O assumpto preoccupou-o desde logo, pois conhece a sua gente, e sabia, muito bem, que a simples divulgação daquella noticia faria a macacada coçar-se toda.

Estudou, portanto, calmamente no seu gabinete, a questão, foi mesmo ouvir o Sr. Presidente da Republica, e deu providencias tão acertadas que a chegada, ao Rio, do celebrado cirurgião, coincidiu com a abertura, á rua do Passeio, de enorme e bem sortido açougue de emergencia. Pensa S. S. ter, assim, neutralisado os perniciosos effeitos da estadia prolongada, entre nós, daquelle scientista, que não veiu trazer o desassocego aos brasileiros, porque ha muito esta é uma raça descaradamente desassocegada, graças a Deus.

E acertou o digno Prefeito: o amplo estabelecimento vive cheio. Pegou. ninguem quer saber de Voronoff, nem lhe reconhece os prestimos.

Dizem todos que é exaggero...

A JUSTIFICAÇÃO DO NU'

O dia 13 de Julho de 1928, por signal uma sexta-feira, deve passar ás paginas da Historia do Brasil. A policia do conspicuo joven Dr. Coriolano de Góes permittiu que algumas artistas da Companhia de Revistas do Moulin Rouge se apresentassem, em publico, com os seios nús! Foi uma sensação por toda a cidade e os mais incredulos acorreram ao Palacio Theatro para se certificar. Queriam ver. Os mais difficeis de se convencerem queriam ver e apalpar.

Nos sentimo-nos, apenas, desvanecidos. Essa foi uma das nossas mais memoraveis campanhas e é sempre grato assistir ao triumpho da razão e da justiça. Todavia, nossa victoria não foi integral. Assistiramos ao ensaio geral e no dia da estréa, com surpreza, soubemos que, dos tres quadros em que havia nu' mais ou menos artistico, só um passara incolume pelo filtro de malhas apertadas da nossa severissima censura. Como sóe acontecer sempre que o interesse publico se acha em causa, interpellámos a respeito o cabeça de turco, o digno censor, Dr. Gilberto de Andrade.

S. S., tomando attitude, disse-nos:

— O assumpto é bem mais delicado do que "O Malho" imagina. O nu' não se exhibe pelo prazer de exhibil-o, o que seria contrario ás leis da sã moral e da razão.

— Muito bem! fizemos.

— Deve haver um motivo esthetico para a exhibição, ou por outras palavras, a exhibição deve ser justificada. Ora, em "Paris aux étoiles" havia tres quadros de nu' artistico: As flores do mal, O fundo do mar e Via-lactea. As flores do mal, do nosso confrade o escriptor Sr. Beaudelaire, apresentavam-se núas, mas não deante de multidões. Leia a obra! Não se justifica que quizessem quebrar a tradição, no Rio de Janeiro, tanto mais que a policia não impede que ellas ajam daquella outra maneira. No fundo do mar não consta que ninguem ande nu'...

— E as sereias? dissemos.

— ...usam todas *soutien-gorge*, um *soutien-gorge* de espumas... Tenho estudos especiaes a respeito, sou frequentador da Urca, no verão, e das outras praias nas quatro estações

Curvámo-nos reverentes.

— Conseguintemente, o nu', ahi, tambem não se *justificava*. Na Via-lactea, sim...

— Anda-se, então, nu' no céo? inquirimos.

O Dr. Gilberto de Andrade gosou a nossa falta de perspicacia e perguntou:

— Então, não está percebendo?

— Não! redarguimos.

Pois está bem claro! Eu, o Dr. Renato Bittencourt e o nosso querido chefe Dr. Coriolano de Góes vimos logo a cousa! O nu' na Via-lactea justifica-se plenamente. O que é via Caminho. O que é lactea? De leite Caminho de leite, ou de leite, que é a mesma cousa. Ora, meu caro, qual é o caminho do leite?

— Ha varios...

— Qual varios! os seios! comprehendeu, agora? Era taxativa a exhibição, nesse quadro, dos seios nús, — a via-lactea — !

E riu, de novo, satisfeito comsigo mesmo, gosando-nos, o Dr. Gilberto de Andrade. Perplexos por um instante, resolvemos rir tambem, desmandibulamo-nos ás casquinadas, rematando a accessos de hilaridade com um — tá gosado! — que poz ponto final á entrevista.

MARI NONI

"COLUMBIA"

Nunca será excessivo o elogio a qualquer iniciativa, em terras da nossa America, que vise uma maior e mais solida confraternidade continental.

Quando essa iniciativa tem, então, o vulto e a significação da que tomou o brilhante escriptor brasileiro e nosso collega de imprensa Christovão de Camargo, deve-se dar-lhe um destaque mais amplo, como ella o merece.

Realmente, "COLUMBIA", *mensario latino-americano de cultura*, é uma revista que, tornando mais conhecidos os povos continentaes pelo intercambio de idéas, pela leitura reciproca da producção dos seus intellectuaes, concorrerá, de certo, para um maior e necessario incremento das suas relações mutuas.

As tres Americas têm vivido, até agora, no fetichismo das idéas geraes européas, só para o Velho Mundo tendo a attenção voltada e só no Velho Mundo se inspirando em todos os passos da sua actividade.

Começa, felizmente, em cada um dos novos paizes dados por Colombo á civilisação, um anseio, que já tardava, de personalisação. Começa em cada um delles a despontar a consciencia esclarecida das suas maiores necessidades e dos seus maiores interesses, antes não vistos nem comprehendidos, muito perto, no proprio continente.

O Brasil não foi dos primeiros a despertar da falsa visão em que vivia, sob este aspecto. Tambem não é o ultimo.

Faz alguns annos já que alguns brilhantes espiritos brasileiros se batem, pela imprensa e em livros, por este alevantado ideal. Agora surge Christovão de Camargo tomando a vanguarda do bello movimento de patriotismo continental, fundando "COLUMBIA" que, aparte o chavão, vem preencher admiravelmente uma grande lacuna

Ligado, por laços de familia, a outro ramo da raça latino-americana, quiz Christovão de Camargo, coherente com a generosidade do seu idealismo, crear uma ligação mais forte entre o Brasil, a sua patria nativa, descendente da brava gente lusitana, e a estirpe nova da heroica Hespanha cavalheiresca.

Fez bem e, no particular dos meios para alcançar tal fim, agiu esclarecidamente com a fundação de "COLUMBIA".

Estão de festas, de parabens as boas letras ibero-americanas

Redactor-Chefe
OSWALDO DE SOUZA E SILVA
Director-Gerente
A. A. DE SOUZA E SILVA

ANNO XXVII
NUM. 1.349
Rio de Janeiro, 21 de Julho de 1928.

A OFFENSIVA DA CANTAREIRA

Não somos dos que maltratam o capital estrangeiro. Numa terra como a nossa, pobre, pauperrima, uma das mais pobres do mundo, onde (apezar da opinião em contrario dos meetingueiros de esquina, que consideram o Brasil um dos mais ricos paizes do planeta), não chegam a uma duzia as fortunas nacionaes superiores a 50.000 contos, fazer campanha contra o dinheiro europeu ou americano é não ter consciencia perfeita das nossas necessidades, é sacrificar o nosso progresso, é — digamos francamente a verdade — cavar a nossa propria ruina.

Com excepção das Docas de Santos, todas as grandes emprezas industriaes installadas entre nós têm a sua vida e o seu desenvolvimento presos ao capital estrangeiro. Ao capital estrangeiro devemos as nossas estradas de ferro, os nossos portos, a exploração das nossas minas, os frigorificos exportadores das nossas carnes, os armazens de warrantagens, uma infinidade de usinas e as poderosas emprezas de luz, força e telephones. E' ainda ao capital estrangeiro que, pelo seu amparo, por intermedio dos bancos, ás nossas classes conservadoras, devemos uma parte apreciavel do desenvolvimento das emprezas nacionaes. E quando a União ou os Estados precisam de numerario para augmentar a fortuna publica, através de melhoramentos materiaes, as suas vistas voltam-se para o capital estrangeiro, fonte propulsora da nossa riqueza.

Um dever de bom patriota nos leva, portanto, a recebel-o sempre de braços abertos, a tratal-o bem e a lhe dar a nossa melhor assistencia, toda a vez que isso fôr possivel. Dizemos "toda a vez que isso fôr possivel" porque, na defesa dos seus interesses, nem sempre o capital estrangeiro está com a razão. E', por exemplo, o caso da Cantareira, ou, com mais acerto, o caso da Leopoldina.

Essa companhia merece toda a nossa admiração. Atravessando zonas deficitarias, servindo a um numero consideravel de municipios decadentes, mantendo ramaes que são pesos mortos no seu orçamento e sujeita a um regimen de tarifas que não correspondia ás exigencias da sua existencia, a Leopoldina Railway conseguia, assim mesmo, distribuir durante annos seguidos um dividendo de 1 a 2 % aos seus accionistas londrinos. Isso lhe deu uma justa fama: a de ser uma das emprezas ferroviarias mais bem administradas do universo.

Assim ella foi vivendo até que, um bello dia, surgiu por aqui o Sr. C. W. Bayne, seu novo director. Homem vivo, intelligente, arguto, expondo com clareza e habilidade os seus pontos de vista, o seu primeiro cuidado foi trabalhar pela reforma das tarifas, a que a sua estrada estava sujeita nos Estados de Minas, Rio e Espirito Santo. Venceu. Os presidentes desses tres Estados, os Srs. Antonio Carlos, Feliciano Sodré e Florentino Avidos, homens de boa fé, reconheceram que o augmento pleiteado pelo Sr. C. W. Bayne tinha certo fundamento. Deram-lhe esse augmento mediante umas compensações. A Leopoldina melhorou logo as suas condições de transporte, fez circular novos nocturnos nas linhas mais importantes, adquiriu material rodante e proporcionou aos accionistas um dividendo que, apezar de não ter nada de seductor, era, comtudo, superior aos classicos 2 %. Ella nos merece, pois, pelo seu passado de luctas e pelo seu constante esforço em dar ao publico um bom serviço, mesmo ao tempo das tarifas baixas, todo o apoio que, porventura, venha a necessitar desta casa. Mas, na sua questão com o governo do Estado do Rio não nos sentimos com coragem bastante para ficar a seu lado. A attitude inamistosa do seu director, tentando elevar, afoitamente, intempestivamente, o preço das passagens da Cantareira, não nos pareceu sómente infeliz: — foi tambem desastrada.

Naturalmente, levado pela boa estrella que o acompanha, desde as suas triumphantes administrações em varias ferrovias do continente sul-americano, em cujo seio vive ha muitos annos, pensou o Sr. C. W. Bayne que, onde não vencesse a sua habilidade de diplomata, haveria um logar para a sua tactica de batalhador. O tiro sahiu-lhe, porém, pela culatra.

E teriamos, com certeza, de lastimar factos de consequencias muito mais sérias que os da noite de 11 de Julho, se o governo do Estado do Rio não tivesse intervido francamente no seio das classes populares no sentido de acalmar os animos exaltados.

Nós quizeramos, pelos motivos acima expostos, que, nesse embate entre o governo fluminense e a Leopoldina, os nossos parabens fossem para o Sr. C. W. Bayne. Mas a justiça nos leva para o lado do Sr. Manoel Duarte.

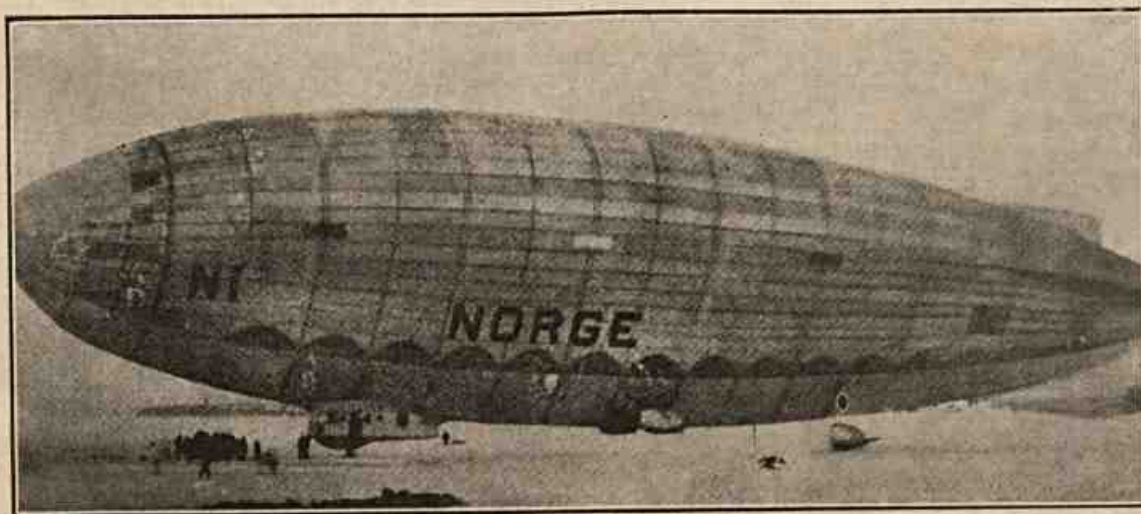
Ao illustre presidente do Estado do Rio deixamos, pois, consignados nestas columnas os nossos applausos pela esplendida lição dada á Leopoldina Railway. O seu gesto foi leal, altivo e energico.

Somos dos que defendem o capital estrangeiro. Mas a nossa defesa termina onde começa o attentado á sensibilidade dos nossos homens de governo.

O POLO NORTE

Amundsen, no primeiro plano da esquerda para a direita, com varios pilotos scientistas, um jornalista e mecanicos, em sua viagem com rumo a Toller.

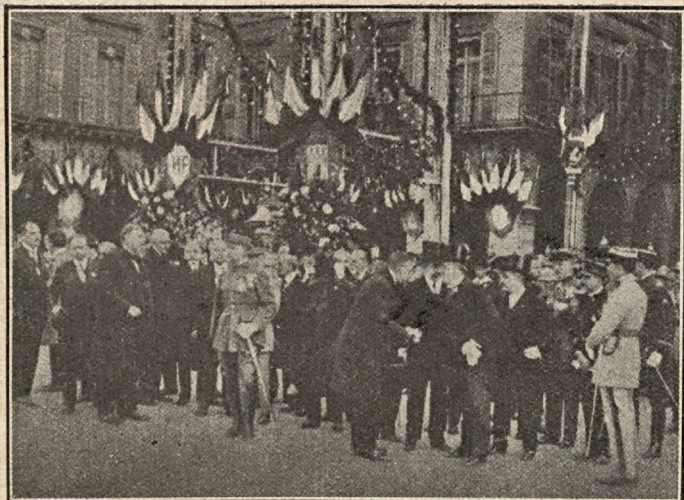
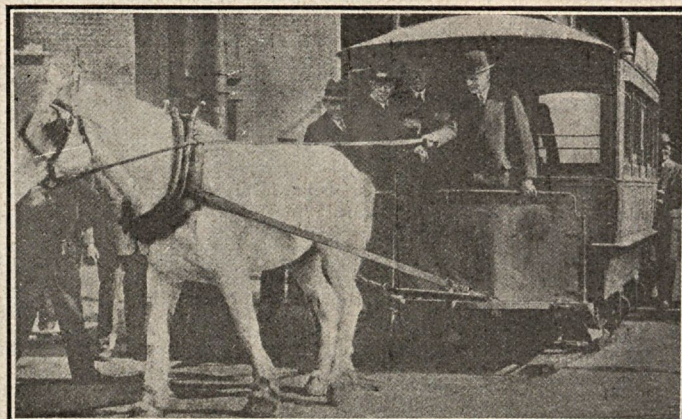
Sobre o trenó-automovel. Os ultimos momentos em Toller. Preparativos para a viagem do "Norge"

Uma população esquimau olhando e saudando o dirigivel "Norge", invisivel nesta photographia

O bello dirigivel "Norge", no momento de sua aterrisagem, cercado pelos indigenas, que ajudam os pilotos na operação de aterrar.

A FEBRE DOS "RECORDS"

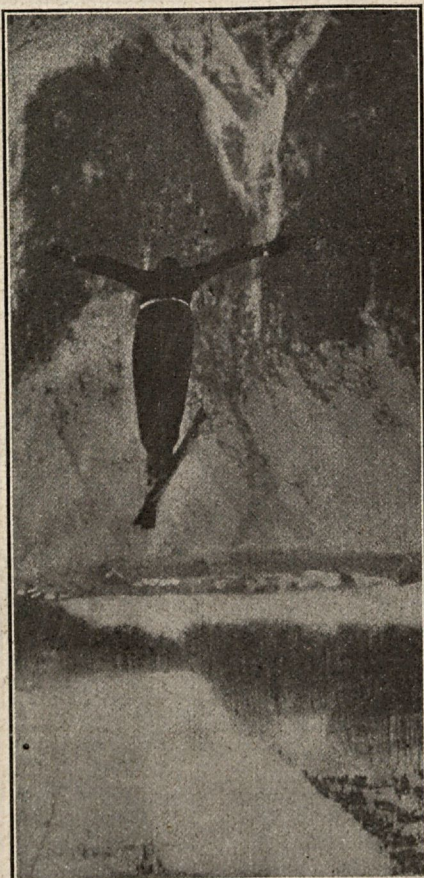
— Desastre?

— Não, sinhô. Isso é concorrencia. Elles "quê vê quá" é a marca de "automove" que enche o buraco "prêmero".

CURIOSIDADES

Festa de Joanna D'arc, na Praça Rivoli, em Paris, que como de costume foi imponente.

Henry Ford conduzindo o bonde que lhe foi offerecido e que trafegava em 1868.

ACONTECIMENTOS SOCIAES

Um bello sa'to durante as ultimas provas sportivas em Nova York.

Miss Belgic, concorrente á prova de belleza de Galveston, Estados Unidos.

A' esquerda: — Manifestação aos aviadores Koel e Fitz Maurice, ao chegarem á ilha de Groen'y. A' direita: — Um maravilhoso salto em ski.

Commemoração do 10° anniversario da inde guarda-

O Malho

M U N D I A E S

O grande chefe dos Pelles Vermelhas segurando o tradicional cachimbo da paz.

O principe Nicolau e o patriarcha Miron assistindo ás festas commemorativas da União Bessarabia, Rumania.

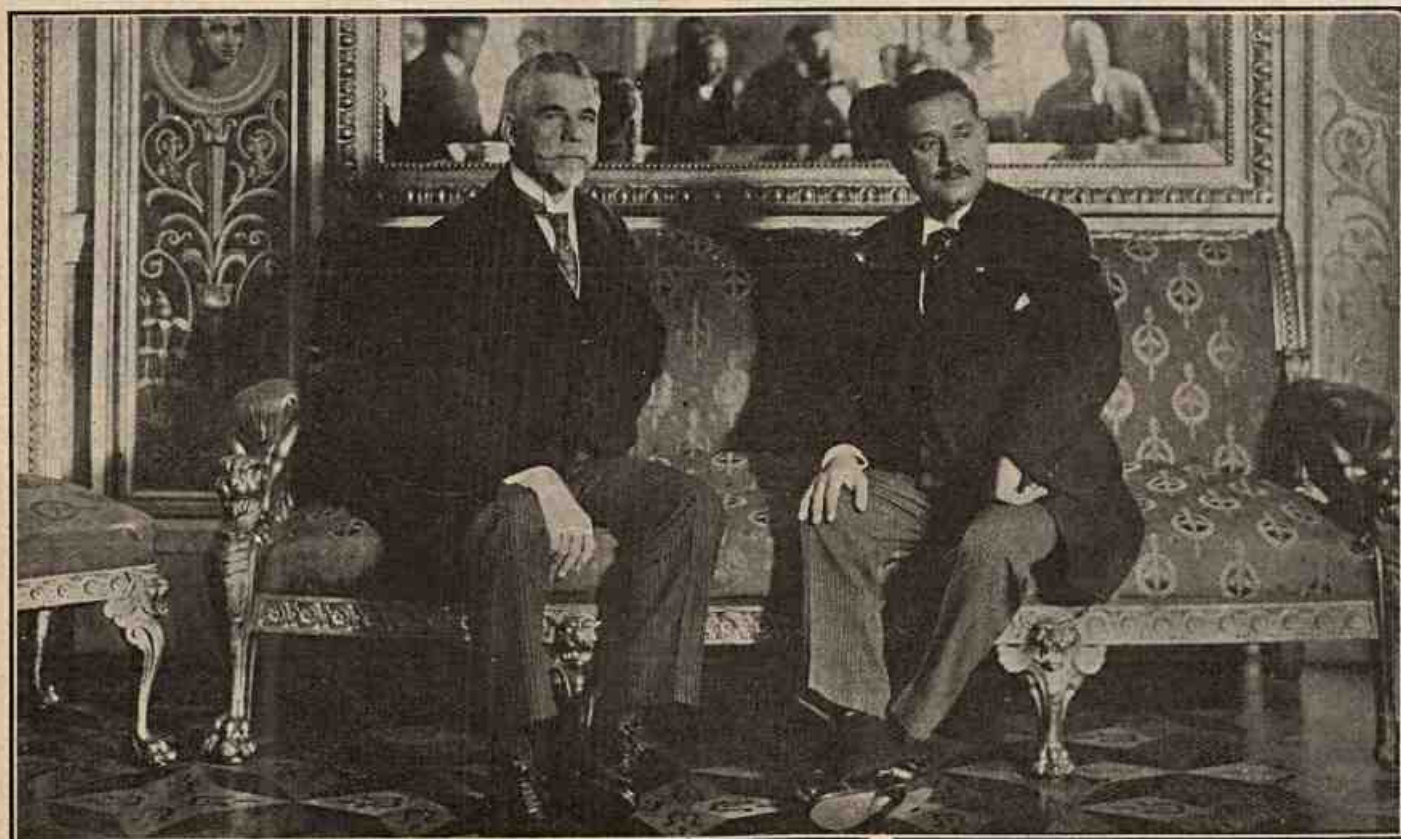
O Principe de Galles inaugurando a ponte Berwick Royal, em Londres.

NOTAS SPORTIVAS

O marechal Thang Tholin, o famoso chefe dos "nortistas" chinezes.

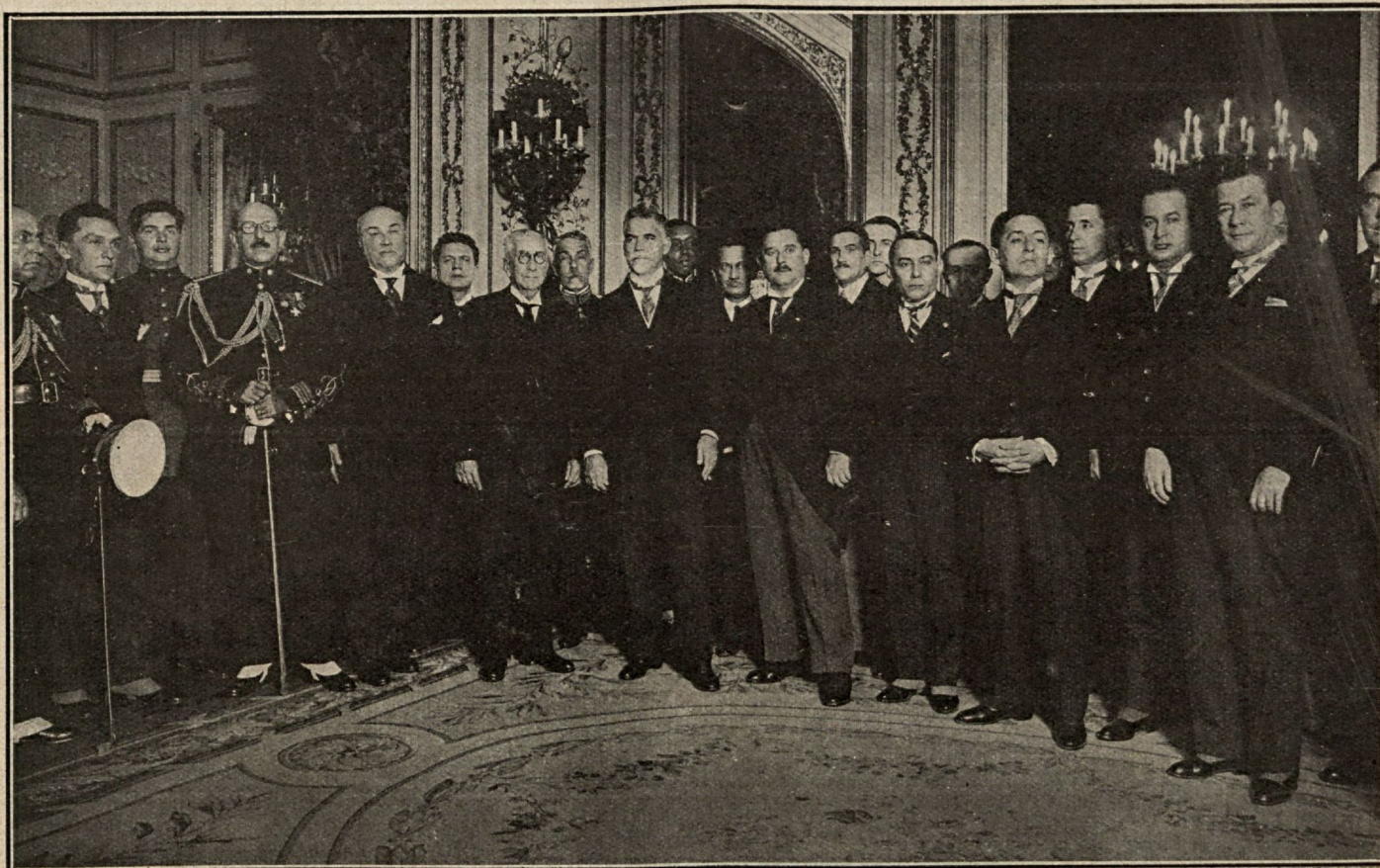
pendencia da Finlandia, vendo-se a parada da civica.

Instantaneo de varios mergulhadores durante as provas sportivas em Nova York.
Ao lado: — Um salto de vara.

A HONROSA VISITA DO PRESIDENTE

No palacio do Cattete — S. Ex. o Sr. Dr. José Guggiari, Presidente eleito do Paraguay, visita S. Ex. o Sr. Dr. Washington Luis.

S. Ex. o Sr. Dr. José Guggiari, ao retirar-se do pa'acio do Cattete, após a visita á S. Ex. o Sr. Presidente da Republica.

ELEITO DA REPUBLICA PARAGUAYA

No palacio D. Guilhermina Guinle — S. Ex. o Presidente da Republica Brasileira retribue a visita do Exmo. Sr. Presidente eleito do Paraguay.

S. Ex. o Sr. Dr. Washington Luis, tendo á sua esquerda o Exmo. Sr. Presidente eleito do Paraguay, no palacio D. Guilhermina Guinle.

O PRESIDENTE ELEITO DO PARAGUAY NO RIO DE JANEIRO

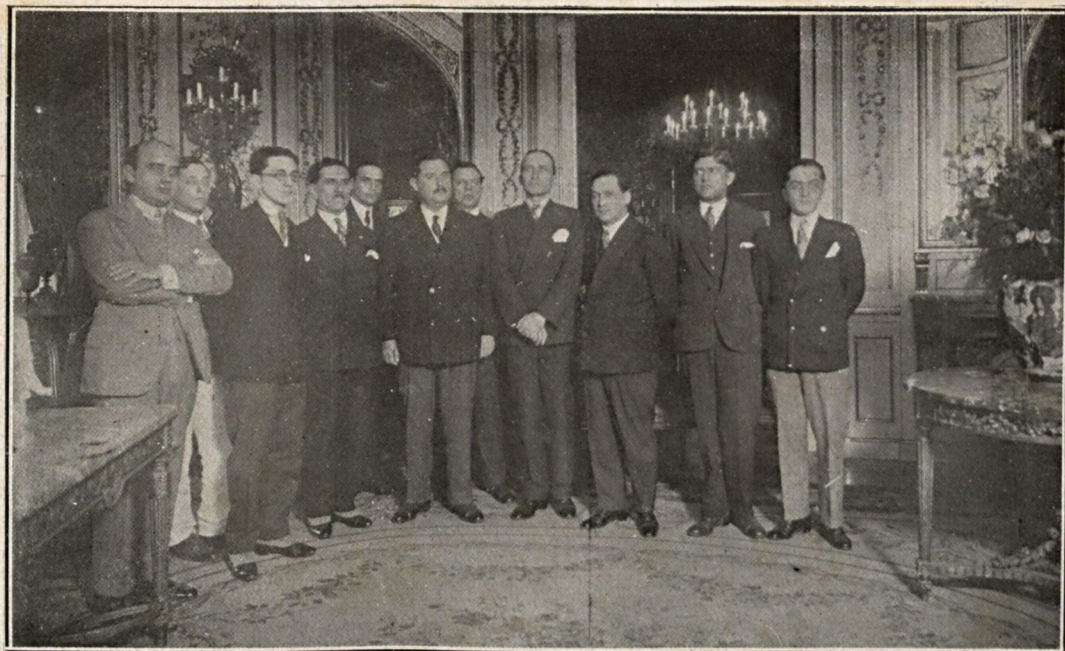
卍

S. Excellencia o Dr. Guggiari, na Camara dos Deputados, agradecendo as homenagens que lhe foram prestadas pelo Congresso.

Na Camara dos Deputados, durante a visita do Presidente eleito do Paraguay

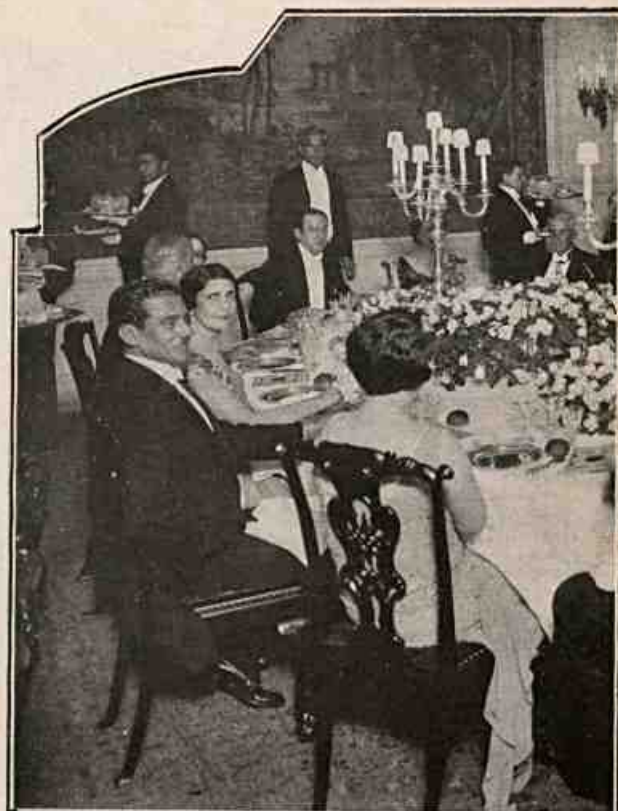
S. Ex. o Dr. Guggiari em visita ao Supremo Tribunal Federal

O PRESIDENTE ELEITO DO PARAGUAY NO RIO DE JANEIRO

Quando o Presidente eleito do Paraguay recebeu os representantes da imprensa carioca, no palacio Guinle.

Depois do banquete que foi realisado no palacio do Cattete

Durante o almoço na residencia do Sr. Amaro da Silveira

N O   P A L A C I O

S. Ex. o Presidente eleito do Paraguay e Ministro Mangabeira entre convidados presentes ao baile do Itamaraty.

Durante

Convidados presentes ao baile

Outro aspecto do

Uma das mesas do banquete em honra ao Presidente José Guggiari.

Senhoras que animaram o baile

I T A M A R A T Y

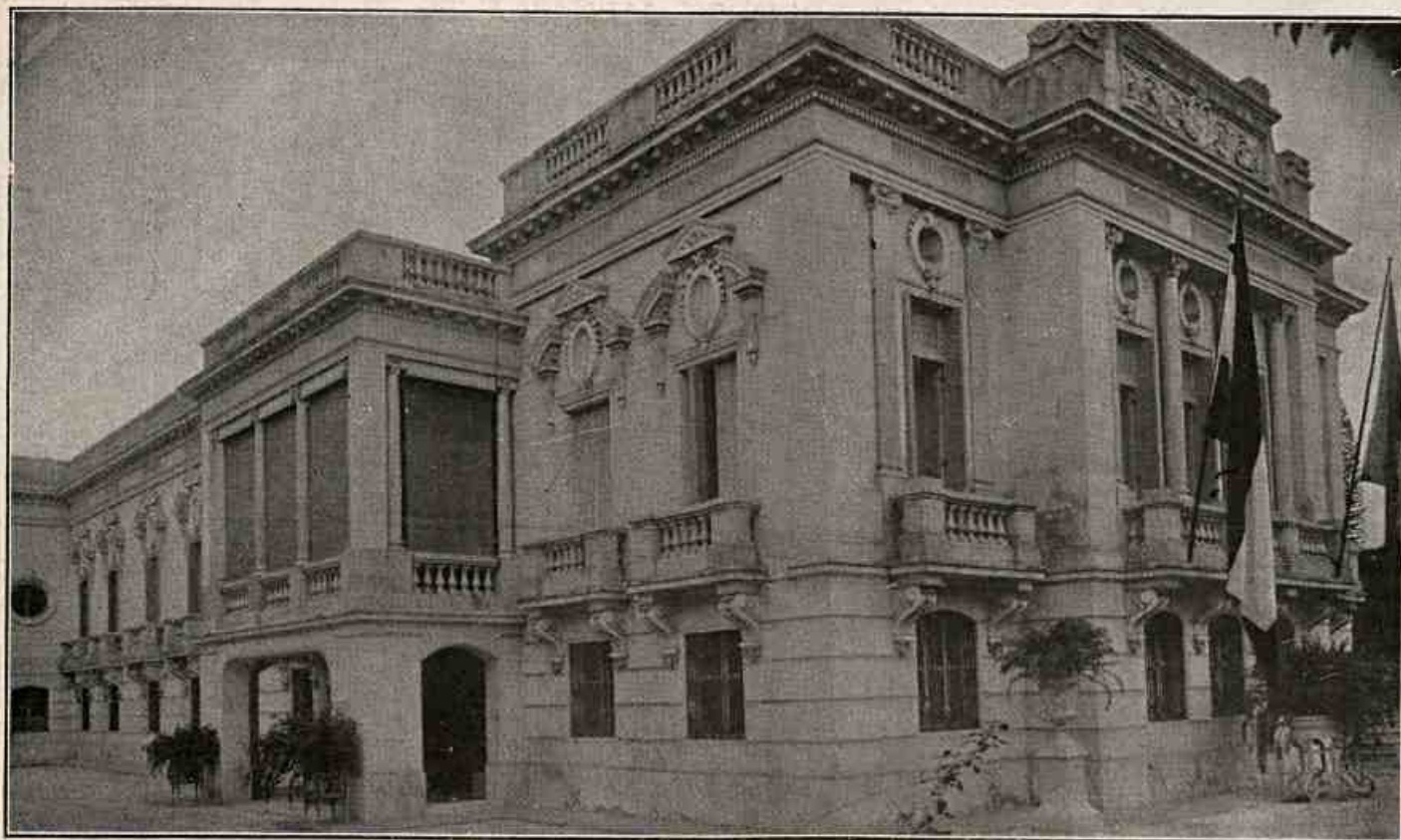
o banquete

S. Ex. o Sr. Dr. José Guggiari e a Exma. esposa do Sr. Ministro do Exterior Dr. Oct avio Mangabeira.

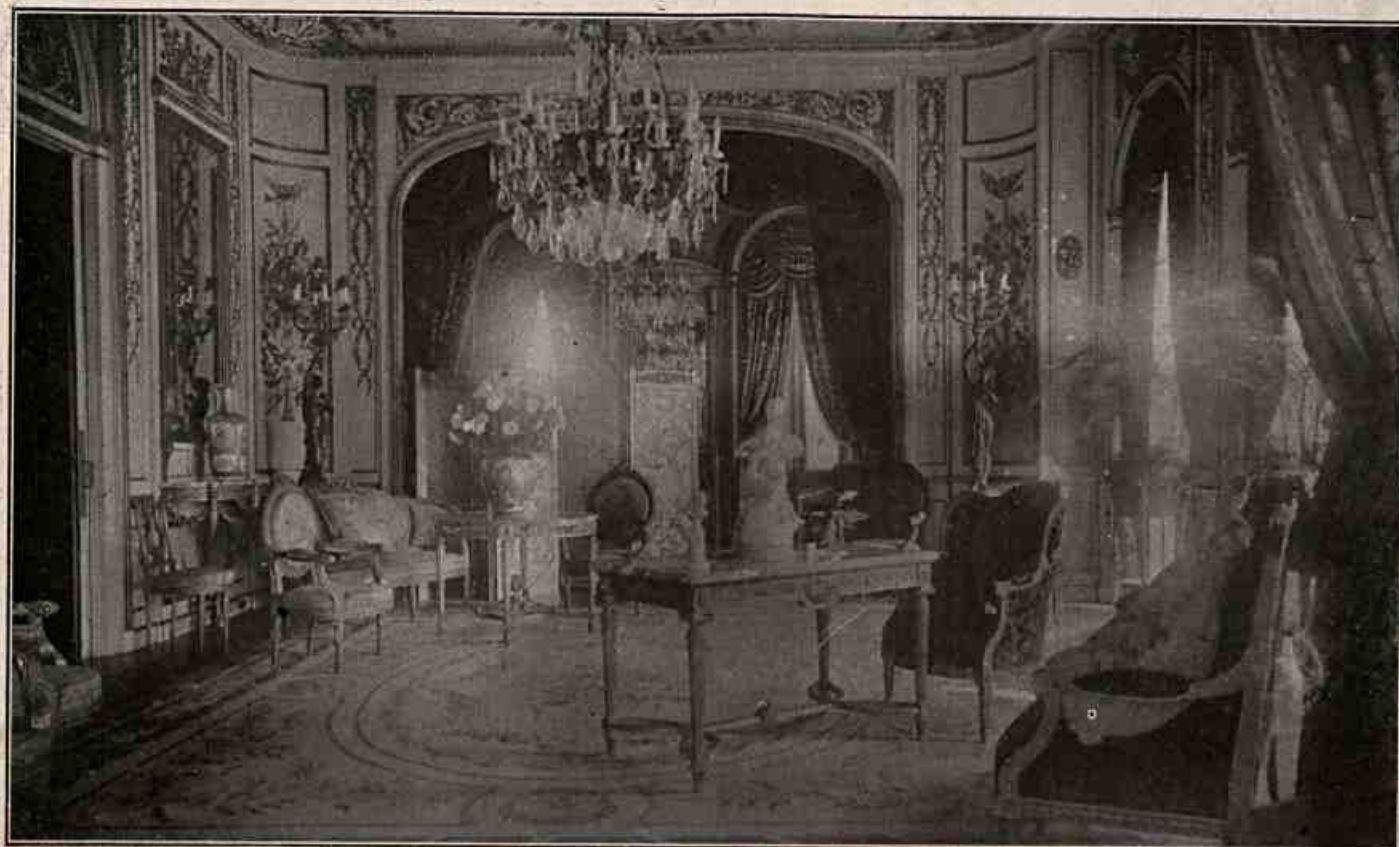
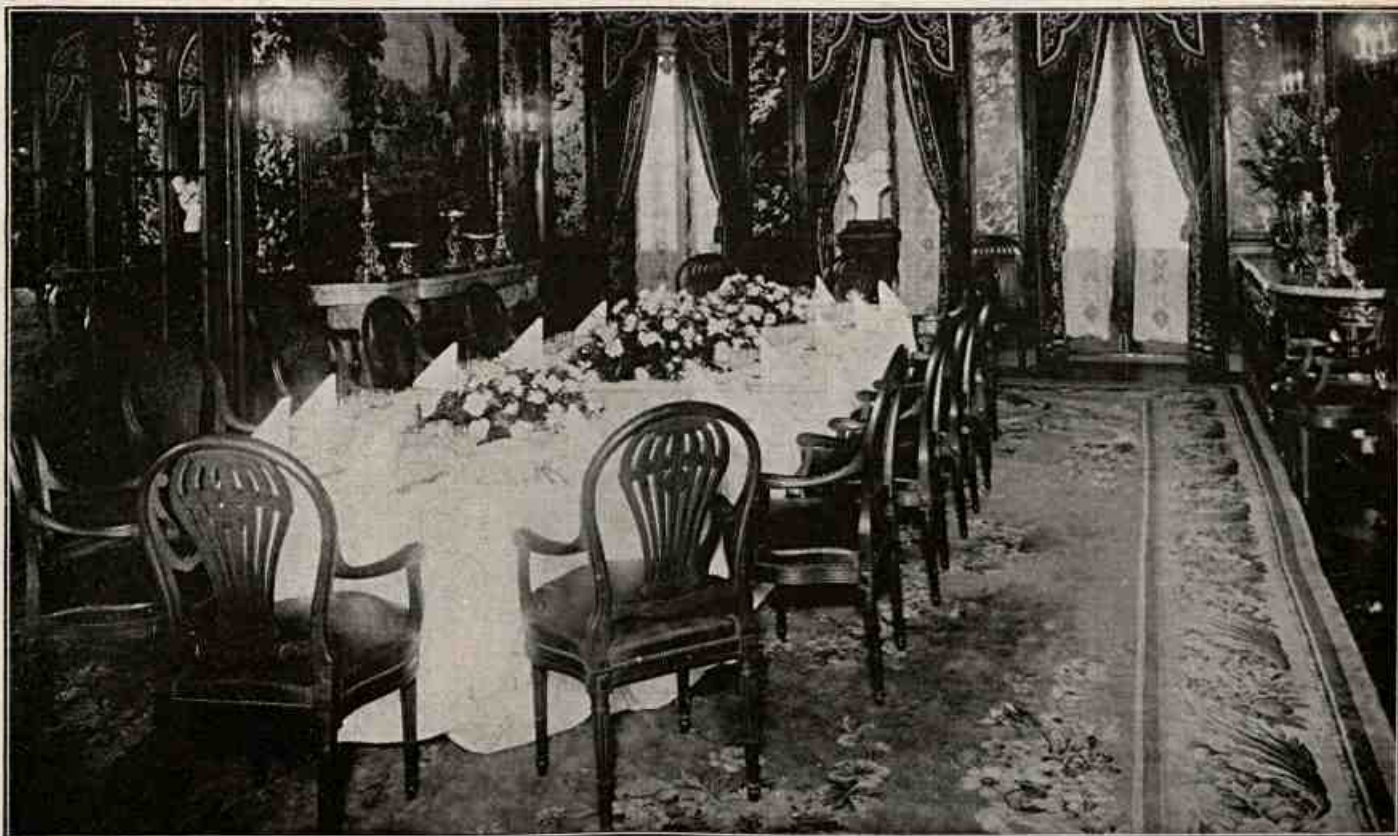
grande banquete

Convidados presentes ao baile

em honra ao Presidente Guggiari.

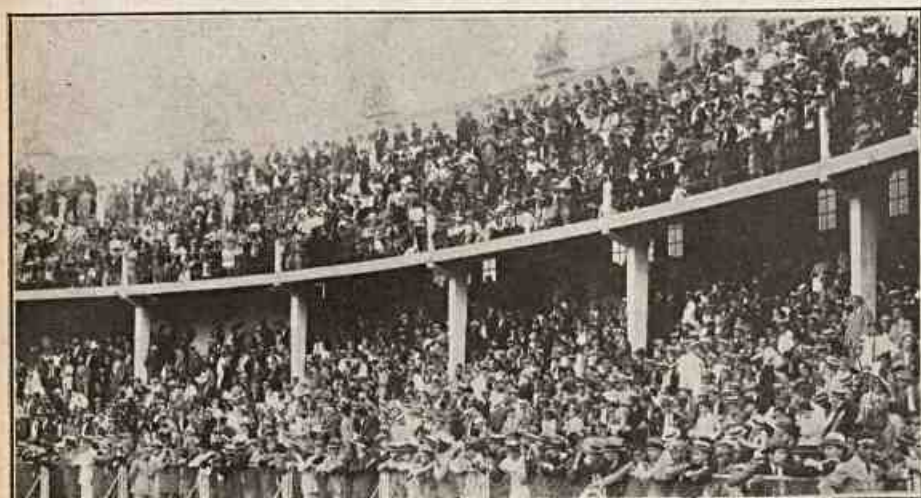
O Sr. Presidente Guggiari entre o ministro Mangabeira e embaixador argentino.

O palacete D. Guilhermina Guinle, onde S. Ex. o Sr. Dr. José Guggiari esteve hospedado.

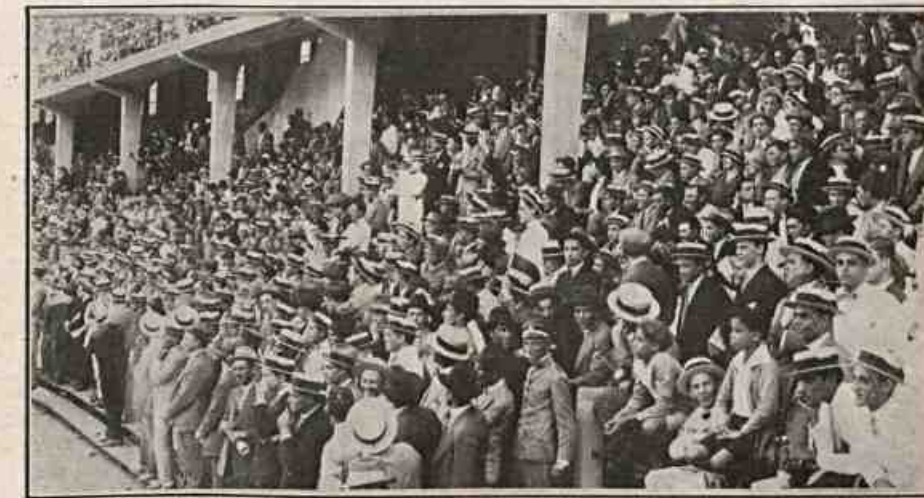
O PRESIDENTE ELEITO DO PARAGUAY, NO RIO DE JANEIRO

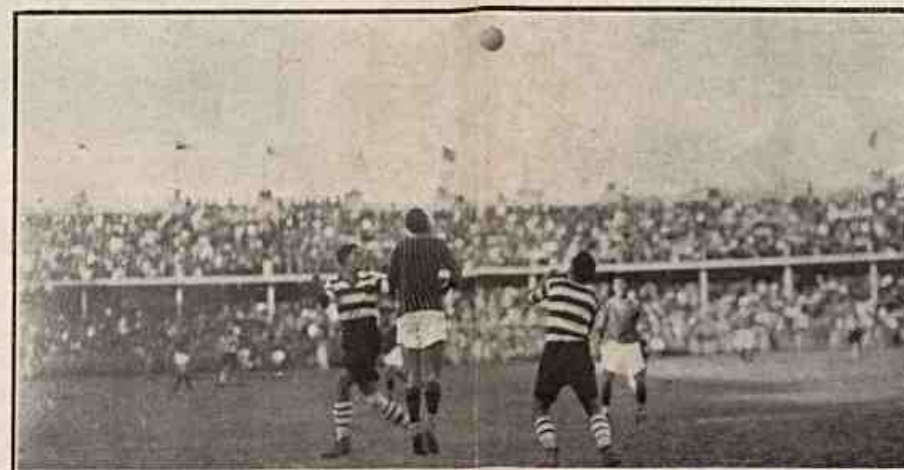
Em baixo: Um dos sumptuosos salões do palacete Dona Guilhermina Guinle, á rua São Clemente.

O salão de banquetes do palacete D. Guilhermina Guinle, onde residiu o Presidente eleito do Paraguay.

O PRESIDENTE ELEITO DO PARAGUAY, NO RIO DE JANEIRO

Em baixo: — O embarque de S. Ex. o Sr. Dr. José Guggiari, Presidente eleito do Paraguay, na tarde de 13 do corrente.

O ENCONTRO DO SPORTING DE LISBOA COM O FLUMINENSE, NO STADIUM DA RUA GUANABARA

A formidavel multidão que assistiu o jogo

O team do Fluminense que venceu o Sporting por 4 x 1

Um detalhe das archibancadas do Stadium

Quando mais animado ia o jogo

Um flagrante do encontro

O desfile dos teams do Sporting e Fluminense

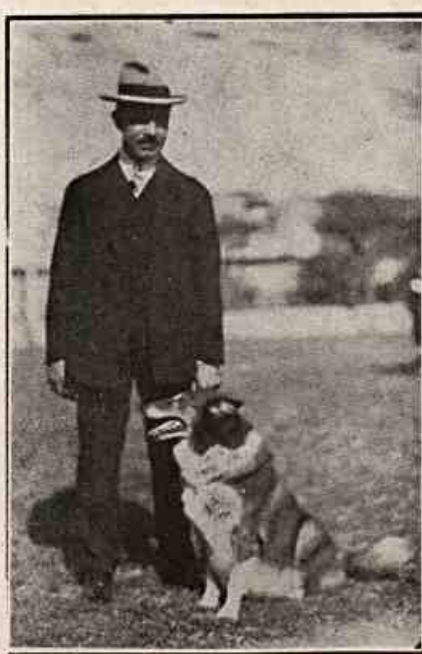
Uma defesa...

O jogo realisado entre os nossos jogadores do Fluminense e o Sporting de Lisboa foi dos mais impressionante. Mais de 50 mil pessoas affluiram ao magnifico Stadium da Rua Guanabara, para disputar as melhores collocações, afim de assistir o desenrolar do encontro. Melhor que qualquer commentario, as gravuras da nossa pagina dizem da imponencia da tarde de domingo ultimo. Ao centro, em cima, estão os valorosos que venceram, já sobejamente conhecidos do nosso publico. Em baixo apparecem os defensores das côres portuguezas, da esquerda para a direita: Martinho de Oliveira, half; Abrantes Mendes, meia-direita; Jorge Vieira, back; Agostinho Servantes, meia-esquerda; Carlos Alves, back; Mathias Lopes, half; Armando Martins, center-forward; Serra Moura, center-half; Manoel Martins, extrema-esquerda; João Francisco, extrema-direita, e Lipsiano Nunes, keeper.

O team do Sporting de Lisboa que perdeu por 1 x 4

Esperando...

A FESTA DOS CÃES,

Um lindo Maston Mashear

Fan-Fan "posando"...

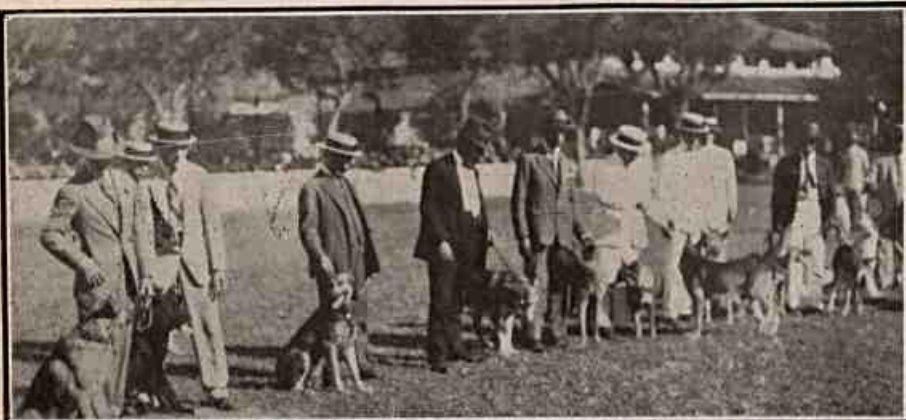
Desfilando ante a nossa objectiva

O vistoso Tchan-Tchen premiado

Um Bull-dog fazendo careta...

Neste ultimo domingo, na sua linda tarde azul, banhada de um sol puro, a praça de sports do Club do Flamengo se encheu de movimento e alegria, com a encantadora festa que nelle realizou o Brasil Kennel Club.

E é curioso notar-se o crescente interesse que vem tomando, no Rio, o desenvolvimento e educação da raça canina, como acontece em outras grandes capitaes, interesse que bem se revelou nesse certamen, tantas as figuras da nossa alta sociedade que lhe emprestaram o realce do seu prestigio e de sua elegancia e tão numerosos os concorrentes. Meia hora depois de marcado o inicio da festa, já animavam o vasto campo, com a graça de suas toilettes, lindas mulheres e distinctos cavalheiros entre a vivacidade e o desembaraço dos animaes que se cruzavam, latindo uns, silenciosos outros, numa encantadora confusão.

Em conjuncto, a visão que o campo offerecia era empolgante, porque em todos os seus trechos se accumulavam grupos alegres, cheios de sorrisos, no

Um grupo de criadores

POR BARROS VIDAL

A "Susi" num salto magistral...

Uma concorrente "flirtando"...

O unico galgo que appareceu

Gosando as delicias do collo amigo...

Numa "pose" e num sorriso...

meio dos quaes se destacavam os cães das mais differentes raças e com os caracteristicos mais differentes.

Se aqui a linda moça de vestido azul se orgulhava de suster, na corrente que rebrilhava ao sol, um espectaculoso galgo de lindos pêlos brancos, ali, no angulo distante, se destacava a figura marcial de tres majestosos "Co'e" que, os focinhos juntos, pareciam trocar impressões... Já ao nosso lado, em collos amigos, se inclinavam minusculos "black-toys", assim como, na sua expressão feroz, erguia a cara chata e arreganhava os dentes um "Bulldog", preso, entretanto, ás mãos de uma linda creatura.

E detendo o olhar aqui, ali e acolá, fomos descobrindo a exquisitice de um bravio cachorro dinamarquez, a destreza impressionante de um "Deutcher Schiaperkand" e a allucinante velocidade de um negro Nestor. Os cães, parecia, comprehendendo a razão de ser da festa, a ella emprestavam o melhor da sua alegria...

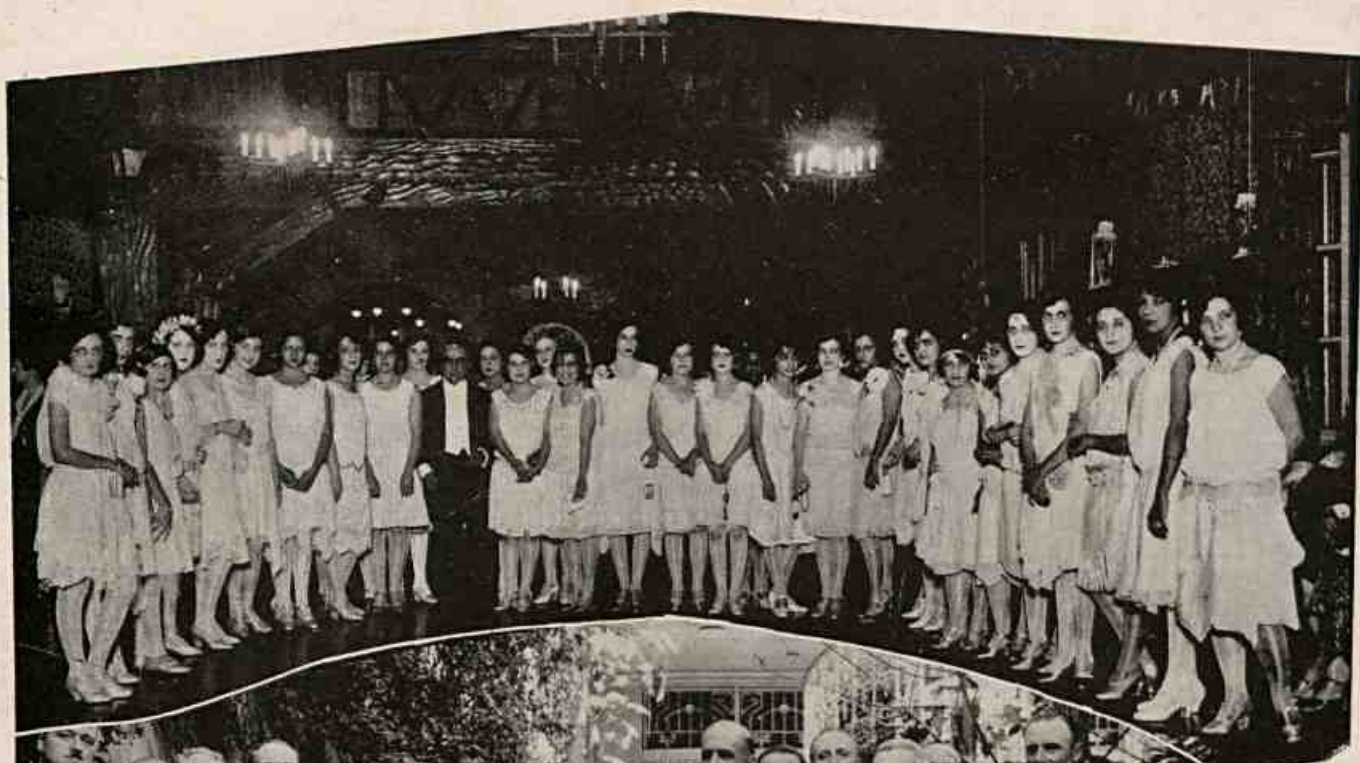
(Termina na pagina 54)

Uma porfia de distincção e elegancia

O Senhor Presidente da Republica chegando á Casa Marcilio Dias.

◈

Assignatura da Acta.

O lançamento da pedra fundamental do edificio.

As novas professoras municipaes de 1927.

O 14 de Julho na Legação de França.

A chegada do Sporting de Lisboa, ao Rio de Janeiro.

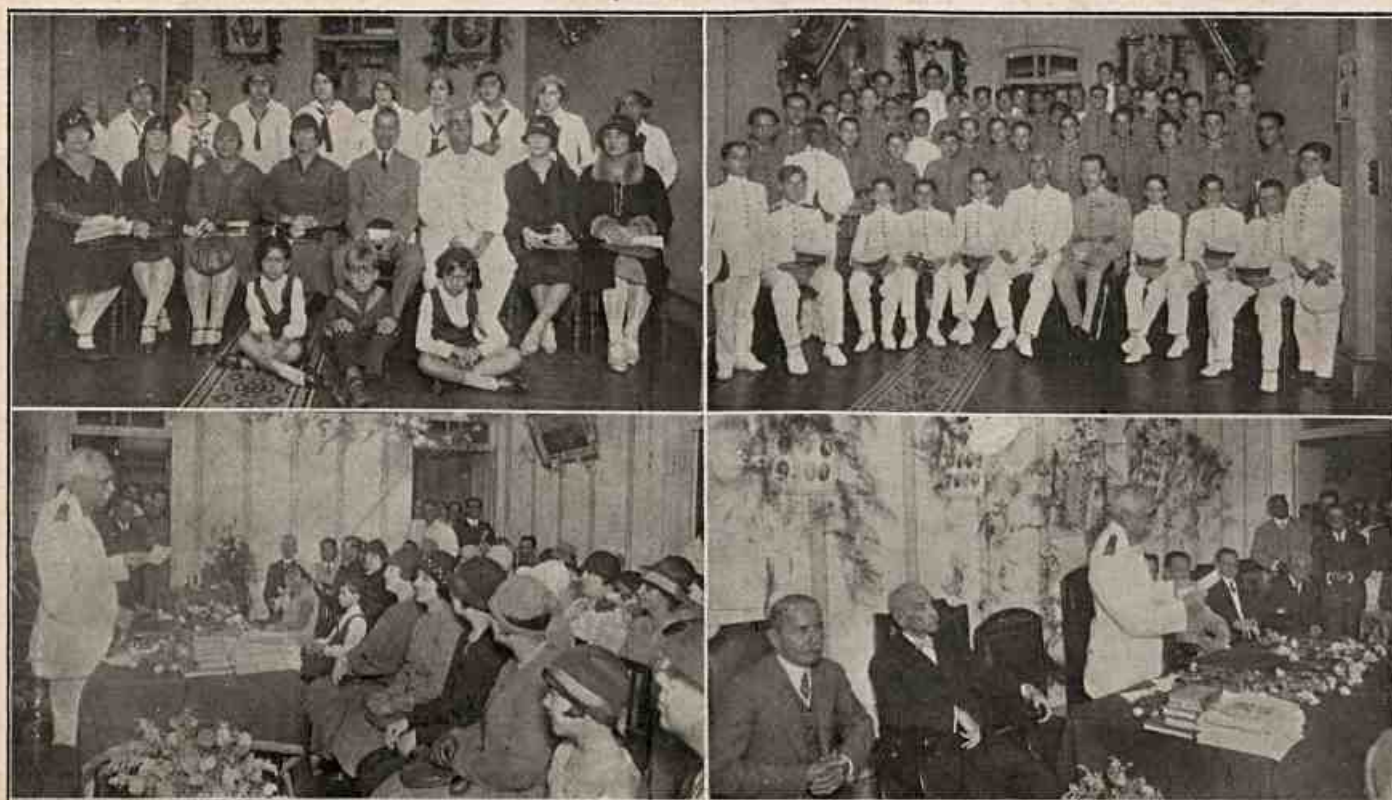
V O R O N O F F

Aqui está o homem. Nós pensavamos que elle não existisse. Para nós, Voronoff era uma lenda. Para nós, Voronoff não passava do producto da imaginação de alguns sonhadores que desejavam readquirir aquillo que a Natureza e o tempo lhes roubaram. Mas felizmente existe. Felizmente não para nós, que ainda temos força e energia para dar e vender. Felizmente, para os outros.

O sabio querido já se acha entre nós ha uma semana — e trouxe macacos de sua inteira confiança.

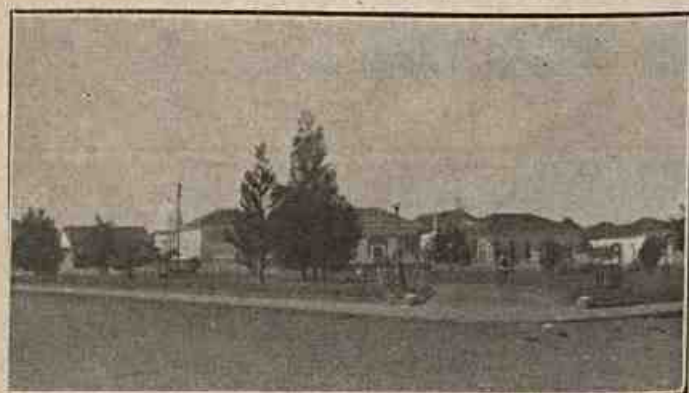
Apresentamos, pois, os nossos calorosos cumprimentos aos senadores Antonio Azeredo, Costa Rodrigues, Pires Ferreira, Ferreira Chaves, Corrêa de Brito, Miguel Calmon, Pedro Lago, Miguel de Carvalho, Lacerda Franco, Adolpho Gordo, Arnolpho Azevedo e José Murtinho, aos deputados Manoel Villaboim, Aarão Reis, Viriato Corrêa, Ubaldino de Assis, Costa Rodrigues, Alvaro Baptista, João de Faria, Mancel Fulgencio, Augusto Gloria, Junqueira, Raul Veiga, Francisco Peixoto e Horacio de Magalhães, e aos ministros Lyra Castro, Pinto da Luz e Sezefredo Passos, este (que quer casar mas não acha com quem).

A todos desejamos, sinceramente, uma feliz operação.

O Dr. Sergio Voronoff

Aspectos das festas commemorativas do 10 anniversario do Prytaneo Militar. Pela ordem, vê-se: A directoria, convidados e alumnos; o director rodeado de alumnos e dois aspectos da entrega dos premios. A solemnidade teve logar no dia 14 de Julho.

"O MALHO" EM MINAS

O Collegio Paula Frassinetti, em São Sebastião do Paraiso.

A matriz de São Sebastião do Paraiso Minas.

Praça Independencia — São Sebastião do Paraiso — Aspecto da Praça

Rua Pimenta de Padua — São Sebastião do Paraiso — Rua Dr. Placidino

Uma rua de São Sebastião do Paraiso, vendo-se ao fundo a Matriz e no primeiro plano a caixa-d'agua.

"O MALHO" EM MONTEVIDÉO

Os estudantes brasileiros que foram hospedes de Montevidéo antes de embarcar para o Rio de Janeiro

Durante a festa academica na Escola de Engenharia de Montevidéo, em honra aos estudantes Brasileiros

Durante a entrega do retrato do Visconde do Rio Branco aos estudantes Brasileiros pelos seus collegas Uruguayos

"O MALHO" EM PORTUGAL

Na festa do 86 anniversario natalicio do Patriarcha de Lisboa. S. Ex. está sentado ao centro

Durante as homenagens que foram prestadas, em Lisboa, ao grande mestre da pintura Sr. José Malhôa

Almoço que foi offerecido a José Malhôa, no Leão de Ouro, onde em tempos se reunia o "Grupo do Leão"

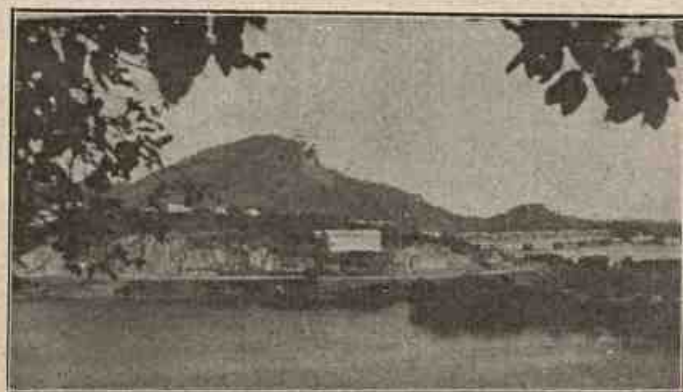
UM GRANDE GOVERNO

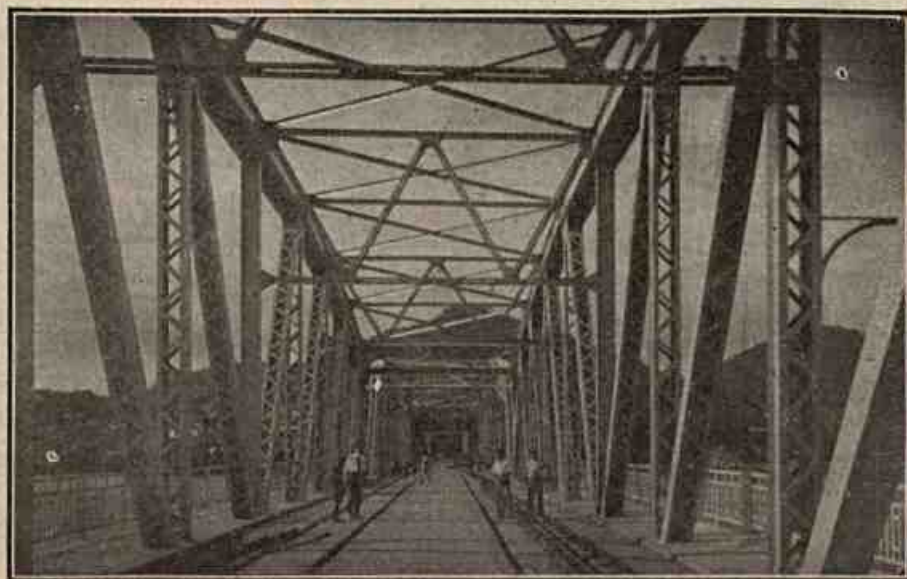
Um dos ultimos retratos do Presidente Florentino Avidos

Um dos preconceitos que se vão generalisando na nossa politica é o de que só os grandes Estados possam effectivamente consagrar a capacidade de seus administradores. Trata-se evidentemente de um equivoco nascido talvez da traducção demasiado literal de doutrinas em que o homem apparece no papel, aliás nada honroso, de um s i m p l e s instrumento do meio...

Convém, portanto, combatel-o, sobretudo pelos resultados negativos a que conduz num paiz como o nosso, onde a intelligencia e o esforço humanos são a cada instante chamados a corrigir os proprios excessos da terra moça e exhuberante. Governar é ter portanto, em ultima analyse, a consciencia de um dominio cujos meritos, aliás, nem sempre se aferem pela extensão. Os verdadeiramente capazes, neste terreno, ao invés de se deixarem conduzir assim pelas forças que o cercam, reagem ao contrario, sob os estimulos dessa consciencia, disciplinam-nas e, afinal, as dirigem convenientemente para melhor as utilisar, sejam de resto quaes forem os limites de seu campo de acção.

Desta justa e esclarecida maneira de interpretar o papel dos que governam em relação com o seu meio, partecipa certamente o Dr. Florentino Avidos, cuja administração se vem de encerrar no Espirito Santo.

Não houvesse o já agora illustre compatricio reagido de inicio rigorosamente contra todas as influencias dessa mentalidade condemnada e certo não poderia hoje, ao termo do seu mandato, sujeitar, de animo sereno, a sua obra administrativa ás consequencias de um balanço absolutamente consciencioso e ás vistas de toda a critica. Falamos assim, porque, apezar das figurações que neste sentido se enscenam constantemente, poucos na realidade, mesmo á frente de maiores circumscripções territoriaes, poderão entre os nossos politicos, representar a seu favor um saldo real das proporções do conseguido pelo Presidente Avidos.

Vão da Ponte que liga a ilha do Principe ao continente.

Aspecto da Praça Costa Pereira, uma das mais bellas da cidade.

Aspecto do interior da grande ponte de Victoria

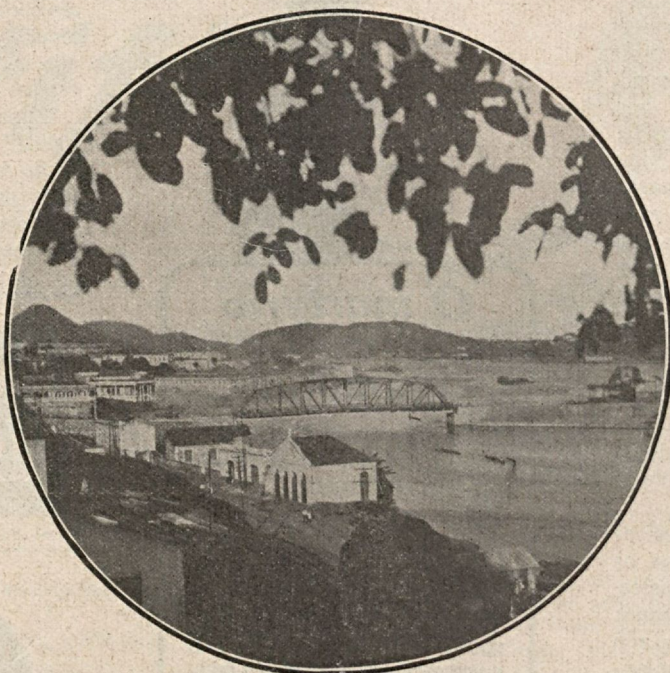
Dizer-se que S. Ex. foi apenas no governo de seu Estado simplesmente um reformador não será nem forçar a expressão a um sentido novo, nem utilisal-a apenas para effeitos puramente verbaes, uma vez que por toda a parte a terra capichaba apresenta a esta hora em todos os departamentos da sua actividade uma physionomia nova.

Partindo da magnifica transformação de suas finanças, em virtude da progressão annual de sua receita, o Dr. Florentino Avidos realisou no

NUM PEQUENO ESTADO

Estado, nestes u'timos quatro annos, uma modificação tão extensa e radical, que a gente chega a admittir antes, que uma verdadeira revo'ução se tenha operado ali.

Por effeito de uma actuação sobremodo energica, conseguiu elle arrancar a sua terra do marasmo em que se abatia ha longos annos, não obstante os elementos de riqueza de que dispunha a começar daquelles que lhe offereciam as suas mattas virgens.

Este fremito de progresso que lhe communicou o dymnanismo do governo findo, começando de Victoria se irradiou por toda os grandes centros da vida espiritosantense, estabelecendo entre os seus pontos uma corrente continua. Quer isto dizer que a lavoura e o commercio, como a industria locaes todos reanimados aos influxos de uma politica intelligente e ho-

Ponte metallica ligando Victoria ao continente

Avenida Capichaba depois de aberta e vista do morro de São João.

Um dos aspectos das obras já iniciadas

nesta de estimulo a todas as forças de producção do Estado, dava em breve os melhores resultados, com reflexos salutares immediatos no proprio credito do Estado. E' que a medida que uma nova politica fiscal e sua arrecadação honestamente feita, dava ao Thesouro espiritosantense uma situação de desafogo das velhas oppressões soffridas, ia o governo tratando de reduzir as dividas publicas e devolver, por outro lado, ao esforço particular, em obras varias de interesse geral, os "superavits" verificados nos seus orçamentos. Só nestas foram applicados pelo governo findo mais de sessenta mil contos dos cento e trinta e tres mil arrecadados durante o quadriennio. Somme-se a esta parcella dez mil contos a que montaram as reducções da divida publica e ver-se-á que no periodo de seu governo, o Dr. Florentino Avidos gastou apenas com o apparelho burocratico do Estado a cifra de cincoenta mil contos. Este simples jogo de cifras definia por si só a administração Avidos no Espirito Santo, assignalando-lhe a singularidade das directrizes a que obedeceu o seu espirito, emquanto lhe coube dirigir os destinos da sua terra.

Ha, porém, ainda dois aspectos das realisações desse governo que convém destacar. Um delles foi a transformação de Victoria; outro o impulso que elle imprimiu ao ensino primario. Do primeiro falam mais de duzentas novas escolas que elle deu ao Estado, cuja população escolar augmentou de vinte e cinco para trinta e sete mil; do segundo, dizem bem algumas das photographias com que illustramos as nossas paginas.

(Termina no fim numero)

Os grande armazens do Porto de Victoria, em construcção

CITHARA IDEAL

Este o nome do interessante instrumento que introduziu na nossa praça o *Museu Infantil*, na rua do Ouvidor, 133.

"Cithara Ideal", de confecção aprimorada e podendo ser executada por qualquer pessoa que não saiba musica, constitue, pela suavidade de seus sons claros e precisos, uma distração agradavel e instructiva, muito propria para as creanças. Compõe-se ella de 15 cordas, todas iguaes na espessura, perfazendo duas oitavas. A cada "Cithara Ideal" acompanham dez musicas (1ª collecção), uma chave, palhetas, e cordas de sobresalente.

O seu custo está ao alcance de todas — 30$000, e pelo Correio, mais 5$000 para embalagem e porte. As musicas, separadamente, custam 5$000 por cada collecção de dez.

E' este um brinquedo muito aconselhavel para as creanças, sabido que os meninos têm tal gosto pela musica, que, nos seus jogos infantis nunca falta um numero de musica executado mesmo cantando ou assobiando, quando não ha um instrumento mesmo rudimentar, como a gaita, ou o realejo, que lhes proporcione alguma harmonia de sons.

O anniversario da revista "Primeira"

Completou com a edição de 10 do corrente um anno de brilhante tirocinio periodico a revista "Primeira", habil e efficientemente dirigida pelos nossos collegas Adolpho Aisen e A. F. da Costa Junior.

"Primeira" representa entre nós um successo justo da actividade honesta dos seus dirigentes, que podem, realmente, se orgulhar com a sua victoriosa realisação. Revista moldada segundo a orientação, exclusiva no Brasil, de festejados magazines inglezes e americanos, esta sua primeira etapa annual vem provar que a sua acceitação por parte dos leitores tem sido franca e sempre crescente.

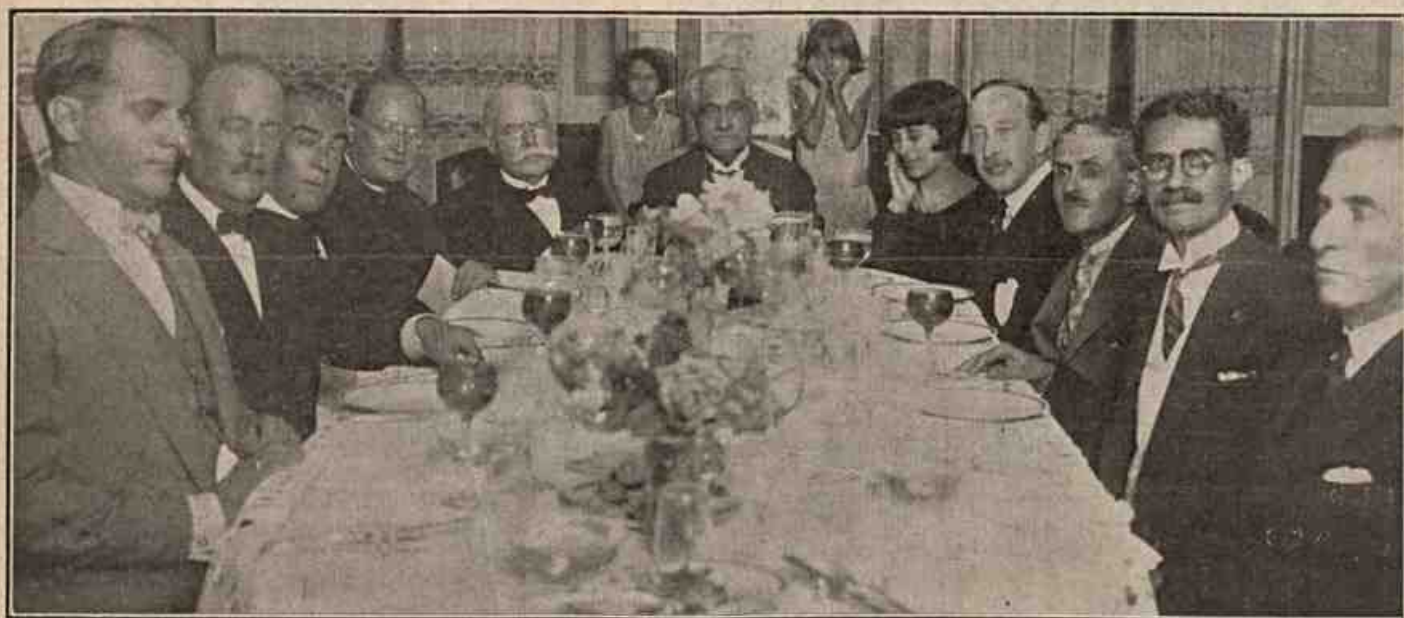
O numero de anniversario de "Primeira" traz vasta e variada collaboração assignada pelos escriptores nacionaes de maior evidencia no momento, e o seu aspecto material agrada francamente.

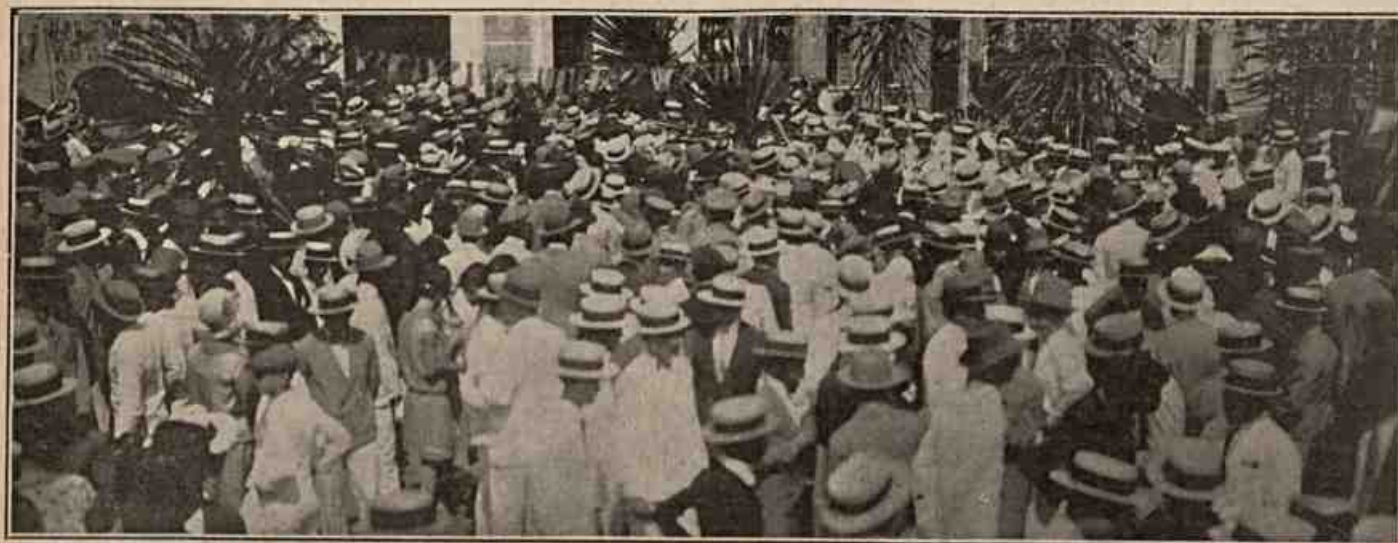
ÁS MARGENS DO TÉJO

luzem as mulheres de Lisboa, a meridional belleza de suas feições, o fulgor de seus olhos profundos e obscuros, a voluptuosidade de seus labios carnosos, a resplandecencia da sua limpida cutis. Mas, de todos os seus dons, julgam que a suavidade da sua cutis é o seu mais apreciado bem. Por isso é que de preferencia dedicam attenção ao cuidado da cutis. A cera mercolized (em inglez "pure mercolized wax") tira da tez todas as imperfeições que afeiam, desprende as particulas de pelle desgastada e murcha e faz com que venha brilhar á superficie a nova, louçã e assetinada cutis que toda mulher possue sob a velha epiderme.

Usando a cera mercolized, podereis, como as bellas portuguezas, ostentar uma cutis encantadora, factor preponderante de juvenil belleza e de infinitas satisfações.

Miniatura da bellissima capa de "Para todos..." de hoje.

"O MALHO" NA BAHIA

Banquete offerecido pelo commendador F. de Sant'Anna ao Dr. Bento Carqueja, na sua passagem pela Bahia

Commemoração do dia 2 de Julho, na capital bahiana

O povo em frente ao Pantheon, onde se encontram as hermas dos heróes de 2 de Julho de 1823

CAIXA DO "O MALHO"

P. CRU' (Minas) — "Mantiqueira" está acceitavel. Com pequenas correcções será publicada. Bem se vê que está progredindo...

J. LUPI (Porto Alegre) — Já o aconselhei a não publicar tão cedo seu livro de versos: "Chimeras da vida", com que está ameaçando os leitores e vae ameaçar seu futuro socego de espirito. Dentre as "poesias" que enviou destaco o "Jardim sem flores" "hypocondriaco", em agonia. Sempre eu queria que me dissesse o poeta onde fica o hypocondrio dos jardins. Que nova "anatomia jardineira" será esta?

Para que não se pense que é má vontade minha em publicar os trabalhos do poeta Lupi, aqui mesmo transcrevo o seu "jardim" que lhe causou amargos dissabores e que irá causar hilaridade ao leitor quando vir que o *poeta* "já desfructou um hilare passado", embora fosse "tão tristonho":

"Impressão trite dá um jardim sem flores,
Sem perfume, em profunda *hypocondria*,
Causando *a mim* amargos dissabores...
Vêr morrer uma flor quando nascia.

N'outros tempos era um jardim d'amores,
Odorifico e cheio de alegria;
E, hoje, não passa de um jardim de dores,
Sem graça, ao abandono, *em agonia!*

Sou como este jardim, pobre, sem vida,
Tendo no peito a dor mais *fementida*..,
Quem neste mundo assim já *desfructou*

Um *hilare* passado — Tão *tritonho*,
E como este jardim aqui deponho...
A minha vida, flor, que já murchou!..."

Este soneto ficaria bem num livro intitulado: "Desgraças da vida" em vez de "Chimeras"... Que *méras*, que nada, *seu* Lupi! Triste realidade é o que é.

JALMIREZ G. GOMES (Rio) — Foi acceito e será publicado o seu trabalho dedicado a "Ellas"...

LINCOLN RIOS (Baurú) — O trabalho intitulado "Vocação" está muito longo. Faça aquillo "por menos", porque grande assim não se lê. A vida hoje é tão vertiginosa. Das poesias que mandou foram aproveitadas duas.

As outras chronicas que promette mandar devem ser pequenas, "syntheticas", como se diz agora. Obrigado pelas lisonjeiras referencias á secção.

J. MACHADO (Rio) — "Evolução" e "Regresso tardio" serão publicados.

ALMENARA — Seu conto turco está "duro de roer" pela realidade crua... e núa tambem com que foi escripto.

Emfim, si "O Malho" fosse uma leitura "só para homens", ainda poderia ser publicado com algumas reticencias e phrases por acabar; mas "O Malho" é para senhoras e meninas tambem, e o regulamento do Juizo de Menores, mesmo com paes vivos e mães ainda mais vivas, é claro e severo. Vá pregar em outra freguezia, "seu" Almenara, ou nos desertos da costa d'Africa.

OSCAR S. MATTOS — Recebi a "Saudade" com as correcções a que se refere, ficando, entretanto, aquella desagradavel "dor dilata" que está requerendo uma injecção de sedol, morphina, "balsamo", ou outro qualquer anesthesico, vindo mesmo de Flandres. Concerte ainda uma vez, ou melhor: arranje outra dor qualquer que não seja... de lata.

Assim tambem tire aquelle "coração *comporta* no apanagio"... Podem pensar que esta porta seja uma *valvula* dos ventriculos ou das auriculas.

MELLILA — Póde mandar as photographias a que se refere, porque, si estiverem nitidas e derem boa reproducção em "cliché", serão publicadas. As das crianças irão para o "Tico-Tico" e devem trazer no verso de cada uma o nome do respectivo retratado.

AURORA — Suas quadrinhas estão abaixo da critica.

Então acha que "conversa" rima com "depressa"? Quando muito será "consoante", como dizem os improvisadores do sertão, quando acham difficuldade em rimar correctamente.

Dou aqui, como amostra, uma das suas "quadras", sem rima, sem metrica, sem sentido, sem cousa alguma "por onde se lhe pegue", a não ser por uma ponta do papel e com a ponta dos dedos para jogar na cesta:

"Vem *ho* minha querida linda
Vem cá depressa
Ovir minha *conversa*
Abre tua *janela* elevada."

Tudo isto sem outra pontuação a não ser o ponto final com que fecha a *janela* das asneiras que deixou escorrer da penna.

ZILAH (Leme) — Procure no *Para todos* a resposta á sua consulta. Todos os consulentes serão attendidos ali, na secção "Graphologia".

CABUHY PITANGA JUNIOR.

VERSOS DE COLLABORAÇÃO

JARDIM DE INVERNO

(PERFEIÇÃO)

No meu quarto de estudo, ermo e tristonho,
tento imprimir num verso o teu retrato:
solto o pombo-correio do meu sonho,
e elle vae procurar-te em teu recato..

Volta; e ao voltar, traz comsigo o formato
do teu perfil angelico e risonho,
e traz o brilho tetrico e medonho
dos teus olhos que são meu cruciato.

E eu, ebrio de prazer, vou copiando
o que o pombo-correio vae ditando,
na argentea luz da Perfeição, immerso...

Eis que consigo a almejada obra-prima:
— Tu'alma pura a vibrar numa rima,
teu coração a palpitar num verso!

A. RENART

TRISTEZAS DA VIDA

Tenho pena de ti, pobre exilada!
A Sorte ingrata e rude deu-te pranto
para carpir na vida abandonada,
sem ter um doce riso... um terno encanto!...

Vaes perdendo o prazer da vida, emquanto
uma paixão voraz, allucinada,
vem matar no teu peito o amor que tanto
te fez risonha, alegre, enamorada.

E's como a rosa que no hastil sem vida
a mão brutal ceifou sem ter piedade,
para atirar ao chão emmurchecida...

No emtanto, Alguem te quer... Alguem te adora,
Sentindo, a sós, a dôr que o peito invade,
o mesmo mal que aos pouco te devora.

CARLOS AMORIM

CONFIDENCIA

Era alta noite. O somno impiedoso,
Fugira-me. Debalde os olhos cerro;
Rolo no leito, supersticioso;
Fitando o escuro, vultos desenterro.

Levanto-me. Caminho pressuroso,
Dirijo-me á janella, que descerro.
E á frouxa luz dum astro luminoso,
Tira-me o medo que no peito encerro.

E ao fitar-vos, estrellas deslumbrantes,
Vem-me á mente a pergunta que vos faço:
— Porque brilhaes co'a luz dos diamantes? —

Por Deus foi dada esta fulguração,
P'ra despertar na escuridão do espaço,
Do Poeta a divina inspiração!?

CARLOS PIRES

(Minas)

AQUELLA MOÇA...

Aquella moça... Lembras-te? Vaidosa!
Que andava por ahi tão bem vestida
Pisando com melindre — presumpçosa,
Cheia de si, bastante convencida?

E que em certa occasião, toda dengosa
Fazia mil castellos de sua vida,
Julgando ser talvez — pobre orgulhosa!
A moça mais formosa e preferida?

Que havia de ser dona de um castello
Onde existisse, muito lindo e bello,
Um rico piano para o seu serac?

Vi-a depois, si não me falha a mente,
Numa cosinha, á beira do fogão
Tocando *piano* admiravelmente!. .

São Carlos — *João Pimentel*

PROFISSÃO DE FE'.

Pequenino que sou, em mim se descortina
Um mundo majestoso, um mundo fulgurante.
Onde tudo é belleza e tudo é delumbrante!
Mera illusão que attrahe, que prende e que fascina!..

Porém, eu do meu canto, attento e vigilante,
Seguindo, de Jesus, a pura e sã doutrina
Procuro me afastar, fugir, viver distante
Do mundanismo atroz que em tudo predomina..

Eu pretendo viver, qual monje solitario
Ausente do prazer, do goso e hypocrisia,
A tudo indifferente, a tudo refractario ..

E viverei asim, nessa tranquilidade
Nessa serena paz sem pompa e fantasia,
Por que diante de mim se espelha a realidade!

São Carlos — *João Pimentel*

INTIMO D'ALMA

A Rosalia Sandovel

Céus pensativos, que lembraes tristezas,
Ignotos povos, não sabidos mundos,
Doçura ou marulhar de correntezas,
Torvos abysmos, funeraes, profundos;

Esperanças perdidas, incertezas...
Furia dos ventos, tristes, iracundos;
Sól que se extingue do ermo nas devêzas,
Magua eterna dos mares gemebundos;

Tudo, tudo em minh'alma transparece,
Quer á noite ou á luz de claro dia
Na mudez sepulcral de alguma prece.

Muito embora feliz, quem o diria?
Deu-me a Natura um'alma que parece,
Desde o nascer, immensamente fria!..

S. Paulo, 21 de Outubro de 1927

J. M. Coimbra.

Um grande governo num pequeno Estado

FIM

Mercê da intelligencia e do esforço de um cidadão capaz e probo, o pequeno Espirito Santo poude assim realisar uma obra cujas proporções não estão nada relativas ao seu tamanho. Ao contrario, porém, ellas servem para nos demonstrar que mesmo no Brasil esta relatividade só existe na realidade, com esse caracter de fatalidade, para aquelles cujas aptidões no governo se resumem numa pouca asseiada deglutição de vencimentos, quando não na mais sensacional das "reclames" que é de cousas que nunca existiram...

Que o governo Florentino Avidos no Espirito Santo dispensa, para se projectar futuro a dentro, a adulteração dos factos, dil-o, entre outras cousas, o caracter silencioso do seu fecundo labor, cujos rythmos jámais se alteraram, nem interromperam para dar logar á tarefa das enscenações destinadas a embair a opinião publica.

Nos sulcos indeleveis da sua acção por todo o Estado, terá S. Ex. o melhor, porque o mais duradouro dos elogios, muito embora repartidos por alguns de seus auxiliares, entre os quaes é de justiça salientar os Srs. Aristeu de Aguiar, seu successor, e Moacyr Avidos — collaborador incansavel e sentinella indormida dos seus creditos.

ALBUM DE ŒDIPO

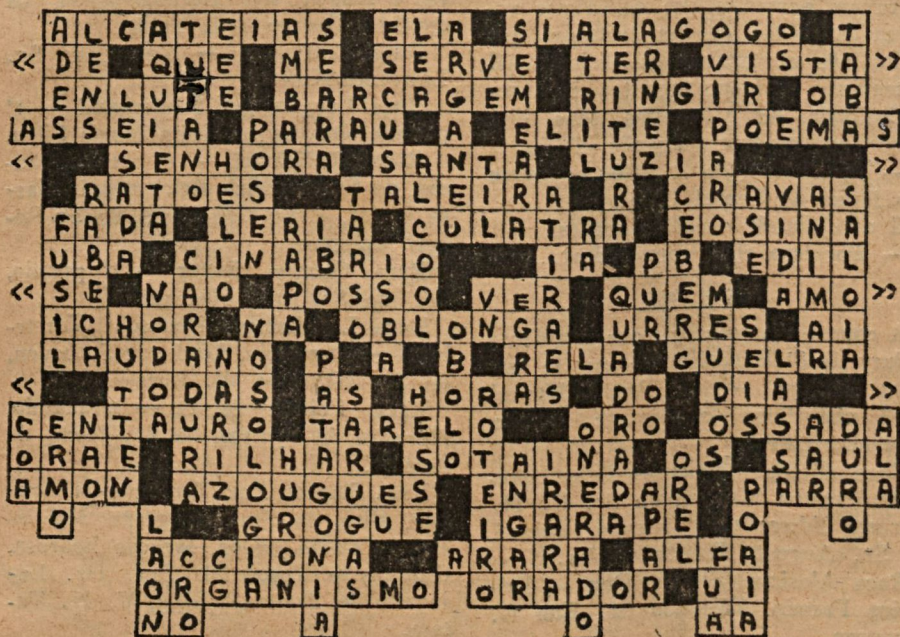
Errata do n. 1349:

O trabalho de Therezinha, encravado nas charadas, antigas, é um enigma charadistico, que conservará o numero 95 para melhor conferencia nossa.

NOTA — Da errata do n. 1.348, sahida no mesmo numero, em uma das paginas do começo e repetida no n. 1.349, não devem ser tomadas em consideração: a relativa ao enigma de Royal de Beaureveres; a de Clingoros; as duas de Therezinha, a de Principe de Ponce Corvo; as duas das soluções do n. 1.335; a de Tauros.

Dos erros apontados na antiga de Magala, só o do — "lhe" deve ser corrigido para — "lhes".

SOLUÇÃO DO N. 53 DE "CINEARTE"

Por Frederico Mendes de Moraes — Rio de Janeiro — Diccionario de Jayme Séguier — Prazo: 40 dias.

Relação dos que acertaram a solução do enigma n. 53.

Capital Federal — Alice Neves, Augusta Astolfi, Maria de O. Tinoco, Celina Cunha, Alberto Sattamini, Bruno L. Reis, David Scaldaferri, Godofredo de Siqueira, João Bonifacio, João J. da Fonseca, José Martins, Mario G. Filho, Mario Segadas, Nuno do Amaral, Pedro P. de Souza, Plinio Cajibá.

Estado de S. Paulo — Adalgisa S. Falcão, Braulia Diniz, Maria C. Seixas, Rosa Pompilio, Yolanda Villalva, Alberto Goulart, Arnaldo Pedroso F., Basilio Navajas (Capital); Hermantino Coelho, Mario W. de Castro, (Campinas); Amelia Moreira, (Santos); Emilia Gullaci, (Ribeirão Preto); Genny W. Alves, (Sorocaba); Walter C. de Oliveira, (Jaboticabal); Ely de I. Cardoso (Mogy das Cruzes); Celia A. Marques (Itú); Francisco Faggiani, (Batataes); Jordão Andrade (Mogy Mirim); João J. R. do Valle, José M. Dias, Honorio E. Mendes, Joaquim J. da Silva, (Fartura); Guido Pottumati (Agudos); Eldes Guedes, Antenor L. Oliveira, (S. João da Bocaina); Raul Grosso, (Arthur Nogueira).

Estado do Rio — Arina Nogueira, Carlos da Fonseca, Glunogirio Vieira, (Petropolis); Dr. Isaias Moreira, Julio C. Assumpção (Entre Rios); Levy R. Barbosa (Barra Mansa): Alice G. da Silva (Bom Jesus).

Estado de Minas — Elisa Santos, (Ouro Preto); José Bomfim (Guaxupé).

Pernambuco — Izoleth Magalhães, Joaquim Souto Maior, Luiz G. Camara, (Recife); Dina M. Dias, Maria A. Galvão, (Olinda); Manoel de A. Villaça (Garanhuns).

Maranhão — Dinah S. Neves, Neide Segadilha, Neuza Ramos, Olinda Desterro e Silva, Zeila Segadilha Maciel, Amadeu S. Arozo, Elpidio V. dos Santos, José Oliveira, Dr. J. V. Ribeiro, Dr. Zildo Maciel (S. Luiz); Lourival Neves (Cutim-Anil).

Bahia — Caetaninha Tourinho, Renato Guimarães Teixeira, (S. Salvador).

Pará — Prist & Freire, (Belém).

Ceará — Alzira Meziano, (Fortaleza).

Alagôas — Dr. Barreto Cardoso, Ivan Paiva, (Maceió).

Santa Catharina — Altamiro Luz, H. A. Becker, Jau Tolentino, Rodolpho Rosa, (Florianopolis).

Rio Grande do Sul — Jamyr A. Duarte, (P. Alegre); Cassio B. Almeida, F. Rodrigues e Mario Ferreira, (Pelotas).

Foi contemplada D. Caetaninha Tourinho. Rua Mercês, 105, Cidade S. Salvador, Estado da Bahia.

Instrucções sobre os enigmas d'O MALHO

— Sómente serão acceitas as soluções feitas no enigma publicado.

— O prazo concedido para a solução é de 40 dias, a contar da data da publicação. Não se acceitam pseudonymos.

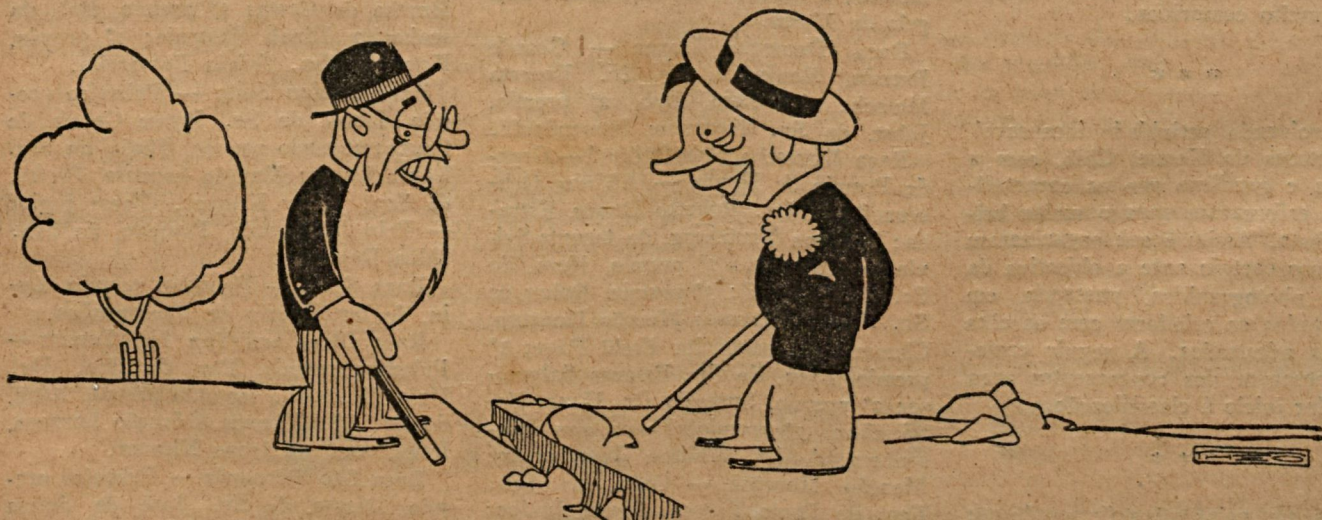
— A todo o enigma publicado, corresponde um premio de 30$, que será attribuido ao que fôr sorteado dentre os concorrentes que acertarem.

— Esta secção é a continuação da de "Cinearte".

— Toda a correspondencia que se relacione com o assumpto desta secção, deve ser dirigida para a redacção d'"O Malho"; *Palavras cruzadas — Albor — Rio de Janeiro.*

NOTA — Esta secção publicará as soluções, relação dos que acertaram e os premiados dos enigmas de "Cinearte".

ALBOR

S C E P T I C I S M O

UM FUNCCIONARIO — Então, sabe que teremos breve o augmento?
O OUTRO — Das passagens da Cantareira ou dos generos alimenticios?

A FESTA DOS CÃES

Por BARROS VIDAL

(Conclusão)

Naquelle conjuncto de cães, havia, realmente, alguns que se destacavam de maneira inconfundivel. O "Fam-Fam", por exemplo, era um delles, tanto pela sua linda côr e aspecto garboso como tambem pela sua estranha volupia de "posar". Mal viu o photographo erguer a machina, ageitou-se, com ares de superioridade, nas patas trazeiras, ergueu a cabeça e esperou. E assim se deixou ficar, firme, esticado, como aguardando uma nova chapa... O seu dono, o Sr. Araujo Lima, nos explicou, então, que esse é o seu fraco... "Cole" legitimo, ha seis annos — que é quantos tem — não faz outra coisa. Já ganhou tres primeiros premios e espera ganhar mais... Do mesmo modo, a cadella pastora allemã "Susi", nossa conhecida e sobre cujas habilidades já nos referimos n'"O Malho", quando do ultimo concurso do Kennel Club, num angulo do campo attrahia a curiosidade de dezenas de pessôas. E' que o seu dono, o engenheiro Bistritscham, fazia-a exhibir as suas preciosas habilidades. Segurando uma vara, a 60 centimetros de altura, a "Susi" vencia-a galhardamente num pulo em que se confundiam a elegancia e a precisão. Em seguida, o Sr. Bistritscham occultava um nickel em determinado logar, nickel que a "Susi" ia descobrir depois de porfiadas pesquizas.

Assim mesmo encantou a quantos compareceram á linda festa a sisudez e a maciez dos pêlos do Jangtse "Tótó", um legitimo e raro representante da raça chineza "Chow-Chow", que recebeu um grande premio. Socegado mesmo onde estava, entre os seus donos, sem um movimento que denotasse as qualidades de que é possuidor, agradou, prendendo os olhares mais curiosos, agradando tambem, e muito, um "Airedale-terrier" authentico, uma exquisita raça, de pernas muito longas e pêlos muito compridos.

* * *

Desenvolvendo actividade incansavel, os directores do Kennel Club, com a fidalguia e gentileza que os caracterizam, se esforçaram para o maior brilho da festa. Assim é que organizaram um curioso cortejo ante a objectiva da camara photographica, passando, em desfile, todos os criadores com os cães por elles adestrados. A seguir começou a pesagem dos concorrentes para o jury dar inicio á classificação.

* * *

Presos, um pelas mãos firmes de um velho, outro pelas tremulas de uma creança, dois authenticos "Cole", as cabeças unidas, davam a impressão de que conversavam. Tão abstractos estavam e tão indifferentes ao que os cercavam, pareciam que delles nos approximamos curiosos. E o menino, vindo ao encontro da nossa curiosidade, na graça dos seus oito annos, nos esclareceu aquelle idyllio:

— São namorados... Só se vêem nas festas do Kennel Club.

E arregalando os olhos verdes:

— Por isso elles aproveitam!...

* * *

A commissão technica, que constituiu o jury da 8ª Exposição — que se realizou domingo — do Brasil Kennel Club, classificou da seguinte maneira os concorrentes:

Raça Airedale-terrier — Grande premio, Marston Masher, do Sr. C. H. Ferrers Edwards; 3º premio, Roland, do Sr. Augusto Duarte Cunha.

Raça Alaskan Sledge Dog — Primeiro Premio, Tass, do Sr. Fnn B. Arnetsen.

Raça Bullmastiff, 1º premio, Sheila, do Sr. V. N. Tatum.

Raça Colie — Grande Premio, Rajah, do capitão Dr. Antonio Ramos dos Santos; Grande Premio (Hors Concours), Chiffon, da Sra. Zélia Leite Nepomuceno da Costa; 1º premio, Bobby, do Sr. Romeu Miranda Silva; 2º premio, Joy, do Sr. Luiz Hettenhauser; 3º premio, Jack, da Sra. Antonia Guimarães; Menção Honrosa, Bob, do Dr. Martinho Garcez Caldas Barreto, e Gody, do Sr. Adolpho Brito. 1º premio, Fan-Fan, do Sr. A. C. de Araujo Lima; segundo premio, Puepochen, da Sra. Zélia Leite Nepomuceno da Costa. Classe junior: 1º premio, Rajah, do Sr. Ronoldo Fernandes; 2º premio, Collie, do Sr. Angelo de Abreu.

Raça Deutsche Boxer — Grande Premio, Beniamin, do Sr. Ernesto Motsch; 1º premio, Bub, 2º premio, Johst, do Sr. Hermann Immendorff.

Raça Deutsche Schaferhund — Grande Premio de Honra — Ali von Ochsenzoll, do Dr. Roberto Duque Estrada; Zig von Trutzberg, do tenente Sylvio de Camargo; 2º premio, Nero, do Sr. Adolpho Gil; 3º premio, Robes, do Sr. Eugenio Crosse; Menção Honrosa, Chummy, da senhorita Etehl Page; 1º premio, Lyra, do Sr. Esteves Salgueiro; 2º premio, Susi, do Dr. Hans Bistritschan; 3º premio, Diana von Bansenberg, do Dr. Milton Weinberger; Menção Honrosa — Gaby, da Sra. Fco. de Paulo Torres. Classe Junior: 1º premio, Rei, do Sr. Antonio Duarte Moreira; 3º premio, Dick von Mooswiese, do 1º tenente José de Mello Mattos; 1º premio, Lége (cadella), do Dr. Maximo Almeida Barreto; 2º premio, Baroneza, do Sr. Antonio Duarte Moreira. Grandes Premios Hors Concours: Rusck(do Sr. Antonio Pereira, e Hagen von Bornuampsholi, da condessa George de la Taille.

Raça Rottweiler — Nestor, do Sr. Lawrence Kinet.

Raça Langhariger Scaferhund — 1º premio, Toy, da senhorita Maria Silva.

Raça Dachshund — 1º premio, Mucki, do Sr. Henrich Reichenbach, classe junior, 1º premio, Lump, do Sr. Robert Collman.

Raça Gongon Setter — 1º premio, Ali, do Sr. José Hofbauer.

Raça Langhariger Deutsche Vorstehund — 1º premio, Lord von Seeboden, do Sr. Henrique W. Eberlé.

Raça Pointer inglez — 1º premio, Heracles do Ilympos, do Sr. Jayme de Aguiar.

Raça Smooth Fox Terrier — 1º premio, Bitú, da Sra. Noguera Mendes Braga, classe junior, Menção honrosa, Guarany e Tupan da Sra. Dr. Lafayette de Freitas, e Gyp, V. N. Tatam.

Raça Barzoi — Grande premio Duque, do Sr. Joaquim Pinto de Freitas.

Raça bull-dog francez — Grande premio Hors Concours, Menelick, do Sr. Rodolphe Huber; 1º premio, Jicky, da senhorita Maria Luiza de Teffé.

Raça Chow-Chow — Grande premio Hors Concours, Yangtse Toto, da Sra. Lepape.

Raça Griffon Havanais — 1º premio, Duque, do Sr. Alfredo Carneiro.

Raça Pekinez — 1º premio, Feing, do Dr. Lourival Fontes; 1º premio, Chininha, da Sra. Agostinho Fortes; classe junior, Menção honrosa, Taichin, da Sra. Dr. Lourival Fontes.

Raça Pomerania — Grande premio, Goldwyn Little John, da Sra. Alice Hortha da Costa; 1º premio, Bob, da senhorita Dinah Sampaio; 1º premio, Kety, da Sra. Sylvia Passarello.

Raça Loulou Spitz — Primeiro premio, Ianop, do Sr. Jayme Garcia de Souza; segundo premio, Thais, da Sra. Laura Casas; Menção honrosa, Pepita, da Sra. Jenny Kitover. Classe junior — Primeiro premio, Pompon, da Sra. Edna Dessberg.

Raça Spitz — Primeiro premio, Lulu, do Sr. Mario de Vasconcellos.

Raça Black and Tan Toy Terrier — Primeiro premio, Toy, da Sra. Dr. Maia Monteiro; segundo premio, King, do Sr. M. Kitover. Menção honrosa, Baby, da Sra. Irene Kitover.

Raça São Bernardo — Primeiro premio, Duque, do Sr. José de Souza Vianna. Classe junior — Primeiro premio, Rex, da senhorinha Emilia Pedrosa Polo.

O Malho

"SEU" PEREIRA — Mandei dar balanço em todas as repartições!
MARCOLINO — Mas, como é que o sinhô vae fazer estabilisação com tanto balanço?

Raça Groenendael — Grande premio, Fido, do Dr. Delfim Carlos Silva. Primeiro premio — Actus, do Sr. Emilio Gottschalk; segundo premio, Marouff, do Sr. Altino de Castilho Couto.

* * *

A linda festa acabou ao cahir da tarde, causando a melhor impressão a quantos a assistiram e que são, afinal, todas as vozes que se levantarão, sempre, em propaganda, a mais sincera e a mais justa, dessa utilitaria instituição que é o Brasil Kennel Club, que de maneira tão louvavel incentiva o desenvolvimento e a mais aprimorada educação do maior amigo do homem.

SCENAS ROCEIRAS

Nho Tônico ajunta as vára,
Bébe um trago de cachaça
E dispois meio sem graça
Diz ansim: — Já vô, sinhára!...

Óie bem as fiarada,
Num dêxe ninguem reiná,
Vancê vae vê que caçada
De tarde quano eu vortá!

E cantando úa modinha
Antiga e desafinada,
De vagar elle caminha
Abeirando a velha estrada.

Por fim chega ao ribeirão,
Resfolegado: — Co'a bréca!
Enfia as varas no chão
E ferra numa sonéca!

Morre o dia, já se vê,
Nhô Tônico volta á casa
Zangado a se maldizer,
Vermelho como uma braza!

— Ché! porquêra, antão cadê
Os pexe? diz nhá sinhára
Pois eu tô só veno as vara,
E a caçada quero vê...

— Ih! sinhára, vê que azá,
Crédo in cruis! Virge Maria!
O rio tava porcaria
Num pude mermo pegá...

Nisso exclama nhá sinhára:
— Mai ôta hôme coió,
Num si pesca só cun vara
Porquêra, cadê o anzó?!...

— Ora dá-se, que bestêra!
(Cabeça de mamangava)
Tá veno só que porquêra?
Puriço que eu num pegava!!.

JOÃO PIMENTEL
(São Carlos)

P s a l m o s

Humildes versos meus, psalmos que em minha vida,
Canta cheia de ardor, minh'alma de poeta,
Ora alegre e a sorrir, ora a chorar ferida,
Porém sempre a cantar tal como uma ave inquieta,

Humildes versos meus, psalmos d'alma, tangida
Por este coração beatico de estheta,
Que externaes a rimar o riso e a dor sentida
Mostrando em cada estrophe uma emoção secreta;

Sois a revelação de tudo que ha sentido,
Esse meu coração ás musas convertido,
Desde quando aprendeu a sentir e a cantar.

E quando um dia, emfim, n'um ignoto futuro,
Eu descansar no pó, achando o que procuro,
As minhas commocões haveis de revelar...

NELSON DE ARAUJO LIMA.

CERCO AO CATTETE

Já está esclarecida a origem do telegramma que o Sr. Estacio Coimbra enviou, de Pernambuco, ao presidente da Republica applaudindo o plano da politica financeira do governo. Não foi o Sr. Estacio quem se lembrou, em primeira mão, de telegraphar, nesse sentido, ao Sr. Washington, mas sim... a minoria da asssembléa legislativa do Estado. E' curioso, não? Mas é verdade. O Sr. Manoel Borba, vendo-se em Pernambuco, abandonado dos amigos, na mesma posição daquelle caçador que entrou no matto sem cachorro, mandou que os seus sequazes apresentassem á approvação da assembléa uma moção de applausos á politica financeira do governo federal. Essa malandragem tinha por objecto colher dois proveitos num sacco só: primeiro metter a bucha pela guéla a dentro da maioria da assembléa; segundo, fazer um rapapé ao presidente da Republica. Mas o trunfo saiu-lhe ás avessas. Por que a maioria transformou a moção em pedido ao governador do Estado para que o Sr. Estacio telegraphasse, elle proprio...

O leitor, pouco interessado nessas pequeninas competições de ordem pessoal que se ferem constantemente pelos Estados, ha de ligar pouca importancia ao episodio. Nós tambem. O que suscita, no caso, os nossos commentarios não é a pessôa do Sr. Estacio, tampouco a do Sr. Borba. O caso, em si, é que é edificante. Elle nos mostra os processos mesquinhos de que se servem os politiqueiros do interior para captar os bôas graças do governo federal, uma vez que se encontrem despojados do poder, como aconteceu com essa pequenna corrente politica que, em Pernambuco, acompanha as manhas do Sr. Manoel Borba. "Mas estivesse o Sr. Borba de cima, que o Sr. Estacio faria a mesma coisa. Por que, — como já tivemos occasião de accentuar aqui — elles se equivalem...

O movel de actos dessa natureza, insinceros e inconfessaveis, é estabelecer um cerco em regra, ao Cattete, afim de obter a sympathia do governo central. Por que. depois, o resto se arranja... Mas o processo é velho e estupido. O Sr. presidente da Republica que conhece os homens e a miseria dos interesses que os movem, dar-lhe-á facilmente o devido valor...

A fumaça do meu charuto

Esta fumaça alvinitente e pura,
Que vae soltando o meu charuto caro,
Sinto prazer, vel-a fugir na altura,
Prazer ignoto, — ó que prazer tão raro!

A contemplal-a, de surpreza, paro
Quando, ás vezes, com o vento se mistura,
Pois, é meu sonho, — meu consolo avaro,
Esta fumaça alvinitente e pura.

Porque fumando é que me sinto bem;
Olho o destino que a fumaça ruma...
Fumar é goso, é reviver tambem.

Feliz daquelle que na vida fuma,
Verá, com o seu soffrer, sumir-se além,
Branca fumaça a se perder na bruma!...

FABIO ROSAL

(Alagoinha, Ceará)

◆ ◆ ◆

Meu guriathan

O pequenino passaro comprei-o
Numa cidade do sertão do norte.
Tinha intenção de dal-o, mas receio
Que elle, com o novo dono, encontre a morte.

Canta magistralmente, de tal sorte,
Que, ouvindo-lhe o trinar ardente e cheio,
Suppõe-se o possuidor de um nobre porte,
Quando em verdade é pequenino e feio.

E' um symbolo e um contraste convincente
Quantos homens, de gloria falsa e vã,
Não existem no mundo... e certamente

Esses invejam meu guriathan,
Que, apezar de ser feio e pequenino,
Canta claro, correcto, crystalino...

SOUZA NETTO

(Joazeiro)

◆ ◆ ◆

Olhar incomprehendido

Sei que disseste um dia á confidente
dos sentimentos teus mais exquisitos
que eu tinha o olhar de um homem insolente,
por dirigir-te olhares infinitos...

E foi o mesmo olhar teu inimigo
que hontem te fez chegar a mim, zangada,
e perguntar: — "Senhor, que tem commigo?"
e ouvir de mim: — "Eu, senhorita? — Nada!..."

Pois praza a Deus que fiques crente mesmo
que o meu olhar constante seja, apenas,
esse capricho de não tel-o a esmo...

Porque buscava em ti, se te offendia,
o consolo de uma alma que não soffre,
para a magua de um ente que soffria...

CARLOS AUGUSTO

TORNEIO EXTRAORDINARIO DE 1928

Em homenagem aos charadistas luzitanos d'aqui e d'além-mar.

PREMIOS

PARA OS SOLUCIONISTAS

Offerecidos pelo "O Malho".

1º LOGAR — Um Diccionario Encyclopedico Illustrado da Lingua Portugueza, ultima edição, accrescentada e augmentada por João Ribeiro.

2º LOGAR — Um Diccionario Etymologico de Silva Bastos.

3º LOGAR — Um Diccionario do Charadista, de A. M. de Souza.

4º LOGAR — Um Calepino Charadistico, de João Candelaria Sobrinho.

Offerecido pela Tertulia Œdipica, de Lisbôa, ao charadista brasileiro que conquistar o primeiro logar. — *Um Diccionario de Franscisco de Almeida e Henrique Brunswick* (edição Pastor) em 2 volumes.

Offerecido pela Liga Charadistica Paulista ao decifrador portuguez que consegu'r o 1º logar. — Uma collecção d'*OEnigma*, orgão official da *Liga*, desde o n. 10 até 70, encadernada; ou se houver empate, para aquelle, da mesma nação, que a sorte designar em sorteio differente do que fôr beneficiado para o premio do *O Malho*.

Offerecido pela Trindade Œdipica de S. Luiz, Maranhão, para o que chegar em 5º logar. — *Uma obra literaria.*

PARA OS PROBLEMISTAS

Offerecido pelo "O Malho". — Um *Diccionario Pratico Illustrado*, de Jayme Seguier, para o autor do melhor trabalho em conjuncto.

Offerecidos pela Liga Charadistica Paulista — 1 assignatura annual de *O Enigma*, para o autor da melhor charada novissima ou charada em phrase; 1 outra para o da melhor charada antiga ou em verso; 1 outra para o do melhor enigma, ou enigma charadistico; 1 outra para o do melhor logogrypho; 1 outra para o do melhor enigma pittoresco ou figurado.

NOTA — A parte orthographica e metrica dos trabalhos publicados no presente numero, corre por conta dos respectivos autores: nós só influimos na parte propriamente charadistica.

CHARADAS NOVISSIMAS 71 a 87

3—1—O *protestantismo* e a *"nota"* do *sensato.*

Aventureira (Bahia)

1—3—*Não* pode ser Deus mais *clemente* do que é, perdoando até o *barbaro.*

Barbazul (Da L. C. P. — S. Paulo)

3—1—E' *"mina"*? Qual *o* que!... E' *espaço.*

Curcius (Recife)

(Meu caro Marechal)

3—2—...peço-vos *licença*, por esta offerta, pois não tenho *engenho* de compôr uma charada *com facilidade.*

Dr. Mabuse (Do Nucleo Enigmatico)

(A "Alguem")

2—2—*De maneira nenhuma* deixarei de visitar o templo onde dizem existir um *lugar cavado para extrahir oiro da terra*, feito por uma *freira budhista do Japão* que lá esteve internada.

Dropê (Da T. E. — Lisbôa)

2—2—O *recibo* passado em papel demasiado *"grande"* tem servido de *commentario.*

Duas Cobras (Da L. C. E. — Sergipe)

2—1—Por não pagar o *"imposto" até* eu fui á *"prisão".*

Enigmatico (Da L. C. E. — Sergipe)

2—2—A *"mulher" do juiz* só vive na *"cidade".*

Estudante

2—2—Não *passes além* da *coberta do navio* onde está o *apparelho de anzóes.*

Gondemaga (T. E. e A. C. L. B.)

3—1—A tua *profissão offerece* meios de empregar *esforço para conseguir alguma cousa.*

Jacy (Recife)

2—1—A *"planta"* que *aqui* tenho, custou-me boa *gorgeta.*

Jasbar (Da A. C. L. B. — Dôres de Indayá).

1—2—E' um *santo "homem"* quem soccorre os pobres desprotegidos da *boa fortuna.*

João d'Oéste (B. N. P. — S. Paulo)

Agradecendo a "Ceres" a sua "inchação".

2—1—*Persiga a quadrilha.*

Jofralo (Da T. E. — Lisbôa)

3—1—O *leproso* furtou a *"letra"* do *mendigo.*

José Alves Franktdampfer d'Assis (S. Francisco do Sul).

4—1—O homem de *influencia* tem *um* porte *altivo.*

Jovaniro (Da A. C. L. B. — Nazareth).

CHARADAS ANTIGAS 86 a 101

O homem *diz verdades duras*—4
Quando se *"nota"* zangado,—1
Por isso que o senhor
Fica *desproposilado*,

Ave da Sorte (Bahia)

Houve forte discussão
Do Zé Bento Malazarte
Com a Rita Mata Cobra,
Por causa de um talabarte.

A Rita muito *"bebida"*—2
No calor da discussão
Um murro no Bento *"planta"*—1
— *"Toma lá*, seu paspalhão". —

Valete de Espadas (Minas)

Tenho um *sotão* velh'nho onde habito—2
E que á *laia* de typo abastado,—2
Fiz-lhe um dia de fino granito,
Uma *especie de muro* inclinado.

Aléssis (Lisbôa)

Falla de todo projecto—2
E de *"cousa"* reservada—2
Fazendo a *enumeração*
Minuciosa e prolongada.

Tok-Tuk (Recife)

(A' Maria dos meus sonhos...)

Os teus olhos são safiras
Co'um brilho fascinador,
Olhos *que* dizem mentiras—1
Quando te falo em amor.

Roubei-te *um* beijo... Perdão!—1
Mas torno a dar-te outra vez,
E como compensação
Em lugar dum... dou-te três...

Dizes que não te mereço,
Que só te inspiro rancor,
Ingrata! Não dás *apreço*
Ao meu tam sincero amor!...

Tansos (Viana do Castelo)

(Ao Gondemaga)

No *canto* de certa rua—2
Ainda cedo em Paris—1
Um typo tinha uma argola
Bem na *aza do nariz.*

Spartaco (Belém, Pará)

Puz na *"bandeja"* a meu lado—2
Uma flor que *ella* me deu;—1
Cujo perfume encantado
A todos surprehendeu.

Quando se colhe uma flor
Numa campina elevada,
Os jasmins perdem o odor
E'a *"planta"* chora calada...

Antiquario (Da L. C. E. — Sergipe)

Tu tens a boquita
pequena, engraçada,
mas, muito encarnada...
Se tanto me irrita.—1

E' cor mais bonita
a propria, cuidada,
que a boca pintada
faz ver a desdita.—2

Porquanto, os teus beijos,
se acaso uns desejos
tu tens, afinal,

Embora dilectos,
são sempre indiscretos
pois deixam *signal.*

Belves (Da T. E. — Lisbôa)

Si você conhece a *idade,*—2
Por uma *côr* do arco iris—2
Diga então que tempo tem,
Esse "*passaro*" de Osiris.

Barbazul (Da L. C. P. — S. Paulo)

Ao Anhangá e ao Jubanidro, agradecendo o "Valente".

A prima vez que li um verso todo feito
De sombras, mysterios (um Enigma velava),
Tantos segredos vi occultos desse geito
Que pensei ser de Satan a arte que eu entrava.

E na ancia de saber quiz ver se decifrava
O modo de o fazer... mas, qual não houve geito!...
Então me convenci que alli decerto andava
O proprio Satanaz occulto no conceito.

Mas emfim quando eu achei a alma do mysterio,
Notei então que só primeira com segunda
Traziam o *Satanaz* da grande barafunda,

E que nas ultimas estava o fogo ethereo,
Crepitando com ardor na mente do *versado!...*
Venceram as finaes: — Satan foi derribado!

Therezinha (L. C. P.)

Cousa sem substancia—2
Se "*nota*" no teu fallar—1
Parece que tua conversa
Palavreado de alvar.

Amador (A. P. — Recife)

"*Macaco*" é bicho sabido—2
Me disse *aquella* mulher—1
Que não é *pessoa estupida*
Segundo me disse Esther.

Tecelão (Recife)

O homem que *não progride* na aldeia—5
Em qualquer occasião, amigo "*João*",—2
Devia ser logo aposentado
Sem augmento nem diminuição.

Conde de la Fére (Bahia)

O beijo que ha tanto tempo espero e rogo
e pelo qual eu clamo e me debato em vão,
não é goso fugáz que chega e passa logo
deixando por consolo uma recordação!

Tua boca que eu *toco de leve* tem um fogo—2
que me abraza o peito e o enche de paixão...

Quero um beijo puro a servir de prologo
ao nosso immenso amor, já sem definição!

Quero ter a tua boca á minha boca unida
esquecido de tudo e até da propria vida
a fruir o prazer *que* o puro amor nos dá.—1

Mas esse beijo puro, oh! illusão, eu sei
que nunca em minha vida eu o receberei,
porque um *beijo* assim tão puro já não ha!

Visconde de Ovar (Porto Alegre — R. G. do Sul).

Ao querido amigo "Gondemaga"

Andas, Marilia,
Com tão má côr...
E' do labor
Com a familia?—1

Se teu palôr
E' de vigilia,
Minha quisilia
Inda é *maior.*—1

São as olheiras
Viz mensageiras
Toma *cuidado!..*

Queres saude?
Que tal côr mude?
Muda de estado...

Arierepamil (T. E. — Lisbôa)

(ENIGMATICA)

Entre dois e quatro, apanhe—1
O que você tem á vista.—2
Segure-o bem, o agadanhe,
Ou o *deixo fugir* da lista.

Anchieta (L. C. P. — S. Paulo)

ENIGMAS CHARADISTICOS

102 a 113

Ao invicto Ignotus

Por obra de Malazartes
o total que ora apresento
é composto de tres partes
sem desconto nem augmento!

Das tres partes a primeira
vê-se logo que é a raiz!
Nesta simples brincadeira
hão de torcer o nariz...

Surge depois na segunda
alvo collo de marfim...
Quero ver quem chega ao fim
desta dure barafunda...

A tercia parte, bem sei,
é a corôa... Que guizado!
Embora não seja rei,
o total é coroado...

Oh! tu, collega, que pousas
a vista, aqui, não te espantas:
Este todo, entre outras cousas,
"*nome é de diversas plantas...*"

Royal de Beaurevéres

Para o sr. Gondemaga

Quem viu pontas invertidas
Como extremos do total?
— Ninguem, pois que quando unidas
Pinta a manta. Hein, *que tal?*

Rhéa Silvia (Da T. E. — S. Luiz)

— Para ter luz em meu lar
O que é preciso fazer?
— Uma "*torcida*" botar
Dentro de um "*vaso*" e riscar
Um fósforo e, após, accender.

Principe de Moskova (Do H. N. — Bahia).

Condemnada a viver por todos despresada,
Sem ter jámais no mundo alguem que me comprehenda
Tendo os pés a sangrar palmilho a minha estrada
Inteiramente só, como o judeu da lenda.

Por onde quer que eu passe apenas o deserto
Aos meus olhos se estende, intermino, sem fim;
Do sol não vejo nunca o lindo pallio aberto!
E' sempre noite immensa em derredor de mim!..

Se ás vezes, já vencida e morta de cansaço,
Delibero sentar-me á estrada, lamacenta
Cortando o espaço azul, fendendo o azul do espaço
O proprio noitibó com medo se afugenta.

Na minha solidão nem mais um ser existe,
Nem mesmo a triste cruz de alguem que já morreu...
Tudo em mim se resume e só em mim consiste,
Porque o unico mortal sou simplesmente eu!

E assim, sempre a vagar, sem ter jámais um norte,
Uma simples visão que me sorria perto
Sósinho viverei até que venha a morte
Um dia sepultar-me á neve do *deserto!..*

Pizarro (Aracajú)

Encontrei o João Trindade
N'um cortume da cidade,
Entre pelles penduradas
Tornando algumas salgadas.

Ao cortar parte final
Neste trabalho total,
Eis que o João procurava
Achar o que costumava.

Mas, depois de gran canceira,
No fim dessa trabalheira,
Do que encontrou fez plural;
E, ficando outro total:
Essa *carne muito magra*.
Misturou com herva onagra.

Sui Generis

Dom Ivo Malazartes, engenheiro,
Desses que tem talento e tem dinheiro,
Resolveu construir
P'ra nelle residir
Um bello *predio*, na Avenida Sete,
Seria um palacete
De quatro andares, todos deseguaes,
De estylo e construcção originaes.
Pelo terceiro a obra começou,
— Com espanto geral de todo o mundo —
E, após quarto e segundo
E mal a construcção deste acabou.
Viu que a Policia, pela frente e fundo,
Do *predio* um cerco em regra executava
E de logo o intimava
A demolir o então edificado
Por ser ás leis horrifico attentado,
A's leis moraes e ás leis da construcção.
Posto aquillo no chão
Tendo por mestre d'obra um bom artista
— Extraordinario e immenso cabalista —
Que lhe disse: — "Aqui 'stou.
Olhem bem para mim!" — recomeçou
O citado engenheiro
Constroe primeiro andar, dois e terceiro
E quarto por final.
E quando concluido o palacete
Houve um brodio no predio colossal.
Foi um pagode na Avenida Sete
Os muitos convidados,
Para as guelas molhar
Percorr'am, contentes, descuidados
Primo, segundo e derradeiro andar.
Elle, porém, com ares triumphantes,
Tambem do tercio sempre se esquecia,
Pois que (modestamente elle dizia)
Delle só dois e mais a cumieira
— Por artes de berloques e berloques —
— Sem maiores retoques —
Vejam, já são bastantes
P'ra mim que dono sou dessa trapeira.

Principe de Eckmühl (Bahia)

Conta Rabatto Fragoso
Que Clara, sua *metade*,
Por triste fatalidade,
E por motivo especioso,
Deixando o lar, na cidade,
Envolto em véo pezaroso,
Se foi unir a um baboso
Typo sem idoneidade!

O nome do sybarita

E' *Zé Maneira* Pé Torto,
E vê-lo expulso do porto,
Eis a esperança infinita,
Que será alto conforto
Ou suprema e estranha dita,
Para o outro, que só cogita
De se vingar, vivo ou morto!

O peor, porém, desse facto
Que aqui fica referido,
E' o escandalo, nascido,
Das vozes de D. Boato;
Pois do "ménage" instituido,
Da consorte do Robatto,
Com o sujeito de que trato,
Proveio bruto *ruido!*

Resta, agora, que os amigos,
Do pobre amigo Fragoso,
Não o deixem, desditoso,

Sózinho, com os seus perigos...
Corram todos ao trabalho
De lhe dar consolação,
E mandem cá para "O Malho"
Do problema a solução!

Principe de Essling (H. N. — Bahia).

(*Ao Paes Leme*)

Em dois boccados divida
a palavrinha escolhida...

Si eu tiver o primeiro
com dinheiro
o segundo saberá;
ou, pelo menos, terá
bem certeiro
indicio... Que baboseira!

Duas partes desiguaes
que nada têm de usuaes.

Si eu tiver a primeira
na algibeira,
segunda me est'mará;
ou, melhor, namorará
com cegueira
de casar... Que forte asneira!

.. ..

Arame e mulher — eis tudo
para formar, com audacia,
deste enigma o conteúdo,
ou seja "*planta violacea*".

Pan (Da T. E. — S. Luiz)

O mar estava em franca calmaria,
N'um pequenino barco, os pescadores,
Gracejando com ditos de alegria,
Vão a pescar, repletos de fervores.

De repente ha mudança radical: —
O tempo que sereno e calmo era
Se transforma em furioso vendaval,
E o horror dos pescadores se apodera.

Homem ao mar! E' o brado do gageiro.
Perdido o *apoio*, sem encontrar guarida—2
E' arremessado ao mar um marinheiro,
Que se vê tonto em defender a vida.

Ora se afunda, ora fluctua e *nada*—1
Aos amigos em vão auxilio pede.
E morre uma creatura desgraçada,
Que é "*um dos homens que levantam a rede*".

Pedro K. (Bom Jesus de Itabapoana — E. Santo).

Ao Bistari, com um abraço

Prima e duas fallaram assim,
Sem acanhamento, sem chinfrim;

.. ..

Eu moro no meu total,
Uma grande freguezia,
Não conheço o bem, o mal,
Tristeza e nem alegria!

Não tenho quarta pós terça,
Mas tenho quarta e segunda.
Vivo tal qual a primeira
Sem viver em barafunda!

Não tenho minha segunda
Juntamente co'a final!
Este meu simples total!

.. ..

E' minha prima e segunda
— Assim fallaram prima e segunda
— Duma "*freguezia lusa*" oriunda!

Moranguinho

Vi os extremos ás avessas
Censurar a parte central
Que com prima mais tercia
Maltratava o meu total
Certo "*gato*", que asneira!

Spartaco (Belém — Pará)

Em prima de primeira mais final
E mais a prima de segunda em frente
De tercia e prima de segunda com
Final, á margem da prima e segunda
De tercia mais segunda do total,
Vi a segunda convertida e rente,
A' tercia e lettras extremas, ao som
Da flauta sua, triste e gemebunda,
Dizendo a prima de segunda mais
Segunda de terceira mais primeira:
Não olvides o meu amor tenaz,
"*Não me deixes*" sosinho, feiticeira.

Morghora

LOGOGRYPHOS 114 a 118

Ao grande logogryphista Tonneau

Tirem-me a luz dos olhos e a esperança
que paira no meu peito soffredor;
tirem-me a fé, prazer, toda a bonança
e a crença de "*homem*" probo e sonhador!—1—2

Tirem-me o pouco de ventura lhança
para que eu soffra qual *nosso-senhor*—1—6
tirem-me a gloria que a vontade alcança
e que me eleva em ancias de fulgôr...

Tirem-me tudo; deixem-me *privado*—3—5
dos *prazeres*. E assim meditabundo—2—4
—5—2

deixem que eu viva triste e acabrunhado!

Mas não me tirem nunca a fé contida
neste amor que é o que me prende ao mundo,
neste amor que é toda a minha *vida!!*

Visconde de Ovar (Porto Alegre — R. G. do Sul).

Ao Dr. Mirones

Amigo, rogue ao bom *"Deus"*,—10—4—12—13
que lá da *"região"* etherea—1—5—8—7—4
escuta os lamentos seus,
p'ra que lhe ajude a materia!

Se *"Deus"* não descer á terra—6—4—8—9
nem ir á *"provincia"* sua—1—2—12—9—4
este logogrypho emperra,
pois não ha quem o destrua!

.. ..

A gente o *disfarça* atôa,—6—13—3—11—7
pois o "bicho" é conhecido!
Não ha ninguem em Lisbôa
que já não o tenha ouvido...

E nada melhor me occorre
para mandar para O MALHO...
Emfim, eu sei que "elle" morre,
mas *ha de lhe dar trabalho!*

Anhangá (Da L. C. P. — S. Paulo)

O homem que não *tem estylo*—2—5—8—3
E quebra um talo duma *"planta"*—2—1—4—3
E' mesmo que um *"animal"*—6—9—4—5
Malvado. Não nos espanta
Quem tem instincto do mal,
E quebra um talo da *"planta"*—4—7—8—9
Sozinho fica. Que tal?

Vinicius (Recife)

Morena que passa
com ar sobranceiro,
componha ou não faça—2—3—5
tal gesto altaneiro.

O riso é negaça
de um beijo primeiro,
e o belo *é* uma taça—3—2—a
de nectar fagueiro.

Se alguem *chega*, a ver-vos,—4—2—5
murmura, sentindo
um transe de nervos...

E' bem *singular*,—1—2—6
que um rosto tão lindo
não saiba *agradar*.

Belves (Da T. E. — Lisbôa)

Convidado, fui caçar
Na *"fazenda"* do Quinzinho;—5—7—3—4
Foram em vão meus esforços,
Não matei um *"passarinho"*.—1—7—5—4
Refeito deste insuccesso
Um convite recebi:
Ir pescar, n'um grande *"rio"*,—5—7—8—6—7
"Um" soberbo suruby,—2—8—9
De tamanho qual um *"monstro"*,—2—8—7—2
Quando no farpão fisgado,
Não lhes conto o succedido,—8—2—8—5—7
Pois no *"Rio"* fui jogado.

Valete de Espadas (Minas)

ENIGMAS PITTORESCOS 119 e 120

Sui Generis

Principe de Otranto (Bahia)

PRAZOS

Terminarão: a 19, 24 e 30 de Agosto proximo e a 1, 3 e 8 de Setembro seguinte. O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim os de Matto Grosso; o sexto, aos restantes e aos de Portugal, sendo que de Sergipe para o Norte, bem como para essa ultima nação européa, as listas de soluções que forem postas no correio no dia da terminação dos prazos, marcados mais acima, serão acceitas, sendo a nossa verificação feita pela data do carimbo postal.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

ERRATA

Apezar de termos dado a errata do numero 1.347 no mesmo numero, nas primeiras paginas, repetimol-a aqui, porque pode ella ter escapado a algum concorrente. E assim faremos de agora em deante para mais segurança: no mesmo numero, a respectiva errata, ratificando-a no seguinte e accrescentando mais algum erro, que não tenha sido publicado.

Nas charadas novissimas de Estudante, e de Lucas, as palavras — *fazenda* e *conquista* — têm grypho e commas. Na da mesma especie, de Mr. Trinquesse — *que anda com garbo* — deve ser gryphado; e em vez de — *jue* — leia-se — *que* — com grypho. Enigma, de Alvasco: — por fim — são as duas ultimas palavras do 5° verso. Enigma, de Jasbar: — existente — e não — existentes (6° verso). Enigma, de Ignotus: — E' — e não — E — (11° verso). Logogrypho 28, de Duque de Paus: o segundo — o — deve desapparecer (3ª linha). Enigma figurado, de Rasalas: o primeiro peixe tem 5 letras e o segundo, 4; o pato tem 3 letras. Bibliotheca do Album de Œdipo: — T. Œ — e não — J. E. Soluções do n. 1.334: — 157 — é — Rapariga; 177 — é Gradelim. Decifradores do mesmo numero: o (idem)

depois de Carlos Costa deve ser trocado para — (Bahia). Colyzeu Edipico Cearense: o jornal official é — *O Œdipo* — e não *O Œdipico*. Hexagono Pharmaceutico: — a 14ª linha deve desapparecer.

Outros ha que em nada alteram a parte charadistica e que o leitor facilmente corrigirá.

Do n. 1.348:

Antiga, de Royal de Beaurevéres: — e —e não — é (11º verso). Dita, de Pan: — O Malho não deve ser gryphado (18º verso). Dita, de Magala: — par e — não — paz, — lhes — e não — lhe, — silves —e não — silvestre — (4º e 12º versos e linha do pseudonymo successivamente). Enigma, de J. L. P. F.: — cochilar, e não — cochichar, e garotete — e não — garoto, — (4º, 23º versos). Dito, de Lagarto: — *bens* — e não — *Tres* (ultimo verso). E' Klingoros e não Clingoros a assignatura do Enigma 60. Logogrypho 65, de Therezinha: — mais linda — em vez de — mansinho, — toda vida — em vez de — todavia — (12º e ante-penultimo versos, successivamente. Dito, de Ponte Corvo e não de Ponce Corvo. Soluções do n. 1.335: — 184 — é — Pejo; 191 — e Metralhadora. Torneio Extraordinario de 1928: a seguir ás linhas 8ª e 9ª entre — enigma, 1 antiga), de Principe de Wagram; é — Tansos — o — Tauros — da 19ª linha.

Dos dous enigmas publicados o de n. 69 é de Euristo, e o 70 é de Jasbar.

Outros pequenos erros o leitor facilmente os corrigirá.

S O L U Ç Õ E S

Do n. 1.336:

Ns. 211 — Girasol; 212 — Unicamente; 213 — Fraca-roupa; 214 — Covil; 215 — Commodo; 216 — Joel; 217 — Despejado; 218 — Esporada; 219 — Fermentação; 220 — Meia-corôa; 221 — Esfola-gato; 222 — Covato; 223 — *Nullo;* 224 — Lobo-gato; 225 — Vivenda; 226 — Fogaça; 227 — Amalista; 228 — Metagenese; 229 — Cantagallo; 230 — Alipio; 231 — Guiacana; 232 — Peresa; 233 — Estafador; 234 — Indolente; 235 — Encavacada; 236 Lia; 237 — Cachoeira; 238 —Cortez; 239 — Denrsso; 240 — Traz o olho no criado que o rouba.

NOTA — Justificação, dentro do prazo regulamentar, de *Covas* para 233, de *Dalio* e *Moleca* para 226 e de *Agapeto* para 230. O enigma 223 (Cardialgia) foi annullado, porque a errata veio estabelecer a confusão no enredo. Em vez de — entre o primeiro e o segundo versos — devia ter sahido — entre o sexto e setimo versos.

D E C I F R A D O R E S

Do n. 1.336:

Anhangá (S. Paulo), Jubanidro (idem), Pompeu Junior (idem), Mr. Trinquesse (idem), 27 pontos cada um; Carlos Costa (Bahia), 26; Ave da Sorte (Bahia), Aventureira (idem), Aureo Marques Vidal (idem), Duque de Paus (idem), 21 cada; Paulo (Itararé), Alvasco (Recife), 19 cada; K. Nivete (Recife), 18; Petronius (Pomba), 14; Anjoro (S. João d'El-Rey), 10; Dama Verde (Bahia), 6.

TORNEIO EXTRAORDINARIO DE 1928

Era nosso intento fazer figurar, em cada numero do torneio, um trabalho, apenas, de cada concorrente; e isto conseguiriamos se a quantidade de artigos continuasse a ser a mesma, ou um pouco maior, que a que a nossa pasta continha em 18 de Junho findo, quando entregámos á composição os originaes relativos ao n. 1.346, de 30 do mesmo mez. Nesse mesmo numero, no titulo — *Torneio Extraordinario de* 1928 — linhas 15, 16 e 17, dissemos: "Os trabalhos, remettidos até agora, não se recommendam muito pela quantidade; mas na essencia são excellentes". Sim, porque, nessa occasião, elles eram em numero de 120 mais ou menos.

D'ahi para cá, avolumaram-se as remessas a ponto dos artigos attingirem o numero de 312, no dia 4, e 335, no dia 9, ambos do corrente; e é provavel que até o fim do mez, se elevem ainda mais.

Nestas condições não podemos fazer mais o que queriamos; as circumstancias actuaes não o permittem.

Não estranhem, pois, se virem figurar em cada numero dous ou mais trabalhos de um mesmo concorrente, pois pretendemos publicar todos os artigos aproveitaveis que, até essa ultima data chegarem ás nossas mãos. Quanto aos que virem depois desse dia, e antes de 1 de Agosto, se houver espaço, sahirão ainda no torneio; não o serão, entretanto, os que recebermos durante o mez de Agosto.

Ao que dissemos no numero passado sobre os premios da L. C. P. para os melhores trabalhos, temos a accrescentar que Anhangá declarou que os socios da Liga não concorrerão a esses premios por motivos ...mente moraes.

Recebemos de 2 a 9 do corrente trabalhos de: Sinhô (1 logogrypho, 3 novissimas), Anhangá (2 novissimas), Amir (4 novissimas), Arthrano (2 ditas, 2 enigmas, 1 antiga), Principe de Beauharnais (2 enigmas, 1 logogrypho), Chica Saloia (3 em phrase, 1 em verso), Alejoal, Portugal (4 novissimas), Xigato (1 em phrase), Razalas (1 novissimas).

CORRESPONDENCIA

De 2 a 9 do corrente.

Dr. Mabuse — o ultimo enigma, o dedicado a Lyrio do Valle, não ha conceito gryphado. Satisfaça essa exigencia.

Radio (Recife) — Está inscripto. As listas de soluções devem vir separadas, uma em cada tira de papel, e dentro do prazo regulamentar.

Carlos Costa (Bahia) — A 6 do corrente seguiu um postal nosso pelo correio, com destino a Avenida Luiz Tarquinio, 23. Recebeu?

Scaramouche (Ilha Grande), Demo-Crata (idem), — Sciente de que constituem o *Grupo dos Bisnéus*. Estão inscriptos, mas é necessario que mandem, em um retalho de papel, separado, nomes, pseudonymos, logar, rua e numero da casa de residencia, tudo escripto pelo proprio punho de cada um.

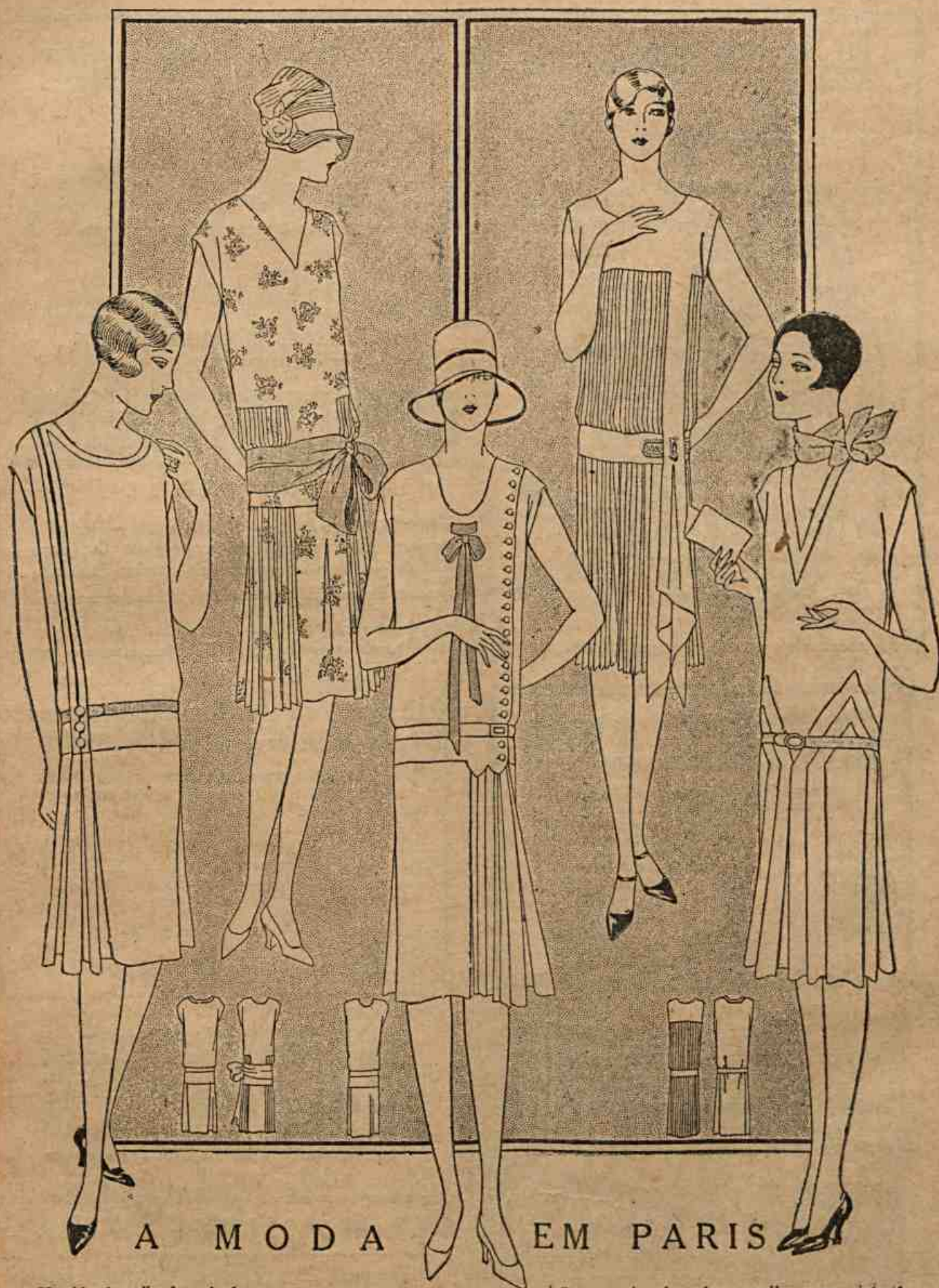
Sinhô (S. Paulo) — Estude bem e veja que, no seu ultimo logogrypho, *resguardar* não quer dizer aquillo que o confrade pensa.

Arthrano (S. Paulo) — Não comprehendemos do enigma, cujo conceito é *capital*, o seguinte: — *E' porque não tem o final* — Parece que não fez tambem entrar, no enredo, a segunda syllaba.

Chica Saloia (Mafra, Portugal), *Alejoal* (Lisbôa), *Xigato* (Mafra), *Razalas* (Lisbôa) — Agradecidos.

MARECHAL

A MODA EM PARIS

1 — Vestido de setim duchesse rosa, a saia original com os seus apanhados cria uma silhueta moderna e muito interessante. 2 — Essa toilette, com a sua tunica franzida e a sua longa echarpe são tambem da banalidade, do já visto. E' este vestido feito com mousseline chiffon cinzento claro e escuro, rosas e botões enrolam-se na faixa torcida feita com os dois tons da gaze. 3 — Tailleur de crêpe de Chine resedá, guarnecido com fitas desde o tom do tecido até o verde escuro. A gravata é feita com o proprio tecido. 4 — Blusa de crêpe de Chine de fantasia, fundo branco com desenhos marrons, guarnecida com tiras de crêpe de Chine marron, saia plissada de crêpe de Chine branco.

A MODA EM PARIS

1 — Vestido de toile de seda branca, como guarnição uma tira de seda vermelha e um cinto de pellica do mesmo tom. 2 — Vestido de crêpe de Chine fundo branco com desenhos de diversas côres, faixa do tom que dominar no desenho. 3 — Vestido de linho branco, botões de madreperola, gravata de seda fantasia branca e azul marinho. 4 — Vestido de crêpe Georgette verde resedá, como guarnição, um bordado feito com fio de ouró e seda verde. 5 — Vestido de toile de seda gris perle, cinto e gravata de um tom azul vivo.

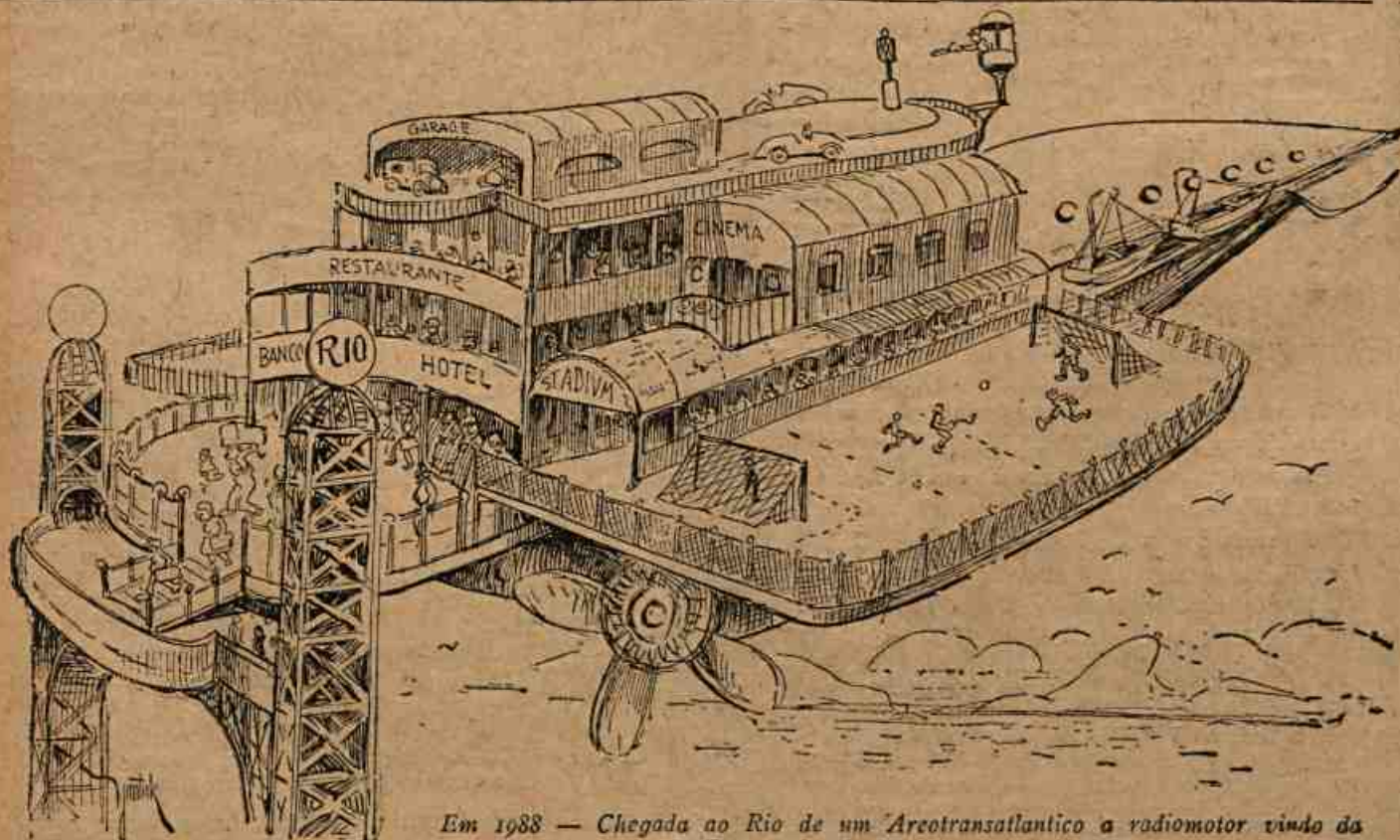
A CAMARA E O CIGARRO

O deputado Henrique Dodsworth, no exercicio de uma actividade cujo brilho já temos, por vezes, aqui assignalado, num dos ultimos discursos que proferiu na Camara, teve occasião de alludir a certos dispositivos do Regimento que são hoje letra morta naquella casa do Congresso. Entre esses, citou o joven deputado carioca, a disposição regimental que prohibe ao deputado, taxativamente, fumar no recinto durante o tempo das sessões.

Essa curiosa disposição do regimento da Camara já deu que falar, aqui ha tempos; e os leitores possivelmente devem ainda estar lembrados de quanta pilheria, quanta galhofa, quanto commentario jogoso suscitou. Foi o Sr. Arnolpho Azevedo — o homem dos queixos — que, certa vez, impressionado com a extensão e o diametro do charuto com que o deputado paranaense Sr. Plinio Marques entopia, constantemente, o recinto, de fumo, tomou a iniciativa de mandar encartar na lei interna da casa a medida coercitiva. Houve reclamações geraes, é claro; mas o Sr. Arnolpho Azevedo (que não havia ainda condescendido com os suaves insinamentos da escola poetica a que mais tarde filiou S. Ex. aquella doce arrancada lyrica dos "arrebóes do sol nascente"), por essa época, não era apenas duro de queixo, mas igualmente duro na quéda. Dahi a inflexibilidade com que procurou manter, e manteve, a sua decisão, pois até o proprio Sr. Francisco Peixoto, que por signal tambem é deputado, não obstante os pruridos de desobediencia que se espalhavam por sua conta, achou de melhor alvitre, ir fumar o seu *Commercial* para o desvão discreto dos corredores, a ter que levantar uma pendenga com aquelle então tremendo presidente da Camara...

Certo, o Sr. Arnolpho Azevedo, encolhido como uma ostra á invulneravel concha da sua importancia parlamentar, não tinha uma noção muito exacta da inoffensividade do ingenuo goso do fumo, que os orientaes nos legaram. Ignorava S .Ex., sem duvida, homem austero que é, pouco dado aos delicados prazeres dos convivios sociaes, que o fumar constitue, hoje em dia, um habito de tal modo innocente que as proprias damas e as mais finas, o cultivam, com successo, em sociedade. Assim, a questão foi collocada, na Camara, por S. Ex., no terreno de um desvio da bôa educação mesmo de uma possivel falta de respeito que o Regimento procurava corrigir. Dahi o exito que a providencia poude alcançar, posto que entre a chacota e o sorriso ironico dos proprios collegas do pudibundo presidente.

Passam-se os tempos, porém. O Sr. Arnolpho, com a alegria geral, ao foguetorio de toda a Camara, é, em bôa hora despachado para o Senado com queixo e tudo. O Sr. Rego Barros, assumindo a presidencia da casa, faz vistas grossas á constrangedora medida. Volta o Sr. Plinio a exhibir, com arrogancia, no recinto, o seu tubo bahiano; o Sr. Francisco Peixoto já accende com destemor, em plena bancada mineira, o seu *Commercial;* o Sr. Joviano de Castro ensaia, timidamente, em frente á meza, o seu perfumado palhinha goyano; por fim, o disciplinado Sr. Ubaldino de Assis, distribuindo ás mancheias, por entre os collegas, os *Suerdicks* com que, annualmente, o presenteiam os proprietarios dessa acreditada fabrica de charutos de S. Salvador, mette francamente á bulha o acto do ex-presidente; em breve, toda a Camara, ás barbas (aliás, rigorosamnte raspadas) do Sr. Rego Barros entópe o recinto de fumaça.

Contra a volta ao delicioso habito é que o joven Sr. Dodsworth, novo catão do cigarro, vem de produzir, na Camara, uma vehemente reclamação. Evidentemente S. Ex. está com a razão, visto que se trata de uma disposição legal que aquella casa das Leis deve ser a primeira a cumprir, para dar o bom exemplo. Mas será que valerá a pena? — B.

Em 1988 — Chegada ao Rio de um Aerotransatlantico a radiomotor vindo da Europa depois de 3 horas de viagem

AS MACAQUINAS

VERSOS DO FUTURISMO, Á VONTADE DO FREGUEZ...

ZE' POVO

— Salve a grande, portentosa
LUGOLINA!
Unico remedio do Brasil
Que conseguiu,
Triumphante,
Glorias mil!
Na Europa, na Argentina,
Uruguay e toda a parte
Vae andando sempre avante!

LUGOLINA

— Obrigado, meu Zé Povo!
Agradeço a saudação
Ao remedio Brasileiro,
Que foi o primeiro,
E até hoje unico,
Que se vende, de verdade,
Na Europa e Sul America;
Agora a Salsa,
Caroba e Manacá,
Do celebre chimico
Marques de Hollanda,
Preparada pelo Doutor
Eduardo França,
Auctor da Lugolina,
Está fazendo tambem
Grande successo
Aqui e no estrangeiro.
Remedio Brasileiro,
Depurativo o primeiro!
Lugolina por fóra,
Salsa por dentro,
Até um morto se cura,
Sem seccura,
Da lingua e nem da bolsa...

ZE' POVO

— Bravos, Lugolina,
Ainda estás menina
E nunca mais envelheces...
— Mas... diz-me:
Que bichanos,
Tão feios, horripilantes,
Contornam a tua figura,
Tuas fórmas triumphantes
De belleza e de finura?

LUGOLINA

— Ah! não sabes?
São as inexgotaveis,
Disfrutaveis
Macaquinas.
Assim como quem diz,
De idéas pequeninas,
E só sabem imitar,
Macaquear...
São todas essas INAS
Que depois que viram
O successo meu até na Europa,
Não sabem senão viver á sombra
Do meu real valor...
Mas que fedor, que exhalação,
Que produzem sempre,
Sempre na opinião
De todo o mundo!
Ellas, se são capazes,
Que façam o que eu fiz,
Com glorias mil...
Desafio, rapazes,
Que possam ter cotação
No estrangeiro, Norte e Sul,
E no muito amado BRASIL!

Lugolina e Salsa

JUNTOS, REUNEM SCIENCIA E ARTE
POR ISSO SE VENDE EM TODA PARTE!

A BOTANICA DA Sra. BERTHA LUTZ

A sympathica e insinuante figura da Sra. Bertha Lutz, contra quem não nos move nenhum sentimento de animosidade, deve estar, a esta hora, profundamente empenhada em levar, por diante, no Estado da Parahyba, os seus estudos e as suas experiencias de botanica, classificando novos especimens da flora indigena, afim de poder, depois de algum tempo, dar bôas contas da missão de que acaba de ser incumbida pelo governo, segundo referiram os jornaes.

Em face dessa informação, uma pergunta occorre naturalmente: onde foi o governo descobrir na Sra. Bertha Lutz essa capacidade scientifica que a indicasse para tão delicada missão? Viessem dizer-nos que a Sra. Lutz estava em condições de propagar idéas em favor da instituição, no Brasil, do voto feminino, sim senhores, muito bem, de perfeito accordo... Mas estudar botanica, por conta do governo, na Parahyba — seja tudo pelo amor de Deus!...

Apezar da sympathia — repetimos — e mesmo do respeito que nos merecem as nossas patricias, não se póde deixar de reconhecer que o caso da missão confiada á Sra. Bertha Lutz envolve mais um desses escandalozinhos de que tão fertil tem sido a nossa administração republicana, sempre prompta a sacrificar os dinheiros que o suor do povo accumula nos cofres da Nação com favores de ordem puramente pessoal, os quaes não encontram justificativa nem na razão nem no apoio publico. Isso é feio. E' muito feio, quer se tratem de embaixadas régias e inuteis, quer se trate sipplesmente da Sra. Bertha Lutz que, por signal — é curioso notar esta coincidencia — foi destacada para fazer as suas experiencias "scientificas" exactamente nas visinhanças do Estado do Rio Grande do Norte, fóco do stegomya do feminismo no Brasil

Vendo passar o Presidente

Esse que vae passando altivamente
Senhores, bello, forte, varonil,
E' o nosso glorioso presidente,
E a maxima figura do Brasil!

Vendo-o passar assim tão imponente,
Augusto, cheio de attractivos mil,
Ser incapaz nossa alma logo o sente
D'um acto indigno ou pensamento vil!

E' generoso, probo, simples, culto,
Um modelo de força e de energia;
Recorda de Plutarcho um nobre vulto!

E' grande! e o odio em vão lhe move guerra!
Pois, se de feitos tem, os "amnistia"
O seu immenso amor por nossa terra!

LUIZ ALVES DOS SANTOS.

PROPAGANDA DO BRASIL

SOCIEDADE DE TURISMO: — Senhores! Podem sem receio vir ao Rio! O estado sanitario da cidade é excelle! A febre amarella já azulou! Os mosquitos tendem a desapparecer por completo devido á falta dagua com que está lutando a população!

Não Basta Lêr!

E' preciso lêr com proveito!

Procurae tirar algum proveito das vossas leituras, não vos deixando tentar por essa literatura de cordel, que apenas serve para envenenar o espirito.

As obras que se annunciam nesta pagina foram editadas com o pensamento de offerecer aos leitores novellas moraes, mas com lances de heroismo, com episodios fortes da vida real e da imaginativa, que deleitam grandemente.

Tres Obras de Enrêdo Maravilhoso!

CADA UMA DESTAS OBRAS, EDITADAS EM ARTISTICOS FASCICULOS ILLUSTRADOS, PELA SOCIEDADE ANONYMA "O MALH'O", CUSTA 3$000 NO RIO OU PELO CORREIO.

ELLA

"ELLA" é o titulo da mais suggestiva e maravilhosa novella do romancista inglez e que está traduzida em todas as linguas modernas. E' a historia de uma mulher satanica e linda, linda, que viveu muitos seculos á espera do amante que quando afinal chegou, foi por ella mesma assassinado...

ESSES FASCICULOS PODERÃO SER PEDIDOS, COM A REMESSA DE 3$000 PARA CADA LIVRO (6 FASCICULOS), EM DINHEIRO OU EM SELLOS DO CORREIO.

O Poder Mysterioso

Desta assombrosa novella de Hans Dominik, o mais popular romancista teuto, foram vendidos cerca de cem mil exemplares só na Allemanha, em dois mezes! Dizendo-se isto e que as scenas se consideram occorridas no anno de 1955, mais não é preciso accrescentar-se.

Brutos, Homens e Deuses

E' esta a historia do sovietismo feroz que implantou o terror na Russia. Livro formidavel, escripto pelo sociologo polonez Fernando Ossendowski, deve ser lido por todos os patriotas brasileiros.

Escreva hoje mesmo para

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Rua do Ouvidor, 164

Rio de Janeiro

PILULAS

(PILULAS DE PAPAINA E PODOPHYLINA)

Empregadas com successo nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Estas pilulas além de tonicas, são indicadas nas dyspepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularisador das funcções gastro-intestinaes.

A' venda em todas as pharmacias. Depositarios: J. FONSECA & IRMÃO. — Rua Acre, 38 — Vidro 2$500, pelo correio 3$000 — Rio de Janeiro.

Quando se Passa Dos 40 e a Vida se Torna um Pesadello, Todo o Trabalho é Sem Prazer - Tome Sorët o Avigorador Dos Nervos

EMPREGOS EM NOVA YORK

De Agosto deste anno a Maio do vindouro vámos preencher cinco vagas em nossos escriptorios em Nova York. O preenchimento dessas vagas se fará por meio de um concurso para o qual preparamos um curso pratico pelo preço minimo e unico de 20$000. Os candidatos classificados serão admittidos mediante um contracto em que se garante passagem e um ordenado de 22 dollars por semana, por um anno, em Nova York. Informações: CASA BRASILEIRA — Rua Barão de Paranapiacaba, 1 — 7º andar, sala 6 ou Caixa Postal, 885 — São Paulo.

LIVROS DE ANATOLE FRANCE

encadernados

na

Livraria Pimenta de Mello & C.

RUA SACHET, 34

MARATAN

Tonico nutritivo estomacal (Arseniado Phosphatado) Elixir Indigena — Preparado no Laboratorio do Dr. Eduardo França — EXCELLENTE RECONSTITUINTE — Approvado pela Saude Publica e receitado pelas Summidades medicas — Falta de forças, Anemia, Pobreza e Impureza de sangue, Digestões difficeis, Velhice precoce. Depositarios: Araujo Freitas & C. — 88, Rua dos Ourives, 88

O QUE VALE O DINHEIRO SEM A SAUDE?

TRICALCINE

Appr. D. N. S. P. sob o Nº 364 em 31-8-18

A DÁ

ANEMIA, DEBILIDADE, RACHITISMO ESCROFULOSE, BRONCHITES TUBERCULOSE

LABORATOIRE SCIENTIA, 21, Rue Chaptal, PARIS.
JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara, RIO DE JANEIRO.

FERRO DO Dr GIRARD

8, Rue Vivienne, 8 — PARIS

O FERRO GIRARD cura as cores pallidas as caimbras do estomago, a pobreza do sangue, fortifica os temperamentos fracos, excita o appetite, regularisa a menstruação e combate a esterilidade.

Em todas as Pharmacias.

O que distingue sobretudo este novo sal de ferro, é que não só, não produz prisão de ventre, como a combate efficazmente. (*Relação do Professor Herard á Academia de Medicina de Paris*).

APIOLINA CHAPOTEAUT

Regulariza a menstruação, acaba com os atrazos supprimindo-os, assim como com as colicas e dores que costumam renovar-se com as epocas da menstruação.

[illegible]

SAÚDE DAS SENHORAS.

CAPSULAS DE QUININA PELLETIER

As Capsulas de Quinina Pelletier são soberanas contra as *febres, Enxaquecas, Neuralgias, Influenza, Constipações e Grippe*.

EXIGIR O NOME.

Todas as Pharmacias

Inoffensivo, de absoluta pureza, cura dentro de **48 HORAS** corrimentos que exigiam outr'ora semanas de tratamento com copahiba, cubebes, opiatas e injecções.

Paris, 8, rua Vivienne, é em todas as Pharmacias

PURGANTE REFRESCANTE RELAXANTE VEGETAL

Remedio infallivel contra a prisão de ventre

A

FRUTA JULIEN

Recommenda-se igualmente contra as *DOENÇAS do ESTOMAGO*, do *FIGADO*, a *ICTERICIA*, a *BILIS*, a *PITUITA*, os *ENJÔOS* e *ARROTOS*

Paris, 8, rue Vivienne em todas as pharmacias.

BROMIL é o melhor xarope para asthma, bronchite, rouquidão, irritações dos bronchios, coqueluche e demais doenças do apparelho respiratorio.

BROMIL solta o catharro, desentope os bronchios, allivia o peito e faz cessar as tosses.

BROMIL é um calmante e um desinfectante dos pulmões.

Officinas Graphicas d'O MALHO